



PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

RESOLUÇÃO COEPE/UEMG Nº 387, DE 16 DE MARÇO DE 2023 que aprova alterações no Projeto Pedagógico do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Unidade Acadêmica de Divinópolis

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO	4
2. HISTÓRICO E PERFIL INSTITUCIONAL	5
3. APRESENTAÇÃO DO CURSO	10
4. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR.....	23
7. ESTRUTURA CURRICULAR	25
8. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM	99
9. PROGRAMAS DE ASSISTÊNCIA E APOIO PSICOLÓGICO E PSICOPEDAGÓGICO AO ESTUDANTE	100
10. FORMAS DE FUNCIONAMENTO DO COLEGIADO E COORDENAÇÃO DO CURSO.....	103
12. CORPO DOCENTE.....	105
14. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	112
APÊNDICE 2	127
APÊNDICE 3	133

ESTRUTURA ADMINISTRATIVA

REITORA

Lavínia Rosa Rodrigues

VICE-REITOR

Thiago Torres Costa Pereira

PRÓ-REITORA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

Vanesca Korasaki

PRÓ-REITOR DE EXTENSÃO

Moacyr Laterza Filho

PRÓ-REITORA DE PLANEJAMENTO, GESTÃO E FINANÇAS

Sílvia Cunha Capanema

PRÓ-REITORA DE GRADUAÇÃO

Michelle Gonçalves Rodrigues

DIRETORA DA UNIDADE ACADÊMICA DE DIVINÓPOLIS

Ana Paula Martins Fonseca

VICE-DIRETOR DA UNIDADE ACADÊMICA DE DIVINÓPOLIS

André Amorim Martins

COORDENADORA DO CURSO DE ENFERMAGEM

Fernanda Marcelino de Rezende e Silva

SUBCOORDENADORA DO CURSO DE ENFERMAGEM

Karla Amaral Nogueira Quadros

PROFESSORES RESPONSÁVEIS PELA ELABORAÇÃO DO PROJETO

Amanda Conrado Silva Barbosa

Denise Maria da Silva Rover Rabelo

Débora Aparecida Silva Souza

Eduardo Nogueira Cortez

Fabrizio Furtado de Souza

Fernanda Marcelino de Rezende e Silva

Heuler Souza Andrade

João Marcos Alves Melo

Karla Amaral Nogueira Quadros

Ludimila Silva Brighenti

Regina Consolação dos Santos

Silmara Nunes Andrade

NÚCLEO DOCENTE ESTRUTURANTE (NDE) CURSO ENFERMAGEM

Débora Aparecida Silva Souza

Eduardo Nogueira Cortez

Fernanda Marcelino de Rezende e Silva

Karla Amaral Nogueira Quadros

Silmara Nunes Andrade

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Estabelecimento de Ensino: Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG

Unidade Acadêmica: Divinópolis

Esfera administrativa: Estadual

Curso: Bacharelado em Enfermagem

Modalidade: Presencial

Turno de funcionamento: Matutino e Noturno

Integralização do curso:

- **Mínima:** 5 anos (10 semestres)

- **Máxima:** 9 anos (18 semestres)

Número de vagas anuais: 40

Regime de matrícula: Semestral e por disciplina

Carga horária total do curso em hora/relógio: 4.320

Formas de ingresso: Vestibular, Sistema de Seleção Unificada - SISU, Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM, Transferência, Obtenção de novo título e Reopção de curso.

Regime de ingresso: anual

Início de funcionamento: Primeiro semestre de 1999.

Renovação de Reconhecimento: Resolução SEE 4363 de 26/06/2020, publicada em 30/06/2020 - a contar de 31/07/2020.

Município de implantação: Divinópolis, Minas Gerais

Endereço de funcionamento do curso: Avenida Paraná, 3001

Bairro: Jardim Belvedere II CEP: 35.501-170

Fone: (37) 3229-3576 **e-mail:**

enfermagem.divinopolis@uemg.br

2. HISTÓRICO E PERFIL INSTITUCIONAL

2.1. Histórico da UEMG

Uma análise da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG desde sua criação, permite dizer que a universidade representa, hoje, uma alternativa concreta e rica de aproximação do Estado mineiro com suas regiões, por acolher e apoiar a população de Minas onde vivem e produzem. Por sua vocação, tem sido agente do setor público junto às comunidades, colaborando na solução de seus problemas, através do ensino, da pesquisa e da extensão e na formatação e implementação de seus projetos de desenvolvimento.

Para se firmar no contexto do Ensino Superior no Estado e buscando estar presente em suas mais distintas regiões, a UEMG adota um modelo multicampi, se constituindo não apenas como uma alternativa aos modelos convencionais de instituição de ensino, mas também de forma política no desenvolvimento regional. Assim, a Universidade apresenta uma configuração ao mesmo tempo, universal e regional. Deste modo, ela se diferencia das demais pelo seu compromisso com o Estado de Minas Gerais e com as regiões nas quais se insere em parceria com o Governo do Estado, com os municípios e com empresas públicas e privadas. Compromisso este apresentado em um breve histórico da formação de suas Unidades acadêmicas.

A UEMG foi criada em 1989, mediante determinação expressa no Art. 81 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias – ADCT da Constituição do Estado de Minas Gerais e a sua estrutura foi regulamentada pela Lei nº 11.539, de 22 de julho de 1994, estando vinculada à Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Ensino Superior – SECTES, à qual compete formular e implementar políticas públicas que assegurem o desenvolvimento científico e tecnológico, a inovação e o ensino superior.

O Campus de Belo Horizonte teve sua estrutura definida pela mesma Lei, que autorizou a incorporação à UEMG da Fundação Mineira de Arte Aleijadinho – FUMA, hoje transformada em duas escolas: Música e Design; a Fundação Escola Guignard; o curso de Pedagogia do Instituto de Educação, transformado na Faculdade de Educação de Belo Horizonte, e o Serviço de Orientação e Seleção Profissional – SOSF, hoje convertida em Centro de Psicologia Aplicada – CENPA. Compõe o Campus Belo Horizonte ainda, a Faculdade de Políticas Públicas Tancredo Neves, criada pela Resolução CONUN/UEMG Nº 78, de 10 de setembro de 2005, com vistas a contribuir para a consolidação da missão institucional da UEMG

relativa ao desenvolvimento de projetos de expansão e diversificação dos cursos oferecidos e, para a ampliação do acesso ao ensino superior no Estado.

No interior, a UEMG realizou, em convênio com prefeituras municipais, a instalação do curso de Pedagogia fora de sede em Poços de Caldas e das Unidades Acadêmicas em Barbacena, Frutal, João Monlevade, Leopoldina e Ubá com a oferta de cursos que buscam contribuir para a formação de profissionais e para a produção e difusão de conhecimentos, que reflitam os problemas, potencialidades e peculiaridades de diferentes regiões do Estado, com vistas à integração e ao desenvolvimento regional.

Por meio da Lei nº 20.807, de 26 de julho de 2013, foi prevista a estadualização das fundações educacionais de ensino superior associadas à UEMG, de que trata o inciso I do § 2º do art. 129 do ADCT, a saber: Fundação Educacional de Carangola; Fundação Educacional do Vale do Jequitinhonha, de Diamantina; Fundação de Ensino Superior de Passos; Fundação Educacional de Ituiutaba; Fundação Cultural Campanha da Princesa, de Campanha e Fundação Educacional de Divinópolis; bem como os cursos de ensino superior mantidos pela Fundação Helena Antipoff, de Ibirité, estruturada nos termos do art. 100 da Lei Delegada nº 180, de 20 de janeiro de 2011, cujos processos de estadualização foi encerrado em novembro de 2014.

Com as últimas absorções efetivadas, a Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG assumiu a posição de terceira maior universidade pública do Estado, com mais de 23 mil estudantes, mais de 100 cursos de graduação, 26 cursos de especialização, 9 mestrados, 2 doutorados e presença em 17 municípios de Minas Gerais, contando ainda com polos de ensino a distância em 13 cidades mineiras.

2.2. Histórico da Unidade Acadêmica de Divinópolis

A Unidade Acadêmica de Divinópolis da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, tem sua história vinculada à da Fundação Educacional de Divinópolis – FUNEDI, que foi criada pelo Governo do Estado de Minas Gerais através da Lei nº 3.503 de 04.11.1965 sob a denominação de Fundação Faculdade de Filosofia e Letras de Divinópolis – FAFID e em 1977, passou a denominar Fundação Educacional de Divinópolis – FUNEDI.

A FUNEDI, enquanto mantenedora de instituições de ensino superior, teve por objetivo principal, desde o início de seu funcionamento, manter e desenvolver, de conformidade com a legislação federal e estadual pertinente, estabelecimento integrado de ensino e pesquisa, de nível superior, destinado a proporcionar, a esse nível, formação acadêmica e profissional.

Em relação às instituições de ensino superior que eram mantidas pela FUNEDI, o Instituto de Ensino Superior e Pesquisa – INESP – era a mais antiga, e sua história confundia-se com a da própria Fundação. Sua origem remonta a 1964 sob o nome de Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Divinópolis - FAFID, cujas atividades letivas tiveram início no primeiro semestre de 1965, com os cursos de Ciências Sociais, Filosofia, Letras e Pedagogia. Em 1973, a FAFID, reestruturada, passou a denominar-se Instituto de Ensino Superior e Pesquisa – INESP.

A partir de 2001, a criação do Instituto Superior de Educação de Divinópolis – ISED – determinou uma profunda mudança na estrutura do INESP, que transferiu à unidade recémcriada a responsabilidade pelos cursos de licenciatura, ficando com os cursos de bacharelado. Além do ISED, outras instituições de ensino superior foram criadas e mantidas pela FUNEDI: a Faculdade de Ciências Gerenciais – FACIG e o Instituto Superior de Educação de Cláudio – ISEC, no município de Cláudio/MG; o Instituto Superior de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas de Abaeté – ISAB e o Instituto Superior de Educação do Alto São Francisco – ISAF, no município de Abaeté/MG e o Instituto Superior de Ciências Agrárias – ISAP, no município de Pitangui/MG.

A história da UEMG e da FUNEDI inicia em 1989, quando a Assembleia Geral da Fundação Educacional de Divinópolis – FUNEDI, com base no disposto no parágrafo primeiro do Art. 82 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias da Constituição Mineira de 1989, optou por pertencer à Universidade e constituiu-se, por força do decreto governamental 40.359 de 28/04/99, que trata do credenciamento da Universidade, como Campus Fundacional agregado à UEMG, passando à condição de associada, a partir de 2005, nos termos do art. 129 do referido Ato.

Em 27 de julho de 2013 foi assinada a Lei nº 20.807, que dispôs sobre os procedimentos para que a absorção das fundações educacionais de ensino superior associadas à Universidade do Estado de Minas Gerais se efetivasse.

Em 3 de abril de 2014 foi assinado o Decreto nº 46.477, de 3 de abril de 2014, que regulamentou a absorção da Fundação Educacional de Divinópolis a partir de 03 de setembro de 2014. Assim, a partir desta data, as atividades de ensino, pesquisa e extensão da Fundação Educacional de Divinópolis foram transferidas à Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG, garantindo aos alunos da graduação o ensino público e gratuito.

A criação e manutenção pela FUNEDI, de instituições de ensino superior em várias cidades de Minas Gerais, sempre teve como princípio norteador a proposta inicial da Universidade do Estado de Minas Gerais, mesmo antes de sua absorção, que é o princípio multicampi, que permite a cada uma das várias unidades localizadas em diversas regiões do Estado exercer sua vocação própria, contribuindo para o desenvolvimento das localidades sob sua área de influência.

A FUNEDI sempre foi considerada uma referência no Centro-Oeste Mineiro devido ao seu envolvimento com as questões sociais e ambientais, através do **ensino**, com os cursos de graduação, pós-graduação “lato sensu” e Mestrado Profissional em Desenvolvimento Social, recomendado pela CAPES, e pela sua participação em diversos projetos de **pesquisa** e **extensão** junto à comunidade de Divinópolis e nos municípios circunvizinhos, que ganham mais força com a sua absorção pela Universidade do Estado de Minas Gerais, garantindo assim a manutenção do seu princípio de indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

2.3. Contribuição para o Desenvolvimento Regional

A Unidade de Divinópolis sempre foi considerada uma referência no Centro-Oeste Mineiro devido ao seu envolvimento com as questões sociais e ambientais, através do ensino; por seus cursos de graduação, pós-graduação “lato sensu” e Mestrado Profissional em Desenvolvimento Social, recomendado pela CAPES e pela sua participação em diversos projetos de pesquisa e extensão junto à comunidade de Divinópolis e nos municípios circunvizinhos, que ganham mais força com a sua absorção pela Universidade do Estado de Minas Gerais, garantindo assim a manutenção do princípio de indissociabilidade entre o ensino, a pesquisa e a extensão.

2.4. Contexto socioeconômico do município de Divinópolis

O município de Divinópolis está situado no centro-oeste do Estado de Minas Gerais, insere-se na Região Administrativa do Alto São Francisco e da Associação dos Municípios da Microrregião do Vale do Itapeçerica como polo de atividade siderúrgica, do vestuário e agropecuária.

Divinópolis está localizada a 20° 08' 21" de latitude Sul e 44° 53' 17" de longitude Oeste, a 106 km do sudoeste de Belo Horizonte. Possui 708 km², com uma população de 213.076 habitantes, clima tropical de altitude, PIB do município de R\$13.902,16, IDEB 64º lugar, expectativa de vida 75, 84 anos, O IDH de Minas Gerais é de 0,731 e de Divinópolis é de 0,764 ficando em 21º lugar em relação à Minas Gerais (IBGE, 2010).

Divinópolis faz limites ao norte com Nova Serrana, ao noroeste com Perdigoão, ao oeste com Santo Antônio do Monte, sudoeste com São Sebastião do Oeste, ao sul com Cláudio e a Leste com Carmo do Cajuru e São Gonçalo do Pará.

Divinópolis é o município polo da Macrorregião de Saúde Oeste de Minas Gerais sendo referência para uma população estimada em 1.276.557 habitantes, distribuídos em 53 municípios de pequeno e médio porte, em que constituem 8 Regiões de Saúde (Bom Despacho, Campo Belo, Divinópolis, Formiga, Itaúna, Lagoa da Prata/Santo Antônio Do Monte, Pará de Minas, Oliveira/Santo Antônio do Amparo) (MINAS GERAIS, 2020).

Divinópolis é a maior cidade da região, com uma população estimada em 242.505 habitantes (IBGE, 2021). Possui 70 estabelecimentos públicos de saúde, dentre eles, 46 Unidades Básicas de Saúde, 01 Policlínica, 01 Unidade de Pronto Atendimento, 01 Centro de Atenção

Psicossocial – CAPs III, 01 Centro de Atenção Psicossocial Infante Juvenil, 01 Centro de Reabilitação (CRER), 06 farmácias para dispensação de medicamentos básicos, 01 unidade de vigilância em Saúde, 1 serviço de apoio diagnóstico. Outros estabelecimentos privados/filantrópicos participam de forma complementar do SUS, entre eles 03 hospitais e 16 serviços especializados. Conta com um total de 371 leitos credenciados no SUS, sendo 83 leitos cirúrgicos, 176 clínicos, 90 psiquiátricos, 22 UTIs sendo, portanto, referência em saúde para todo o oeste mineiro (CNES, 2021).

Nesse contexto, o curso de Enfermagem oferecido pela Unidade Acadêmica de Divinópolis da UEMG, contribui, há 22 anos, com a formação de profissionais aptos a exercerem suas atividades considerando esse cenário da saúde do Centro-Oeste Mineiro, formando profissionais para um mercado de trabalho com ênfase na saúde coletiva.

3. APRESENTAÇÃO DO CURSO

3.1. Justificativa

O Curso de Enfermagem na Unidade Acadêmica de Divinópolis teve seu início em 05 de abril de 1999, sendo seu primeiro Projeto Pedagógico baseado na Portaria Nº 1.721/94 (Ministério da Educação e do Desporto) e pela Lei 7.498/86 (Brasil, 1986), apontando desde então para um processo de formação de profissionais competentes, críticos e comprometidos com a saúde da população.

A promulgação das Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação em Enfermagem (Resolução Nº 3 de 7/11/2001) trouxe a necessidade de redirecionamento dos conteúdos de ensino e da pesquisa, tomando a extensão como eixo articulador, assim como a necessidade de diversificação dos cenários de prática.

Segundo dados do IBGE (2018), a população economicamente ativa de Minas Gerais corresponde a 11% do total do País. Possui esperança de vida ao nascer, de 81,24 anos para as mulheres, 75,6 anos para os homens e taxa de mortalidade infantil de 11,45 para mil nascidos vivos. Cerca de 30% da população mineira tem menos de 24 anos de idade, o que evidencia o potencial de demanda por educação nos próximos anos, sobretudo, se considerar que a região Sudeste tem grau de urbanização de mais de 85,3%. (IBGE, 2021).

A Instituição tem como premissa contribuir para a promoção da saúde coletiva e para a consolidação do Sistema Único de Saúde na região Centro-Oeste de Minas Gerais, sendo o Curso de Enfermagem um instrumento importante para o cumprimento de sua política institucional.

No cotidiano, experimentamos os déficits qualitativos e quantitativos de atenção à saúde, convivemos com uma assistência centrada na dimensão biológica, que ignora as dimensões sociais e psicológicas do processo saúde-doença vivenciado pelo indivíduo ou pelo coletivo.

São perceptíveis os sinais de reorientação do modelo assistencial e organizacional, representados pelas experiências e estratégias de gerenciamento, que procuram romper com a lógica do produtivismo dos serviços e implementam práticas fundadas em um conceito mais abrangente de saúde com participação social e qualidade de vida para todos.

Considerando este contexto em uma perspectiva de transição de “paradigmas”, o Curso de Enfermagem tem buscado orientar as bases sob as quais está assentada a sua organização pedagógica. Enquanto componente curricular, requer professores qualificados e conscientes das transições econômicas e socioculturais do país que repercutem diretamente na saúde da sociedade. Ademais, isso implica em desenvolver a compreensão do ambiente em suas múltiplas relações na comunidade integrado e conhecedor das questões de relações étnicoraciais (BRASIL, 2004) com práticas educativas pedagogicamente referenciadas.

Nesta orientação, as diretrizes e referenciais curriculares para a Graduação em Enfermagem propõem superar, por um lado, a interpretação tecnicista clássica, geradora da profissionalização estreita e, por outro, o neotecnismo, que compreende a relação entre educação e trabalho no restrito limite da empregabilidade e apontam uma recontextualização do ensino de Enfermagem com base no conceito de competência humana para o cuidar.

3.1.1. Análise da demanda pelo curso de Enfermagem

De acordo com dados do IBGE (2019) houve 24.191 alunos matriculados no ensino fundamental e 8.013 matriculados no ensino médio na rede pública. Considerando que a maioria destes alunos em breve concluirá o ensino médio na rede pública e privada, a possibilidade de os jovens terem acesso ao ensino na Universidade do Estado de Minas Gerais se torna uma importante oportunidade.

Com o processo da absorção da graduação pela Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG, em Divinópolis, houve um aumento do número de candidatos por vaga no Processo Seletivo de 2021, conforme quadro abaixo:

CURSO	VAGAS/TURNO/ENTRADA	Candidato/vaga			Forma de ingresso	
		2019	2020	2021	2021 SISU	2021 ENEM
Enfermagem	40 Vagas – Noturno - anual	20.60	21	10,78	11	29

Na região Centro-Oeste de Minas Gerais é crescente a demanda de profissionais devido ao aumento do número de unidades de estratégia saúde da família na região, estado e país, a remodelação da Unidade de Pronto Atendimento, o Hospital Público Regional e no aguardo pela aprovação de início de funcionamento do SAMU no município.

3.1.2. Área de atuação do curso

De acordo com o Parágrafo único do Art. 5º da resolução CNE/CES N° 3, de 07 de novembro de 2001 a *“Formação do enfermeiro deve atender às necessidades sociais da saúde, com ênfase no Sistema Único de Saúde (SUS) e assegurar a integralidade da atenção e a qualidade e humanização do atendimento.”*

Essa formação dar-se-á de forma dinâmica e articulada nas áreas básica, assistencial, de pesquisa/extensão, administrativa e pedagógica, tendo como referências básicas as condições de vida e o perfil epidemiológico da população, as diretrizes políticas definidas para o setor saúde e a demanda de serviços de saúde.

O currículo está delineado de maneira a privilegiar a integração teoria e prática, ensino e serviço, favorecendo a inserção precoce e gradual do aluno nos contextos de produção dos serviços de saúde, em seus diversos níveis de assistência, favorecendo o domínio de conhecimentos e habilidades e seu compromisso social.

Essa construção possibilita que a prática/cuidado e a compreensão da realidade sejam assumidas como eixos articuladores do ensino, desde o início da vida acadêmica, assumindo a transversalidade dos conteúdos trabalhados pelos campos de conhecimento disciplinar, que deverá articular conteúdos teórico-práticos em função das competências a serem desenvolvidas, numa sequência orientada pelo processo de vida/saúde/doença dos indivíduos e da coletividade, nos diversos espaços de atuação do enfermeiro.

Esta concepção curricular propicia também a participação do aluno em projetos de extensão na área de enfermagem e da saúde, estimulando a construção do conhecimento para iniciação à pesquisa e atividades inter/multi/transdisciplinares.

A reorganização da estrutura curricular propõe também alterações na sequência das disciplinas, propiciando assim o contato do aluno desde o início do curso com o Sistema Único de Saúde.

Temos diretrizes que possibilitam a integração ensino-serviço-comunidade, como a promoção de uma política institucional integradora do ensino, pesquisa, extensão e serviços, priorizando a formação pedagógica dos docentes e a construção coletiva do Projeto Pedagógico.

A diversificação dos campos de prática no ensino permite ao aluno a visualização de diversas realidades sociais e a ampliação do conhecimento quanto à atuação do profissional Enfermeiro, e as várias modalidades de ensino da prática levam o aluno a adquirir a habilidade necessária ao desempenho de suas funções profissionais.

As modalidades de prática adotadas no Curso compreendem:

- Atividades práticas desenvolvidas nos laboratórios das áreas básicas, onde o aluno vai aprender sobre as estruturas funcionais do organismo humano.
- Atividades práticas no laboratório de habilidades em enfermagem, no qual o aluno é introduzido no aprendizado dos procedimentos técnicos em enfermagem.
- Visitas técnicas a serviços de saúde, órgãos de gestão do sistema de saúde público e privado, setores diversos da comunidade que têm relação direta com a área da saúde, onde o aluno é confrontado com a realidade social e com a organização dos serviços de saúde, e no qual tem seu primeiro contato com o indivíduo e comunidade que será alvo da sua atenção.
- Práticas Integradas realizadas nos serviços de saúde públicos e privados, rede básica e hospitalar, durante as quais o aluno desenvolve a assistência de enfermagem ao indivíduo saudável, ao portador de doença e à comunidade.
- Estágio curricular supervisionado, momento em que o aluno adquire sua autonomia em relação ao docente e se integra ao serviço de saúde e à comunidade.
- Projetos de extensão, que dão ao aluno a oportunidade de contribuir para a melhoria da qualidade de vida da comunidade em ações de educação para a saúde, assistência de enfermagem e efetiva presença nas instâncias do controle social.
- Projetos de pesquisa, cuja visão científica permite ao aluno despertar para a importância de contribuir para o desenvolvimento técnico-científico da enfermagem, e conseqüentemente, para a melhoria da sociedade.

- Seminário Interdisciplinar que permite a articulação das disciplinas por período e curso a partir de um tema geral com subtemas baseados em problemas em saúde/enfermagem com a possibilidade da resolução deles, com ótica holística de sujeito crítico, reflexivo e cognoscível.
- Eventos científicos promovidos pela universidade e entidades de classe, espaços que lhe permitem ampliar conhecimentos gerais e específicos.
- Outras atividades desenvolvidas na comunidade, por meio de demandas da própria sociedade.
- Participação em projetos realizados pelo Ministério da Saúde, por meio do Centro Acadêmico de Enfermagem, dentre eles o VER-SUS, Vivências no SUS e Pólo de Formação e Educação Permanente para o SUS, cuja presença do aluno é fundamental para que a formação se aproxime das necessidades da sociedade brasileira.

3.2. Concepção

O Curso de Enfermagem iniciou seu funcionamento em 05 de abril de 1999, com o objetivo de formar profissionais competentes, críticos e comprometidos com a saúde da população.

Em 2011 o projeto pedagógico do curso foi reestruturado, com a participação do Núcleo Docente Estruturante (NDE) e do Colegiado do Curso, e implantado em 2012, com o objetivo de atender a uma demanda da região por cursos de formação superior noturnos, tendo em vista que, grande parte dos nossos alunos vêm de outras cidades ou trabalham durante o dia.

Inicialmente foram realizadas várias atividades de sensibilização acerca da necessidade e importância dessa mudança para todos, a seguir foram realizadas reuniões, em que ocorreram estudos de aspectos conceituais, organização para a elaboração de um diagnóstico situacional e avaliação do processo.

Assim, ao repensar o projeto pedagógico do Curso de Enfermagem foi necessário admitir a convivência do velho sistema assistencial e organizacional, com a construção do novo modelo, cuja base política, jurídica, institucional e técnico- assistencial está se constituindo.

O processo de formação do enfermeiro terá como princípios filosóficos e socioculturais:

1. Entendimento do homem em sua integralidade biopsicossocial político cultural e em sua dimensão de ser individual e coletivo, como sujeito e objeto da história. A compreensão de que o homem sofre influência das condições em que vive e que esta repercute sobre todo o ciclo vital, qualidade e duração da vida. Enfim, na compreensão do homem como um ser que na sua historicidade, é capaz de transformar-se e de participar da transformação de realidade em que se encontra.
2. Entendimento de saúde como “resultante das condições de alimentação, habitação, educação, renda, meio ambiente, trabalho, transporte, emprego, lazer, liberdade, acesso e posse da terra e acesso a serviços de saúde. E assim, antes de tudo, o resultado das formas de organização social de produção as quais podem gerar grandes desigualdades nos níveis de vida” (VIII Conferência Nacional de Saúde).
3. Reconhecimento do processo saúde-doença como produto e unidade determinante pela forma como o homem se relaciona com a natureza, com os outros homens, num dado momento histórico, num determinado tempo, numa determinada sociedade com determinadas relações de produção.
4. Entendimento de que os serviços de saúde devem se organizar de forma descentralizada, hierarquizada, prestando assistência universal, equânime, integral e resolutiva e com participação comunitária, como prevê a nossa Carta Magna.
5. Que a Enfermagem é uma profissão que requer um corpo de conhecimento próprio a ser utilizado na promoção, proteção e recuperação da saúde, exercida por trabalhadores com formação diferenciada - Enfermeiro, Técnico e Auxiliar de Enfermagem -, sendo o Enfermeiro o coordenador desta equipe.
6. Que a assistência de enfermagem é um conjunto de ações desempenhadas pela equipe de enfermagem, direcionada para a obtenção da integralidade e humanização da assistência à saúde individual e coletiva, nos diversos níveis de atenção.
7. Que o enfermeiro deve ter responsabilidade política e profissional e executar um trabalho institucional, tornando-se um agente de transformação social. Para que ele se torne este sujeito, a

educação deve ser entendida como uma prática social e deve contribuir para o desenvolvimento do ser humano na sua integralidade, possibilitando ações transformadoras na construção da cidadania.

8. Que o Enfermeiro deve desenvolver o raciocínio clínico, epidemiológico e investigativo, para atuar nas áreas de assistência, gerência, educação e pesquisa, contribuindo efetivamente para a transformação da realidade.

3.3. Objetivos

O Curso de Enfermagem tem como objetivo formar profissionais competentes, críticos e comprometidos com a saúde da população.

A formação do enfermeiro visa dotar o profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício das seguintes competências e habilidades específicas:

- I. Atuar profissionalmente, compreendendo a natureza humana em suas dimensões, em suas expressões e fases evolutivas.
- II. Incorporar a ciência/arte do cuidar como instrumento de interpretação profissional;
- III. estabelecer novas relações com o contexto social, reconhecendo a estrutura e as formas de organização social, suas transformações e expressões.
- IV. Desenvolver formação técnico-científica que confira qualidade ao exercício profissional.
- V. Compreender a política de saúde no contexto das políticas sociais, reconhecendo os perfis epidemiológicos das populações.
- VI. Reconhecer a saúde como direito e condições dignas de vida e atuar de forma a garantir a Integralidade da assistência, entendida como conjunto articulado e contínuo das ações e serviços preventivos e curativos, individuais e coletivos, exigidos para cada caso em todos os níveis de complexidade do sistema.
- VII. Atuar nos programas de assistência integral à saúde da criança, do adolescente, da mulher, do adulto e do idoso.
- VIII. Ser capaz de diagnosticar e solucionar problemas de saúde, de comunicar-se, de tomar decisões, de intervir no processo de trabalho, de trabalhar em equipe e de enfrentar situações em constante mudança.
- IX. Reconhecer as relações de trabalho e sua influência na saúde;

- X. Atuar como sujeito no processo de formação de recursos humanos;
- XI. Responder às especificidades regionais de saúde através de intervenções planejadas estrategicamente, em níveis de promoção, prevenção e reabilitação à saúde, dando atenção integral à saúde dos indivíduos, das famílias e das comunidades.
- XII. Reconhecer-se como coordenador do trabalho da equipe de enfermagem.
- XIII. Assumir o compromisso ético, humanístico e social com o trabalho multiprofissional em saúde.
- XIV. Promover a construção de uma práxis pedagógica vinculada a cultura, a arte, ao pluralismo de ideias, ao respeito à liberdade, a democracia do ensino público e a valorização da diversidade étnico-racial.
- XV. Promover estilos de vida saudáveis, conciliando as necessidades tanto dos seus clientes/pacientes quanto às de sua comunidade, atuando como agente de transformação social.
- XVI. Usar adequadamente novas tecnologias, tanto de informação e comunicação, quanto de ponta para o cuidar de enfermagem.
- XVII. Atuar nos diferentes cenários da prática profissional, considerando os pressupostos dos modelos clínico e epidemiológico.
- XVIII. Identificar as necessidades individuais e coletivas de saúde da população, seus condicionantes e determinantes.
- XIX. Intervir no processo de saúde-doença, responsabilizando-se pela qualidade da assistência/cuidado de enfermagem em seus diferentes níveis de atenção à saúde, com ações de promoção, prevenção, proteção e reabilitação à saúde, na perspectiva da integralidade da assistência.
- XX. Coordenar o processo de cuidar em enfermagem, considerando contextos e demandas de saúde.
- XXI. Prestar cuidados de enfermagem compatíveis com as diferentes necessidades apresentadas pelo indivíduo, pela família e pelos diferentes grupos da comunidade.
- XXII. Compatibilizar as características profissionais dos agentes da equipe de enfermagem às diferentes demandas dos usuários.
- XXIII. Integrar as ações de enfermagem às ações multiprofissionais.
- XXIV. Gerenciar o processo de trabalho em enfermagem com princípios de Ética e de Bioética, com resolutividade tanto em nível individual como coletivo em todos os âmbitos de atuação profissional.

- XXV. Planejar, implementar e participar dos programas de formação e qualificação contínua dos trabalhadores de enfermagem e de saúde.
- XXVI. Planejar e implementar programas de educação e promoção à saúde, considerando a especificidade dos diferentes grupos sociais e dos distintos processos de vida, saúde, trabalho e adoecimento.
- XXVII. Desenvolver, participar e aplicar pesquisas e/ou outras formas de produção de conhecimento que objetivem a qualificação da prática profissional.
- XXVIII. Respeitar os princípios éticos, legais e humanísticos da profissão.
- XXIX. Interferir na dinâmica de trabalho institucional, reconhecendo-se como agente desse processo.
- XXX. Utilizar os instrumentos que garantam a qualidade do cuidado de enfermagem e da assistência à saúde.
- XXXI. Participar da composição das estruturas consultivas e deliberativas do sistema de saúde.
- XXXII. Assessorar órgãos, empresas e instituições em projetos de saúde.
- XXXIII. Cuidar da própria saúde física e mental e buscar seu bem-estar como cidadão e como enfermeiro.
- XXXIV. Reconhecer o papel social do enfermeiro para atuar em atividades de política e planejamento em saúde.

3.4. Finalidade

O Curso de Graduação em Enfermagem tem como finalidade a formação de profissional Enfermeiro, generalista, humanista, crítico e reflexivo, que deve atender às necessidades sociais da saúde, com ênfase no Sistema Único de Saúde (SUS) e assegurar a integralidade da atenção e a qualidade e humanização do atendimento, cuja finalidade maior é a de atender a demanda desta região.

3.5. Perfil profissional do egresso

Os princípios que fundamentam o currículo do curso de Enfermagem são as concepções do(a):

- HOMEM na sua totalidade e historicidade;
- PROCESSO SAÚDE-DOENÇA, decorrente do modo de produzir e viver;
- SOCIEDADE formada por classes sociais desiguais e até antagônicas;
- ENFERMAGEM, como prática social;

- ENFERMEIRO, como profissional com competência técnica, científica pedagógica e ética para intervir, assistir, administrar, ensinar e pesquisar. Estes princípios explicitam na sua essência, o cuidado com a família, que ora se encontra visível, ora se encontra implícita no processo de trabalho em saúde coletiva, de grupos sociais, étnico-raciais e culturais.

Considerando a concepção de uma formação generalista do Enfermeiro, esse profissional é capaz de desenvolver atividades de planejamento, coordenação, execução de programação local e de articular os demais processos de trabalho desenvolvidos pelos outros profissionais tanto nos serviços básicos de saúde, como nos serviços hospitalares. Para tanto, o Sistema Único de Saúde (SUS) foi eleito como um modelo de assistência à saúde, norteador da formação acadêmica, onde o Enfermeiro, egresso da Unidade Acadêmica de Divinópolis da UEMG, consegue visualizar a organização e distribuição dos serviços de saúde de forma que estes se deem dentro dos critérios da inclusão, da universalização do acesso e da resolução, no atendimento às necessidades de saúde apresentadas pela população.

Diante do contexto apresentado, em relação ao perfil, tem-se um Enfermeiro preparado para uma demanda humana em todas as suas dimensões (subjetiva e objetiva) em sua singularidade, particularidade e totalidade.

O Enfermeiro formado pela Unidade Divinópolis da UEMG é um profissional com formação generalista, preparado para coordenar o processo de trabalho e a equipe de enfermagem.

Além disso, ele é preparado para cuidar das pessoas por meio de intervenções de alcance individual e coletivo, desenvolvidas em diferentes instituições de saúde (centros de saúde, unidades de saúde da família, hospitais e ambulatórios), educacionais (creches e escolas), *home – cares*, indústrias, dentre outras, nas quais planeja, programa e avalia os cuidados de enfermagem e de saúde voltados aos diversos grupos etários (saúde do adulto, da mulher, da criança, dos idosos, adolescentes) ou áreas de conhecimento (saúde pública, saúde mental, médico-cirúrgica, administração, enfermagem pediátrica, enfermagem obstétrica, dentre outras), o que explica o êxito dos egressos.

Acresce-se a isso o fato de que, devido às constantes transformações que vêm passando as relações de trabalho na área da saúde nas últimas décadas, a possibilidade de valorização das

atividades realizadas pelos enfermeiros, enquanto membros das equipes multiprofissionais e das atividades de gerenciamento vêm ganhando maior peso por ser o enfermeiro o profissional da equipe de saúde que desde o curso de graduação recebe uma formação específica para assumir atividades administrativas.

Pode-se então afirmar que o Enfermeiro formado na Unidade Acadêmica de Divinópolis tem uma formação geral no campo das ciências humanas, sociais e biológicas e no campo de conhecimentos próprios da enfermagem, capaz de desenvolver competências técnicas, políticas, educativas e éticas que o possibilitam atuar baseado nos princípios da universalidade, equidade, integralidade e solidariedade inerentes ao processo coletivo de trabalho em saúde.

3.5.1. Competências e Habilidades

A formação do enfermeiro visa ainda dotar o profissional dos conhecimentos requeridos para o exercício das seguintes competências e habilidades gerais:

I - **Atenção à saúde:** os profissionais de saúde, dentro de seu âmbito profissional, devem estar aptos a desenvolver ações de prevenção, promoção, proteção e reabilitação da saúde, tanto em nível individual quanto coletivo. Cada profissional deve assegurar que sua prática seja realizada de forma integrada e contínua com as demais instâncias do sistema de saúde, sendo capaz de pensar criticamente, de analisar os problemas da sociedade e de procurar soluções para eles. Os profissionais devem realizar seus serviços dentro dos mais altos padrões de qualidade e dos princípios da ética/bioética, tendo em conta que a responsabilidade da atenção à saúde não se encerra com o ato técnico, mas sim, com a resolução do problema de saúde, tanto em nível individual como coletivo.

II - **Tomada de decisões:** o trabalho dos profissionais de saúde deve estar fundamentado na capacidade de tomar decisões visando o uso apropriado, eficácia e custo/efetividade da força de trabalho, de medicamentos, de equipamentos, de procedimentos e de práticas. Para este fim, eles devem possuir competências e habilidades para avaliar, sistematizar e decidir as condutas mais adequadas, baseadas em evidências científicas.

III - **Comunicação:** os profissionais de saúde devem ser acessíveis e devem manter a confidencialidade das informações a eles confiadas, na interação com outros profissionais de

saúde e o público em geral. A comunicação envolve comunicação verbal, não-verbal e habilidades de escrita e leitura; o domínio de tecnologias de comunicação e informação.

IV – **Liderança:** no trabalho em equipe multiprofissional, os profissionais de saúde deverão estar aptos a assumir posições de liderança, sempre tendo em vista o bem-estar da comunidade. A liderança envolve compromisso, responsabilidade, empatia, habilidade para tomada de decisões, comunicação e gerenciamento de forma efetiva e eficaz.

V - **Administração e gerenciamento:** os profissionais devem estar aptos a tomar iniciativas, fazer o gerenciamento e administração tanto da força de trabalho quanto dos recursos físicos e materiais e de informação, da mesma forma que devem estar aptos a serem empreendedores, gestores, empregadores ou lideranças na equipe de saúde.

VI - **Educação permanente:** os profissionais devem ser capazes de aprender continuamente, tanto na sua formação teórica, quanto na sua prática. Desta forma, os profissionais de saúde devem aprender a aprender e ter responsabilidade e compromisso com a sua educação e o treinamento/estágios das futuras gerações de profissionais, mas proporcionando condições para que haja benefício mútuo entre os futuros profissionais e os profissionais dos serviços, inclusive, estimulando e desenvolvendo a mobilidade acadêmico/profissional, a formação e a cooperação por meio de redes nacionais e internacionais.

3.5.2. Inserção Social e Profissional

É sabido que os egressos do Curso de Enfermagem desta unidade acadêmica estão inseridos nos serviços de saúde de todo o Centro-Oeste Mineiro, razão pela qual o curso foi criado, cuja finalidade maior é a de atender a demanda desta região.

Durante o ano letivo, o curso promove alguns eventos de cunho científico, o que traz de volta à academia nossos egressos. Os principais eventos são: em maio a Semana de Enfermagem e em outubro a Semana Acadêmica, esta última, promovida pelo Centro Acadêmico.

Outro trabalho de envolvimento do Enfermeiro egresso da Unidade de Divinópolis com o curso, se dá por meio do Estágio Supervisionado, onde muitos enfermeiros envolvidos na supervisão,

são ex-alunos do curso. Desta forma, o enfermeiro egresso do curso mantém vínculo ativo com a instituição e ainda contribui para a formação de novos profissionais.

Temos como meta a criação de um “link” dentro da página do curso na internet, onde o exaluno poderá manter um cadastro ativo e atualizado. Isto permitirá ainda que o curso o vincule em atividades como seminários, simpósios etc.

De forma geral, esta unidade acadêmica tem feito o acompanhamento dos seus egressos, como forma de buscar subsídios referentes à compatibilidade entre o perfil do egresso definido neste projeto pedagógico e o que a realidade aponta como resultado da investigação, considerando a situação profissional, adequação da formação e interesses de educação continuada do egresso.

Como parte integrante do Programa de Avaliação Institucional, a partir de 2009, é sistematicamente enviado aos egressos os questionários de avaliação da instituição, contendo informações do perfil socioeconômico atual do egresso, e sobre suas atuais atuações no mercado de trabalho.

No âmbito deste acompanhamento são realizadas as seguintes ações:

- ⇒ Manutenção de registros atualizados dos alunos egressos contendo, além dos dados pessoais, informações sobre sua situação profissional e formação acadêmica complementar;
- ⇒ Avaliação do desempenho da instituição, por meio do acompanhamento do desenvolvimento profissional dos ex-alunos;
- ⇒ Realização de análises quantitativas e qualitativas sobre os dados levantados, com o intuito de promover a melhoria do ensino dos cursos ministrados e possibilitar uma melhor integração com o mercado de trabalho, bem como planejar e aperfeiçoar as atividades acadêmicas do Centro;
- ⇒ Realização de atividades de ensino, pesquisa e extensão direcionadas a profissionais formados pela instituição que objetivem a formação continuada dos egressos da Unidade Divinópolis;
- ⇒ Promoção de atividades festivas, artísticas, culturais e esportivas que visam também a integração dos egressos com a comunidade interna da Unidade Divinópolis;
- ⇒ Promoção do intercâmbio entre ex-alunos;
- ⇒ Identificação junto às empresas e organizações de seus critérios de seleção e contratação;
- ⇒ Incentivo à leitura de bibliografia especializada disponível nas bibliotecas.

A Instituição pretende identificar as dificuldades de seus egressos e coletar informações de mercado visando formar profissionais cada vez mais qualificados para o exercício de suas atribuições.

4. ORGANIZAÇÃO CURRICULAR

4.1. Atendimento às Políticas Institucionais

A Unidade Acadêmica de Divinópolis, da UEMG, elabora seus PPCs a partir da reflexão, discussão e colaboração de todos os segmentos envolvidos, assumindo seu cumprimento integral como um compromisso institucional, tendo presente em suas ações que este compromisso estabelece os princípios da identidade institucional e expressa a missão, os objetivos, os valores, as práticas pedagógicas, as políticas de ensino e extensão e sua incidência social e regional.

Ressalta-se que os Projetos pedagógicos são embasados pela Resolução CEE nº 482, de 08 de julho de 2021, que estabelece normas relativas à regulação da Educação Superior do Sistema Estadual de Ensino de Minas Gerais e dá outras providências e, pela Resolução CEE nº 490, de 26 de abril de 2022, que dispõe sobre os princípios, os fundamentos, as diretrizes e os procedimentos gerais para a Integralização da Extensão nos Currículos dos cursos superiores de graduação e de pós-graduação Lato Sensu no Sistema de Ensino do Estado de Minas Gerais e dá outras providências

O Projeto de Desenvolvimento Institucional (PDI) orienta as decisões e ações da gestão acadêmica da instituição, onde incorpora a concepção educacional centrada na formação integral consistente, formação teórica acompanhada do desenvolvimento de habilidades e competências em estreita unidade entre teoria e prática, sólida formação ética, compromisso social e político dos estudantes, tendo em vista a participação no desenvolvimento e transformação da sociedade brasileira.

Através de critérios pedagógicos, a Política de Ensino privilegia a formação por competências e habilidades, estrutura a concepção curricular para favorecer a flexibilidade e a interdisciplinaridade, investe em projetos alinhados com a identidade e com a missão institucional, fortalece diversas modalidades de ensino-aprendizagem, assim como fomenta a

inovação, a produção do conhecimento e a participação nas atividades e compromissos da comunidade acadêmica.

A Instituição favorece a interdisciplinaridade através do Seminário Interdisciplinar, Semana Acadêmica, Seminário de Pesquisa, Extensão e Ensino, Projetos de Extensão e trabalhos de conclusão de curso realizados pelos diversos cursos. O curso também contribui para a formação dos alunos por meio de projetos de pesquisa e extensão, sendo que a Instituição disponibiliza bolsas de iniciação científica como incentivo à formação de sujeitos inseridos na realidade, com possibilidade de modificar-se e modificar esta realidade.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Enfermagem apontam a necessidade de uma formação que tenha a competência de incorporar a ciência/arte do cuidar como instrumento de interpretação profissional, desenvolvendo habilidades técnico-científicas que confira qualidade ao exercício da profissão. Portanto, estas Diretrizes conferem competência ao profissional para desenvolver, participar e aplicar pesquisas e/ou outras formas de produção de conhecimento que objetivem a qualificação da sua prática.

Operacionalização dos Projetos Integradores:

- Ao chegar no 5º período o aluno irá desenvolver um projeto de extensão;
- As atividades são realizadas em grupos de 2 a 3 alunos;
- As atividades de extensão devem ser realizadas dentro da linha de pesquisa do curso e do professor responsável pela orientação;
- Os alunos devem cumprir uma carga horária de 04 horas/aula de orientação semanal registrada em diário pelo professor orientador;
- As atividades de extensão devem também ser realizadas de acordo com as normas da Unidade Acadêmica e registradas no Centro de Referência Técnica em Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação;
- Os alunos podem publicar ou apresentar os resultados dos trabalhos em eventos regionais e nacionais, ou periódicos especializados, no Seminário de Pesquisa e Extensão da

UEMG.

5.1 Atividades de extensão

As atividades de extensão do curso de enfermagem da UEMG Divinópolis foram descritas no APÊNDICE 1 e são oferecidas por meio dos seminários interdisciplinares, das disciplinas projetos integradores e práticas integradas. Além disso, outras atividades como participação em projetos de extensão e atividades afins poderão ser realizadas de acordo com as possibilidades de cada aluno. As atividades podem englobar 435 horas (correspondente a 10,2% da carga horária total).

7. ESTRUTURA CURRICULAR

7.1. Pressupostos da Formação Profissional

A enfermagem é uma prática social, política e historicamente determinada, que visa cuidar do ser humano em todos os ciclos de vida, contribuindo para a promoção, prevenção, recuperação e reabilitação da saúde.

O enfermeiro, neste paradigma, deve ter responsabilidade profissional nas relações étnicoraciais, culturais, de gênero, sexualidade, classe social, etarismo, inclusividade, religiosas, geracionais e políticas para executar um trabalho intencional tornando-se um agente de transformação social. Para que ele se torne este sujeito, a educação deve ser entendida como uma prática social e deve contribuir para o desenvolvimento do ser humano na sua integralidade, possibilitando ações transformadoras na construção da cidadania.

A formação profissional busca desenvolver no aluno o raciocínio clínico, epidemiológico e investigativo para subsidiar sua atuação nas áreas de assistência, gerência, educação e pesquisa, contribuindo assim efetivamente para a transformação da realidade.

7.2. Princípios e Diretrizes da Formação Profissional

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino da Graduação em Enfermagem definem os princípios, fundamentos, condições e procedimentos da formação de enfermeiros e norteiam a

organização desse Projeto Pedagógico, sendo que também subsidiam seu desenvolvimento e avaliação.

Os eixos norteadores do processo de ensino e aprendizagem são: o ser humano e a sociedade, a enfermagem enquanto prática social política e historicamente determinada, a construção da cidadania, o processo saúde e doença, a transformação do modelo assistencial, o cuidado integral do ser humano, a integração entre serviço, ensino e comunidade, a ética e humanismo, as relações étnico-raciais e culturais, a associação entre teoria e prática contemplando a ação e reflexão, a qualidade da assistência, o raciocínio investigativo, o estudo do homem a partir do núcleo familiar, a avaliação como processo e as experiências de ensino estruturadas a partir do adulto para a criança.

7.3. A lógica curricular

Segundo Sacristán (2000), entende-se que currículo é uma construção cultural, que organiza as práticas educativas, sendo uma concretização da formação na sociedade. O currículo é, portanto, um modelo coerente de pensar a educação, é uma prática e expressão da função socializadora e cultural.

Dessa forma, o currículo do Curso de Graduação em Enfermagem da Unidade de Divinópolis propõe a formação do profissional com bases nas competências propostas na Resolução CNE/CES Nº 3, de 07 de novembro de 2001.

Em 2011, o projeto pedagógico do curso foi ajustado às propostas do Parecer CNE/CES nº 213/2008 e da Resolução nº 4/2009, de 6 de abril de 2009 que trata da duração, integralização e carga horária do bacharelado em enfermagem, do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior sendo ofertado no período noturno. Em 2015, novos ajustes curriculares ocorridos em função do processo de absorção da Fundação Educacional de Divinópolis pela UEMG possibilitaram a oferta do curso também no turno matutino.

Percebe-se que o curso atende ao previsto pelas Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), formando profissionais com competências e habilidades necessárias aos profissionais de saúde.

O Curso de Graduação em Enfermagem está pautado em concepções pedagógicas crítico construtivistas e em concepções filosóficas que valorizam a cidadania de seu corpo discente, contribuindo para a produção e divulgação do conhecimento e da saúde.

O currículo está delineado de maneira a privilegiar a integração teoria e prática, ensino e serviço, favorecendo a inserção precoce e gradual do aluno nos contextos de produção dos serviços de saúde, em seus diversos níveis de assistência, favorecendo o domínio de conhecimentos e habilidades e seu compromisso social.

Essa construção possibilita que a prática/cuidado e a compreensão da realidade sejam assumidas como eixos articuladores do ensino, desde o início da vida acadêmica, assumindo a transversalidade dos conteúdos trabalhados pelos campos de conhecimento disciplinar, que deverá articular conteúdos teórico-práticos em função das competências a serem desenvolvidas, numa sequência orientada pelo processo de vida/saúde/doença dos indivíduos e da coletividade, nos diversos espaços de atuação do enfermeiro.

Esta concepção curricular propicia também a participação do aluno em projetos de extensão na área de enfermagem e da saúde, estimulando a construção do conhecimento para iniciação à pesquisa e atividades inter/multi/transdisciplinares.

O Curso de Graduação em Enfermagem está organizado em regime seriado semestral, com duração de 10 semestres e desenvolvido no turno noturno, com as práticas integradas/ensinos clínicos e estágio curricular acontecendo predominantemente no período matutino e noturno (manhã ou tarde, e noite).

A reorganização da estrutura curricular, implantada em 2012, propõe a flexibilização do currículo, alterando a sequência das disciplinas, propiciando assim o contato do aluno desde o início do curso com o Sistema Único de Saúde. O Processo Educativo em Saúde, como elemento da atuação do enfermeiro, fica mantido, diante de sua grande importância para as práticas de prevenção da doença e promoção da saúde.

Os conteúdos essenciais para os Cursos de Graduação da área da saúde estão relacionados com todo o processo saúde-doença do cidadão, da família e da comunidade, integrado à realidade epidemiológica e profissional, proporcionando a integralidade das ações do cuidar em enfermagem e fisioterapia.

Para este ajuste curricular de 2015, algumas disciplinas foram desmembradas, tais como: Anatomia Humana I e II, Práticas Integradas I a IV. Tentamos desta forma, abordar os conteúdos primordiais para a formação do enfermeiro, considerando o amplo campo de atuação dele.

A Sistematização da Assistência de Enfermagem passou a ser considerada obrigatória e as atividades e avaliações são programadas e desenvolvidas buscando-se a integralidade dos conceitos chaves dos períodos.

Em se tratando de revisão de ementas e bibliografias, todas as disciplinas foram revistas objetivando a mudança para um currículo baseado em competências e buscando-se avançar em direção a um currículo mais integrado e flexível, na perspectiva de aliar a formação profissional ao projeto social e político da enfermagem.

O currículo de 4.020 horas integralizado em 5 anos, respeitando a Resolução nº 4/2009, de 6 de abril de 2009, do Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Superior, que trata da duração, integralização e carga horária do bacharelado em enfermagem garante a formação básica e sólida ao egresso, para enfrentar os desafios das rápidas transformações da sociedade, com formação compatível com referências nacionais e internacionais, capazes de atuar com qualidade, eficiência e resolutividade, atendendo ao sistema de saúde vigente no país, a atenção integral da saúde no sistema regionalizado e hierarquizado de referência e contra referência e o trabalho em equipe conforme as DCNs.

A carga horária total do curso em hora/relógio, 4.320 horas, está assim distribuída: 870 horas correspondem a estágios curriculares supervisionados, 3.000 horas de conteúdos curriculares obrigatórios, 105 horas de atividades complementares, 120 horas de disciplinas optativas, 90 horas de disciplinas eletivas e 135 horas de Trabalho de Conclusão de Curso, sendo exigido ao final do 10º período a apresentação do trabalho de conclusão de curso (TCC) no formato de artigo. O estágio/curricular é desenvolvido em dois semestres (9º e 10º), em Instituições de Saúde conveniadas.

Ao longo do curso o educando deverá desenvolver as Atividades Complementares que são experiências diversificadas que contribuem para a sua formação humana e profissional, devendo cumprir conforme suas aptidões, interesses e oportunidades, para complementação da sua formação.

É importante que o modelo pedagógico adotado estimule e induza o aluno a “aprender a aprender” para que o futuro profissional possa, de fato, se tornar um “profissional de concepção” e busque se aperfeiçoar contínua e permanentemente, não se tornando apenas um receptor/repassador de tecnologias, cujo ciclo de obsolescência é cada vez mais rápido.

Segundo o Dicionário Aurélio, a tecnologia, *é o conjunto de conhecimentos, especialmente princípios científicos, que se aplicam a um determinado ramo de atividade*, e torna-se humanamente impossível conhecer sobre tudo que se produz no campo científico e tecnológico da Enfermagem, devendo desta forma ser adotados métodos que ensinam o processo de geração do conhecimento ao aluno constituindo-se em insumo para a formação de seu capital intelectual.

É preciso que se tenha bem claro que o currículo é um percurso de aprendizagem a ser construído, envolvendo ações discentes e docentes de uma forma sempre dinâmica.

O Curso de Graduação em Enfermagem com essa proposta curricular respeita a vocação e a identidade institucional e aproxima a formação de enfermagem das necessidades locais de saúde. Assim procedendo, se favorece a consolidação do SUS, um modelo de atenção à saúde cujas práticas sanitárias fundamentam-se em um conceito ampliado de saúde e justiça social.

É importante considerar questões inerentes ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia e sua influência marcante no processo e no modelo de formação superior dos profissionais da Enfermagem.

A tecnologia propicia o estudo à distância por meio de plataformas de ensino onde o aluno participa das disciplinas por meio da interação com o docente e a realização de atividades que o permitem adquirir o conhecimento.

7.3.1 Disciplinas a Distância (EaD)

A portaria nº 2.117, de 6 de dezembro de 2019, dispõe sobre a oferta de disciplinas com metodologia a distância em cursos de graduação presencial ofertados por Instituição de Educação Superior – IES credenciadas pelo Ministério da Educação. Na aplicação desta Portaria, será observada a legislação educacional que dispõe sobre atos autorizativos de funcionamento de IES

e de oferta de cursos superiores de graduação na modalidade presencial e a distância. Nesta modalidade estudantes e professores mesmo distantes fisicamente poderão estabelecer uma relação comunicativa que permite o desenvolvimento de processos de ensino aprendizagem. A EAD, com o apoio do Núcleo de Educação a Distância – NEAD, pode oferecer cursos de extensão à distância; apoiar professores e pesquisadores no desenvolvimento e execução de projetos de ensino, pesquisa e extensão. O curso poderá ofertar disciplinas com carga horária a distância, respeitando o limite de até 40% de sua carga horária total, conforme previsto pela Portaria nº 2.117/2019.

A oferta de disciplinas na modalidade a distância precisa respeitar a legislação vigente e as diretrizes definidas no Projeto Pedagógico do Curso. O professor deve apresentar a proposta para apreciação do Núcleo Docente Estruturante, sujeita à aprovação do Colegiado do Curso, que deverão observar a disponibilidade do docente habilitado no conteúdo e na modalidade EaD para a construção da disciplina e do material didático, além da condução e execução da disciplina no ambiente virtual.

Uma vez aprovada a oferta da disciplina na modalidade EaD, a disciplina deverá ser estruturada e planejada para que tenha início sua construção no AVA (Ambiente Virtual de Aprendizagem). A UEMG utiliza o Moodle que é um software livre de apoio à aprendizagem para ambientes virtuais. Além desta ferramenta, outras são usadas de forma complementar, tais como: Microsoft Teams, Áudio Conferências, Bibliotecas Digitais, entre outras.

7.4. Articulação Teórico-Prática

A relação teoria-prática pode ser entendida como eixo articulador da produção do conhecimento, servindo para o aluno vislumbrar possibilidades futuras de inserção no mercado de trabalho bem como potencializando seu aprendizado.

Abandona-se aqui a ideia de que primeiro o aluno precisa dominar a teoria para depois entender a prática e a realidade. Busca-se a construção do conhecimento de forma ampla, muitas vezes integrando, numa mesma situação, teoria e prática. Além disso, sustenta-se a ideia de que relacionar teoria e prática não consiste em atividade exclusiva de sala de aula, devendo-se proporcionar ao aluno, desde o primeiro semestre, atividades incluídas na carga horária semanal das diferentes disciplinas, que compõem a grade curricular bem como atividades complementares

que contribuem indiretamente para a compreensão do Curso e de sua contribuição na sociedade como um todo.

Desta forma, além das atividades apresentadas na matriz curricular, as atividades complementares definidas para os alunos do Curso de Enfermagem servem para atingir a desejada capacidade de relacionar teoria e prática.

As aulas práticas estão distribuídas ao longo do curso e esta distribuição considera apenas a carga horária prática das disciplinas curriculares, excluindo as atividades complementares e o estágio supervisionado. As atividades práticas estão previstas nos planos de ensino das disciplinas e são realizadas nos laboratórios de uso geral, em laboratórios específicos do curso, em hospitais, unidades de saúde da família, empresas na área da saúde do trabalhador, nas instituições asilares, creches e centros de atenção psicossocial da região que desenvolvam atividades relacionadas às diferentes áreas da enfermagem.

7.5. Conteúdos curriculares obrigatórios (OBR)

A organização curricular, coerente com as DCNs nos seus três núcleos de Formação, orienta a construção do conhecimento garantindo a formação de um profissional com as habilidades e competências definidas no perfil do egresso de Enfermagem.

A proposta curricular do curso de Enfermagem, de acordo com a resolução CNE/CES Nº 3, de 7 de novembro de 2001, compreende três Núcleos de Conteúdos, quais sejam: **a** – Ciências Biológicas e da Saúde; **b** – Ciências Humanas e Sociais e **c** – Ciências da Enfermagem.

O conjunto de disciplinas ofertadas no curso de Enfermagem dentro das Ciências Biológicas e da Saúde, Ciências Humanas e Sociais e Ciências da Enfermagem, possibilitam ao aluno a absorção de sólidos conceitos básicos e postura científica do futuro profissional, com visão humanística abrangente e aplicada de forma sistêmica e interdisciplinar, capacitando-o para o enfrentamento de problemas complexos com senso crítico e visão transformadora.

7.5.1. Distribuição das disciplinas do currículo de Enfermagem conforme as áreas/conteúdos

Áreas/Conteúdos	Disciplinas	Carga Horária
Ciências Biológicas e da Saúde	Anatomia Humana I	60
Ciências Biológicas e da Saúde	Anatomia Humana II	60
Ciências Biológicas e da Saúde	Bioquímica	60
Ciências Biológicas e da Saúde	Citologia e Histologia	75
Ciências Biológicas e da Saúde	Ecologia, Saúde Ambiental e Sustentabilidade	45
Ciências Biológicas e da Saúde	Fundamentos de Genética e Evolução	45
Ciências Biológicas e da Saúde	Embriologia Humana	30
Ciências Biológicas e da Saúde	Fisiologia Geral e Biofísica	90
Ciências Biológicas e da Saúde	Fundamentos de Epidemiologia	60
Ciências Biológicas e da Saúde	Microbiologia e Imunologia	75
Ciências Biológicas e da Saúde	Parasitologia Humana	60
Ciências Biológicas e da Saúde	Processos Patológicos Gerais	60
Carga horária total		705

Áreas/Conteúdos	Disciplinas	Carga Horária
Ciências Humanas e Sociais	Bioestatística	60
Ciências Humanas e Sociais	Bases Históricas, Políticas e Sociais em Enfermagem	45
Ciências Humanas e Sociais	Formação básica I - Leitura e Produção de Textos	45
Ciências Humanas e Sociais	Formação básica II - Metodologia Científica	45
Ciências Humanas e Sociais	Formação básica III - Filosofia	45
Ciências Humanas e Sociais	Formação básica IV- Sociologia	45
Ciências Humanas e Sociais	Projetos Integradores I	45
Ciências Humanas e Sociais	Projetos Integradores II	45
Ciências Humanas e Sociais	Metodologia da Pesquisa	45
Ciências Humanas e Sociais	Psicologia Aplicada à Saúde	45
Carga horária total		465

Áreas/Conteúdos	Disciplinas	Carga Horária
Ciências da Enfermagem	Administração em Saúde	45
Ciências da Enfermagem	Administração em Enfermagem I	45
Ciências da Enfermagem	Administração em Enfermagem II	60
Ciências da Enfermagem	Ética, Bioética e Deontologia	45
Ciências da Enfermagem	Saúde Coletiva I	45
Ciências da Enfermagem	Processo Educativo em Saúde	45
Ciências da Enfermagem	Saúde Coletiva II	60
Ciências da Enfermagem	Saúde do Adulto e Idoso	120
Ciências da Enfermagem	Saúde da Criança e Adolescente I	45
Ciências da Enfermagem	Saúde da Mulher e Recém-nascido I	45
Ciências da Enfermagem	Saúde da Criança e Adolescente II	60
Ciências da Enfermagem	Saúde da Mulher e Recém-nascido II	60
Ciências da Enfermagem	Enfermagem cirúrgica	60
Ciências da Enfermagem	Urgência, Emergência e Intensivismo	75
Ciências da Enfermagem	Saúde mental	45
Ciências da Enfermagem	Assistência de Enfermagem em Feridas	45
Ciências da Enfermagem	Assistência de Enfermagem em Oncologia	45
Ciências da Enfermagem	Estágio Curricular I	435
Ciências da Enfermagem	Estágio Curricular II	435
Ciências da Enfermagem	Farmacologia	75
Ciências da Enfermagem	Interpretação de Exames Laboratoriais	45
Ciências da Enfermagem	Semiologia e Semiotécnica I	105
Ciências da Enfermagem	Semiologia e Semiotécnica II	120
Ciências da Enfermagem	Orientação de TCC I	45
Ciências da Enfermagem	Orientação de TCC II	45
Ciências da Enfermagem	Orientação de TCC III	45
Ciências da Enfermagem	Práticas Integradas I	45
Ciências da Enfermagem	Práticas Integradas II	45

Ciências da Enfermagem	Práticas Integradas III	60
Ciências da Enfermagem	Práticas Integradas IV	60
Ciências da Enfermagem	Primeiros Socorros	45
Ciências da Enfermagem	Sistematização da Assistência de Enfermagem	45
Carga horária total		3150

As disciplinas a serem ofertadas como Formação Básica serão Leitura e Produção de Textos, Sociologia, Filosofia e Metodologia Científica. A numeração de I a IV corresponde à ordem em que serão oferecidas pela Unidade Divinópolis, ficando a distribuição à cargo da Diretoria Acadêmica.

7.6. Disciplinas Optativas (OP) e Eletivas (EL)

Em sua estrutura curricular, o curso contempla ainda carga horária para disciplinas optativas e eletivas que, juntamente com as disciplinas obrigatórias, compõem percursos formativos que são oferecidos aos estudantes.

As disciplinas optativas, que permitem aos estudantes realizarem uma preparação diferenciada de acordo com o interesse de um dado grupo de estudantes, estão alocadas, no currículo do curso, no 4º, 5º, 9º, 10º períodos e perfazem um total de 120 horas ou 08 créditos. Essas disciplinas estão relacionadas no currículo do curso e apresentam congruência com a área de formação do enfermeiro, possibilitando o aprofundamento de estudos.

Para fins de enriquecimento cultural e/ou atualização de conhecimentos que complementem a formação acadêmica, o aluno deve cursar disciplinas eletivas, correspondentes a um total de 90 horas ou 06 créditos, alocadas no 6º e 8º períodos, em qualquer outro curso de graduação, desde que não pertençam ao currículo de seu curso.

Embora a carga horária das optativas esteja alocada em determinados períodos, o aluno poderá cursá-las a qualquer momento, desde que haja disponibilidade de vagas e dentro do limite de créditos para matrícula, conforme disposto na Resolução COEPE/UEMG N° 132, de 13 de dezembro de 2013. Se aplica às eletivas, caso o aluno deseje cursá-las na UEMG.

7.7. Interrelação das Unidades de Estudo

Os componentes curriculares são organizados e apresentados por meio dos seus planos de ensino. O plano de ensino refere-se às informações básicas relativas ao desenvolvimento de cada disciplina. O conteúdo das ementas é dinâmico. Isto significa que, periodicamente, este conteúdo é reavaliado e propostas são feitas no sentido de aperfeiçoar os conteúdos curriculares. Embora haja certa flexibilidade na elaboração dos planos de ensino, as ementas de cada disciplina servem como orientação. Quando se considera que a ementa de uma disciplina não mais atende aos objetivos pretendidos, far-se-á sua reavaliação e esta será submetida à aprovação do colegiado do Curso. Então, a reavaliação das ementas, bem como dos planos de ensino, é realizada por cada professor ou equipe responsável pelo desenvolvimento da disciplina e é validada pelo colegiado do Curso. Assim, são evitadas lacunas, como também, superposições de conteúdos, bibliografias, trabalhos e avaliações.

O conteúdo do plano de ensino refere-se à descrição detalhada de todos os conteúdos a serem ministrados durante o desenvolvimento da disciplina, incluindo carga horária destinada aos conteúdos essencialmente teóricos e àqueles práticos. A descrição metodológica refere-se aos procedimentos de ensino e aos recursos didáticos a serem utilizados para o desenvolvimento da disciplina. A avaliação refere-se à descrição dos meios e instrumentos para a avaliação da aprendizagem. O item bibliografia descreve as bibliografias básicas e complementares a serem utilizadas na disciplina, bem como os meios bibliográficos virtuais sobre a temática, quando for o caso.

Para integralização curricular, o discente do curso de Enfermagem deve cumprir a estrutura curricular estabelecida com as disciplinas obrigatórias, eletivas, optativas, Estágio Supervisionado, Trabalho de Conclusão de Curso e Atividades Complementares, totalizando 4.320 horas e ser aprovado. A aprovação nas disciplinas exige uma frequência mínima de 75%, considerando aulas práticas e teóricas, e 60% de aproveitamento na pontuação distribuída.

Objetivando prover uma visão geral dos componentes curriculares relacionados na matriz do curso de Enfermagem da Unidade de Divinópolis, em especial das integrações existentes entre eles, foi modelado o quadro apresentado no item 7.5.1, totalmente em consonância com a estruturação em “Áreas de Formação” trabalhada pelo Projeto Pedagógico e definida pelas Diretrizes Curriculares de cursos da área de Saúde.

As DCNs têm como ideário básico a flexibilização curricular, com vistas a possibilitar uma sólida formação de acordo com o estágio de desenvolvimento do conhecimento em cada área, permitindo ao graduando enfrentar as rápidas mudanças do conhecimento e seus reflexos no mundo do trabalho.

Desta forma, as diretrizes orientam que os currículos contemplem elementos de fundamentação essencial no seu campo do saber ou profissão, numa concepção de que o indivíduo deve aprender a aprender, engajado num processo de educação permanente, sendo proposto que os cursos de graduação sejam baseados em aprendizagem ativa, centrada no aluno, como sujeito da aprendizagem e no professor, como facilitador e mediador deste processo de ensino-aprendizagem. Enfatiza-se o aprendizado baseado em competências, em evidências científicas, na solução de problemas e orientado para a comunidade.

Isto posto, a opção pedagógica do Curso de Enfermagem fundamenta-se na proposição de que seus educadores sejam profissionais com competência técnica, científica, pedagógica e ética; e seus educandos considerados sujeitos participantes e ativos do processo ensino/aprendizagem, construtores do seu conhecimento a partir da reflexão crítica, da ação criativa e da formação permeada pelos princípios da interdisciplinaridade, integralidade, terminalidade, o que pressupõe uma estratégia educacional que visa à construção do aprendizado pelo aluno.

Define, ainda, a interdisciplinaridade como possibilidade de integração dos diferentes conteúdos, integralidade como aproximações sucessivas do aluno a diversos conteúdos, e terminalidade, como garantia ao egresso da sua capacidade de exercer a profissão, embora seja estimulado à continuidade de seus estudos, em nível de pós-graduação.

A interação ativa do aluno com a população e profissionais de saúde deve ocorrer desde o início do processo de formação, proporcionando ao estudante trabalhar sobre os problemas reais, assumindo responsabilidades crescentes como agente prestador de cuidados compatíveis com seu grau de autonomia, aproximando assim a formação profissional e científica das reais necessidades da população brasileira, sobretudo na atenção à saúde oferecida pelo SUS, desenvolvendo a prestação de serviços à população para abordagem integral do processo de saúde e doença. No curso de Enfermagem ofertado pela Unidade de Divinópolis da UEMG procura-se permitir esta interação aluno x comunidade x conhecimento desde os primeiros

períodos através de visitas técnicas orientadas, palestras, seminários, grupos de discussão, aulas práticas em laboratórios e em campo, além de projetos de extensão e pesquisa.

Entende-se que a educação profissional é um processo permanente que se inicia durante a graduação e deve ser mantido na vida profissional, mediante o estabelecimento de relações de parceria entre a universidade, os serviços de saúde, a comunidade, as entidades e outros setores da sociedade civil.

Conforme determinam as Diretrizes Curriculares, o perfil do egresso/profissional baseia-se na formação generalista, humanista, crítica e reflexiva. Para tanto se propõe uma aprendizagem baseada no diagnóstico e resolução de problemas para o setor da saúde com integração entre as áreas do ciclo básico e específico requerendo do corpo docente criatividade, competência técnica, humana e política. Estas habilidades se constituem, portanto, num grande desafio, e para vencê-los, faz-se necessário diversificar estratégias de ensino-aprendizagem em diversos cenários.

Diante disso, o currículo do curso de Enfermagem desta Unidade Acadêmica busca a integração das disciplinas durante todo o transcorrer do mesmo. Assim, o aluno tem a oportunidade de vivenciar a relação teoria e prática durante todos os momentos de aprendizagem.

O ser, o fazer e o conhecer são fundamentos que orientam os eixos articuladores do currículo do curso de Enfermagem onde se tem:

- Dimensão humana (abordagem do corpo, processos psicológicos, fisiopatológicos, farmacológicos, agrupamentos étnicos distintos, humanísticos, éticos e espirituais);
- Dimensão social (abordagem do ambiente e das injunções políticas relativas à saúde, aspectos socioculturais, políticos, tecnológicos e da ecologia.);
- Dimensão teórico-metodológica (abordagem dos fundamentos teórico-metodológicos ligados ao exercício profissional);
- Dimensão profissional (abordagem da ação do enfermeiro nos diferentes níveis de atenção, complexidade e no ciclo de vida).

Em uma perspectiva de retroalimentação, tudo isto fundamenta o conhecimento para um novo perfil desejado, para enfermeiros e enfermeiras.

Na elaboração do currículo foram levados em consideração os três eixos temáticos descritos nas DCNs, que nesse momento se tornam a linha de direcionamento da formação acadêmica dos graduandos em Enfermagem.

7.8. Trabalho de Conclusão de Curso

De acordo com o disposto nas Diretrizes Curriculares - Resolução CNE/CES nº 3/2001, o aluno deverá elaborar um trabalho sob orientação docente para a conclusão de seu curso. O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem a função de organizar os conteúdos obtidos pelos acadêmicos no decorrer do curso de graduação, na medida em que eles escolhem temas de pesquisas e desenvolvem reflexões relacionadas com conhecimentos trabalhados nas disciplinas. Cabe frisar que o aluno pode dar continuidade aos projetos de pesquisa e extensão, iniciados nos primeiros períodos do curso.

Além disso, o TCC deve proporcionar aos acadêmicos a oportunidade de desenvolver procedimentos metodológicos e de pesquisa que propiciem sistematizar as noções teóricas e práticas adquiridas. Portanto, consiste em realizar pesquisa orientada e o desenvolvimento de produção científica.

Para além do que está posto, o TCC compõe a avaliação do discente dentro da sua perspectiva de formação, contribuindo para a abordagem crítica de problemas vividos por eles ou oportunizando investigação aprofundada em relação a um tema específico, dotado de significado para a comunidade e para a produção de conhecimento. Entretanto, o TCC ultrapassa esta perspectiva da avaliação, a qual não se encerra em si mesma. Nele fica retratada a articulação que o discente é capaz de fazer com o conhecimento agregado, a interdisciplinaridade abordada em torno do problema e as competências profissionais utilizadas à sua construção.

A partir do segundo semestre de 2021, definiu-se que o TCC do Curso de Enfermagem tem como produção final um artigo que deve ser entregue seguindo as normas da revista a ser publicado de comum interesse entre aluno e orientador.

O TCC se trata de uma elaboração discente a respeito de determinado tema e que, para além de seus claros objetivos de avaliação, a construção deste trabalho mobiliza a capacidade de análise e

de síntese do discente sobre o tema escolhido e tem como premissa o processo, e não somente o resultado de seus esforços empreendidos.

7.9. Atividades de Introdução à Prática

O curso de Graduação de Enfermagem busca romper com a desarticulação entre o que se ensina e o que se necessita na prática, originário do paradigma filosófico-metodológico denominado “racionalismo cartesiano” ou “cientificismo positivista”.

As atividades de ensino nos campos de prática compreendem atividades de aprendizagem social, cultural e profissional, visando desenvolver no aluno o pensamento crítico, reflexivo e criativo, que se coaduna com a metodologia da problematização.

As metodologias de ensino do Curso incorporam a articulação entre teoria e prática como princípio pedagógico desde o 1º período, que se materializa na compreensão do aluno frente ao exercício profissional da enfermagem, integralizando-o e articulando-o com os serviços de saúde e com a comunidade.

Assim, o aluno percebe desde o início do Curso que será preciso romper com a ideia de que existem disciplinas “teóricas” e “práticas”, professores da teoria e outros da prática.

Busca-se reverter as posturas prepotentes do ensino em relação aos serviços, ditando “regras” a serem seguidas pelos alunos, o que implica na reconsideração do papel dos serviços de saúde, desde o planejamento, visando à integração da educação profissional aos processos de trabalhos reais até ao reconhecimento da indispensável participação dos “trabalhadores da prática”, como parceiros dos “trabalhadores da teoria”, favorecendo a aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes, que só poderão ser conquistados no espaço concreto da prática social, objeto da formação.

As diretrizes orientam a integração ensino-serviço-comunidade, como a promoção de uma política institucional integradora do ensino, pesquisa, extensão e serviços, priorizando a formação pedagógica dos docentes e a construção coletiva do Projeto Pedagógico.

A diversificação dos campos de prática no ensino permite ao aluno a visualização de diversas realidades sociais e a ampliação do conhecimento quanto à atuação do profissional Enfermeiro, e

as várias modalidades de ensino da prática levam o aluno a adquirir a habilidade necessária ao desempenho de suas funções profissionais.

As modalidades de prática adotadas no Curso compreendem:

- Atividades práticas desenvolvidas nos laboratórios das áreas básicas, onde o aluno aprende sobre as estruturas funcionais do organismo humano;
- Atividades práticas no laboratório de habilidades em enfermagem, no qual o aluno é introduzido no aprendizado dos procedimentos técnicos em enfermagem;
- Visitas técnicas a serviços de saúde, órgãos de gestão do sistema de saúde público e privado, setores diversos da comunidade que têm relação direta com a área da saúde, onde o aluno é confrontado com a realidade social e com a organização dos serviços de saúde, e no qual tem seu primeiro contato com o indivíduo e comunidade que será alvo da sua atenção;
- Práticas Integradas realizadas nos serviços de saúde públicos e privados, rede básica e hospitalar, equipamentos sociais, durante o qual o aluno desenvolve a assistência de enfermagem ao indivíduo saudável, ao portador de doença e à comunidade;
- Estágio curricular supervisionado, momento em que o aluno adquire sua autonomia em relação ao docente e se integra ao serviço de saúde e à comunidade;
- Projetos de extensão, que dão ao aluno a oportunidade de contribuir para a melhoria da qualidade de vida da comunidade em ações de educação para a saúde, assistência de enfermagem e efetiva presença nas instâncias do controle social;
- Projetos de pesquisa, cuja visão científica permite ao aluno despertar para a importância de contribuir para o desenvolvimento técnico-científico da enfermagem, e conseqüentemente, para a melhoria da sociedade;
- Seminário Interdisciplinar que permite a articulação das disciplinas por período e curso em cima de um tema geral com subtemas baseados em problemas em saúde/enfermagem com a possibilidade da resolução dos mesmos, com ótica holística de sujeito crítico, reflexivo e cognoscível;
- Eventos científicos promovidos pela universidade e entidades de classe, espaço que lhe permite ampliar seus conhecimentos gerais e específicos;
- Outras atividades desenvolvidas na comunidade, por meio de demandas da própria sociedade;

- Participação em projetos realizados pelo Ministério da Saúde, por meio do Centro Acadêmico de Enfermagem, dentre eles o VER-SUS, Vivências no SUS e Pólo de Formação e Educação Permanente para o SUS, cuja presença do aluno é fundamental para que a formação se aproxime das necessidades da sociedade brasileira.

7.9.1. A aula prática nos laboratórios

As práticas contempladas nas disciplinas do 1º ao 5º período do curso são desenvolvidas por meio de visitas técnicas nas realidades do SUS e ou vivências no laboratório específico. Estas práticas são sempre acompanhadas e orientadas pelo professor da disciplina.

As práticas realizadas nos laboratórios são sempre acompanhadas e orientadas pelo professor da disciplina. Porém, a prática específica de enfermagem onde o aluno vai ter o contato e o aprendizado do exame físico e de procedimentos técnicos de enfermagem não deve ser feita somente por um (01) professor. Para esta prática é fundamental a divisão dos alunos em pequenos grupos, onde a técnica e os procedimentos vão ser demonstrados e ensinados passo a passo por mais de um docente, o que permitirá ao aluno um aprendizado mais concreto sobre um dos fundamentos da enfermagem, o cuidado. De acordo com o currículo, cada professor deve ficar com um grupo de no máximo 10 alunos no laboratório de saúde, nas disciplinas específicas da Enfermagem (Semiologia e Semiotécnica I e II) e grupos de no máximo 40 alunos para as disciplinas das áreas básicas (Anatomia, Citologia e Histologia, Microbiologia e Imunologia, Fisiologia Geral e Biofísica e Processos Patológicos Gerais).

As disciplinas Semiologia e Semiotécnica I e II, Saúde do Adulto e Idoso, Saúde da Criança e do Adolescente I e II e Saúde da Mulher e do Recém-Nascido I e II, áreas específicas da formação do profissional enfermeiro, contém conteúdo cujo saber deve ser dividido entre docentes.

7.9.2. Práticas Integradas

As disciplinas “Práticas Integradas” trata-se de modalidade prática por meio da qual o aluno é inserido nos serviços de saúde, em todos os seus níveis de complexidade, com carga horária específica a ela destinada.

Neste sentido, estas disciplinas específicas na formação do Enfermeiro direcionam a prática aos Hospitais, Unidades Básicas de Saúde, serviço de saúde mental, instituições de longa permanência, bem como para a Unidade de Pronto Atendimento.

As turmas são divididas em grupos de no máximo seis alunos e/ou conforme disponibilidade do campo e com acompanhamento do docente do Curso de Enfermagem.

As práticas são planejadas nas unidades de saúde com os Enfermeiros responsáveis e acordadas junto à Gestão do Serviço de Saúde.

Elas compreendem a assistência de enfermagem aos usuários, educação para a saúde, diagnóstico e planejamento da unidade junto ao Enfermeiro, com vistas a contribuições para a melhoria da qualidade da assistência prestada. Especificamente com relação à disciplina, são desenvolvidas dentre outras ações, assistência de enfermagem no ciclo vital, bem como o processo patológico e a gestão do serviço de saúde.

A presença dos alunos nos campos, bem como suas ações diretas ou indiretas aos usuários, é passo a passo acompanhada presencialmente pelo professor. Deste modo, o grupo de alunos vivenciam estas ações em consonância com o conteúdo trabalhado em sala de aula enquanto uma oportunidade de aplicação do conhecimento na realidade do SUS.

As práticas integradas passam a ser uma prática intermediária entre o laboratório - o qual oferece condições ideais de aprendizagem -, até as condições reais e vivenciadas pelos alunos no estágio curricular, na qual ele já é *interdependente* do professor.

A integração ensino-serviço para o curso de Graduação em Enfermagem faz parte de sua premissa na formação, uma vez que Enfermeiros competentes para o cuidado a saúde está para além da exigência de formação de recursos humanos para o SUS mas também atrelado às diversidades das comunidades e agrupamentos étnicos distintos.

Acreditamos na formação integral do sujeito, que diante de um mundo dinâmico e demandado por ele, seja capaz de transformar-se e de transformar a sua realidade, contribuindo efetivamente, assim, para a melhoria da qualidade de vida das pessoas. Os variados cenários por onde passam

nossos alunos não são inócuos. Eles problematizam um *modo de ser enfermeiro* que a realidade exige e que acaba por ultrapassar os muros acadêmicos.

As práticas integradas têm por objetivo propiciar ao aluno o contato com o usuário na unidade assistencial e colocar em prática o aprendizado teórico visto em sala de aula. É ainda um momento preparatório para o estágio curricular quando então poderá exercer plenamente a assistência de enfermagem no limite permitido por sua condição de aluno.

As práticas serão integradas, ou seja, o aluno vai ter contato com todo o ciclo vital humano, em uma única unidade assistencial, em momentos alternados no mesmo semestre entre atenção primária e atenção secundária e terciária no serviço público e privado.

Em 54 horas/aula semestrais do 5º ao 8º período, o aluno deve relacionar teoria e prática no serviço nas áreas da Saúde Coletiva, Saúde da Mulher e Recém-nascido, Saúde da Criança e Adolescente, Saúde do Adulto, Saúde do Idoso, Saúde Mental, Urgência e Emergência e Saúde do Trabalhador em atividades programadas e espontâneas nas Unidades Básicas de Saúde e Pronto Atendimento da rede do Sistema Único de Saúde de Divinópolis e Hospitais conveniados com a Unidade Acadêmica, no horário disponibilizado pelas unidades, podendo ser no turno da manhã ou da tarde.

A programação das atividades será diversificada, podendo em um mesmo dia o aluno fazer assistência a uma criança e a um idoso, desde que a unidade assistencial permita esta dinâmica.

As ações a serem realizadas devem ser orientadas pelas normas, rotinas e protocolos de cada instituição, bem como do Protocolo do Enfermeiro da Secretaria Municipal de Saúde de Divinópolis, que estabelece, em complementaridade com a Lei 7486 de 1986 que regulamenta o exercício profissional, as atribuições em toda a rede pública.

As atividades mínimas previstas para cada aluno nas Práticas Integradas são:

1. Consulta de Enfermagem
2. Educação em Saúde
3. Visitas domiciliares
4. Procedimentos técnicos de enfermagem
5. Registros em prontuários, impressos, relatórios, boletins, investigações, entre outros.

6. Organização da unidade assistencial
 7. Grupos de discussão de casos
 8. Avaliação de desempenho discente e docente
 9. Participação em reuniões de equipe, capacitações, eventos técnico-científicos.
- Os alunos são distribuídos em grupos com no máximo 6 alunos e cada um deverá realizar atividades na atenção primária, secundária e terciária, em sistema de rodízio, conforme cronograma do 5º ao 8º período.

O professor deve organizar o ensino obedecendo, os preceitos éticos, normas, regulamentos, rotinas e a demanda da unidade, porém observando a necessidade de aprendizado do aluno.

Na área hospitalar, o grupo pode ser fixado em setores gerais, possibilitando o contato com diferentes grupos etários e patologias diversificadas ou ainda ter as horas distribuídas nos setores considerados básicos do cuidado como área de adultos e idosos, maternidade, pediatria, bloco cirúrgico e urgência e emergência.

A avaliação é diária por meio da análise da capacidade do aluno de relacionar teoria e prática, estudos de casos, prova oral, e outros requisitos citados abaixo como critério de avaliação final:

- Assiduidade;
- Ética, Postura;
- Sociabilidade e Cooperação com o grupo discente, funcionários das unidades assistenciais e usuários;
- Iniciativa;
- Práticas Educativas;
- Grupos de Discussão;
- Capacidade de relacionar teoria e prática durante a assistência de enfermagem;
- Capacidade de organizar o ambiente antes, durante e após a assistência de Enfermagem;
- Capacidade de desenvolver adequadamente uma consulta de Enfermagem seguindo todas as etapas de forma correta;
- Capacidade de argumentação durante aos questionamentos feitos pelo professor; Capacidade de perceber o papel do profissional Enfermeiro e discriminar pontos positivos e negativos da unidade e participação ativa no processo ensino aprendizagem e

cumprimento do pacto firmado com o docente para a realização das atividades programadas.

A distribuição dos pontos é feita dividindo os valores equitativamente entre o período de ensino nas Unidades Básicas de Saúde da rede do Sistema Único de Saúde e Hospitais.

Atores das Práticas Integradas

Aluno: aquele que está em campo para aprender a ser o enfermeiro orientado pelo professor enfermeiro que faz parte da instituição de ensino e orientado também pelo enfermeiro da unidade/instituição de saúde, de acordo com os preceitos éticos e legais da profissão e as normas, regulamentos e rotinas da unidade.

Professor Enfermeiro: Professor da instituição de ensino responsável pela articulação teoriaprática que facilita o processo do ensino-aprendizagem ao aluno para desenvolvimento de habilidades, competências e atitudes na construção do aprender a ser enfermeiro.

Enfermeiro da Instituição de Saúde: é aquele que é específico contratado ou efetivo pela unidade/instituição de saúde que desenvolve o seu papel de profissional de saúde na área da enfermagem e afins e que realiza a articulação prática-teoria com a co-participação no processo do ensino-aprendizagem ao aluno para desenvolvimento de habilidades, competências e atitudes na construção do aprender a ser enfermeiro.

São atribuições do aluno no campo das disciplinas Práticas Integradas:

- I - Participar das atividades programadas com motivação, empenho e comportamento ético adequado;
- II - Realizar todas as atividades programadas no plano de ensino, sob a orientação de professor enfermeiro;
- III - Realizar todas as atividades programadas no plano de trabalho da instituição de saúde, sob a orientação do enfermeiro da instituição de saúde;
- IV - Elaborar relatórios periódicos sobre as atividades realizadas, para fins de avaliação, conforme orientações definidas a respeito;
- V - Prestar assistência de Enfermagem ambulatorial e domiciliar livre de riscos aos clientes;
- VI - Correlacionar as atividades práticas com o apoio teórico recebido no curso e com as orientações transmitidas pelo professor enfermeiro, interpelando o professor a respeito de suas dúvidas e das possibilidades de aprimoramento de sua prática;

- VII - Submeter-se a processo de avaliação continuada e global, buscando a melhoria de seu desempenho acadêmico e de iniciação profissional;
- VIII - Autoavaliar-se, como parte do processo de avaliação global de seu desempenho.
- IX - Manter abertas linhas de comunicação com todos os membros da equipe de Enfermagem, profissionais afins, cliente, família e comunidade;

São atribuições do Professor Enfermeiro no campo das disciplinas Práticas Integradas:

- I - Elaborar o plano de ensino das Práticas Integradas;
- II - Fornecer ao aluno os elementos necessários à elaboração e execução dos estudos de casos, seminários, relatórios e projetos;
- III – conhecer a realidade em que o aluno irá atuar considerando as condições físicas e os recursos didático-pedagógicos a serem utilizados;
- IV - Coordenar a execução das atividades didático-pedagógicas referentes às práticas integradas, de conformidade com o planejamento e pré-projeto definidos pelas partes envolvidas no acompanhamento do aluno no campo de prática;
- V – Promove reavaliação permanente das atividades desenvolvidas pelo aluno registrando, no documento individual próprio, o plano de trabalho, os relatórios parciais e finais e outros eventos ligados ao desenvolvimento da disciplina;
- VI – Encaminhar as avaliações, expressas em notas, para registro;
- VII - contatar com instituições, entidades, empresas ou comunidades potencialmente concedentes de campo de práticas, tendo em vista a celebração de convênios, termos de compromisso ou acordos de cooperação,
- VIII - Articular e promover a socialização de experiências profissionais e pedagógicas a partir de seminários, publicações e outros meios, envolvendo o colegiado de curso;
- IX - Manter o Coordenador do curso informado, mediante relatório, sobre a listagem dos estagiários, campos e desenvolvimento do estágio.

São atribuições do enfermeiro da instituição de saúde:

- I - Participar do processo ensino-aprendizagem com atitudes de corresponsabilidade;
- II - Orientar ao aluno seu desenvolvimento prático;
- III - Coparticipar da avaliação do processo;
- IV - Proporcionar ambiente conceptual que favoreça o aprendizado; V - Manter comunicação efetiva com o professor enfermeiro.

7.10. Estágio Curricular

O estágio curricular é realizado no 9º e 10º períodos no horário diurno ou noturno, de acordo com a oferta do campo de prática. No horário diurno ou noturno o aluno deverá ter disponibilidade de cursar o estágio tanto no período matutino ou vespertino ou noturno, em instituição estabelecida pela coordenação do curso em Divinópolis.

O Regulamento de estágio (Apêndice 3) contém o processo de organização e as responsabilidades de todos os envolvidos nesta disciplina.

Nos Estágios Curriculares I e II, os alunos são inseridos nos serviços de saúde pública (Estratégia de Saúde da Família, Centro de Saúde e Policlínica) e hospitalar (pronto atendimento, setor de internação, bloco cirúrgico e centro de tratamento intensivo), em todos os seus níveis de complexidade, conforme Regulamento de Estágio Curricular, em anexo.

O Estágio Curricular segue a Resolução do COFEN Nº 371/2010 que dispõe sobre participação do Enfermeiro na supervisão e orientação de estágio de estudantes dos diferentes níveis da formação profissional de Enfermagem. O número de alunos por supervisor e orientador de estágio, segue a definição desta resolução e estas informações estão definidas no Regulamento de Estágios do Curso, que se encontra em anexo ao PPC, sendo que cada supervisor de estágio, deve acompanhar grupos de no máximo 06 alunos e os orientadores de estágio, grupos de até 10 alunos.

Ressalta-se que o supervisor e o orientador de estágio devem ser docentes enfermeiros vinculados ao curso de Enfermagem da instituição. No qual o professor supervisor é responsável pelo acompanhamento prático e o orientador pelo suporte teórico-prático dos discentes.

Cabe destacar que o estágio curricular é um ato educativo realizado sob orientação docente, conforme previsto pela Lei nº 11.788/2008 e sua obrigatoriedade está prevista na Resolução CNE/CES Nº 3/2001. A sua carga horária corresponde a 20% da carga horária total do curso de enfermagem; ademais, é um elemento transformador do processo educativo, indispensável para a formação do enfermeiro. O estágio fundamenta-se na necessidade de estabelecer momentos de desenvolvimento das habilidades técnicas próprias da Enfermagem, deve ocorrer com o acompanhamento efetivo e permanente dos docentes da instituição de ensino a partir de um determinado número limite de alunos/supervisor para propiciar o acompanhamento integral das

atividades a serem realizadas. (Informações presentes na descrição do PPC e Regulamento de Estágios e número de alunos por grupo constam em quadro abaixo do currículo) (APÊNDICE 3).

7.11. Atividades Complementares

O processo ensino-aprendizagem acontece em variados cenários, de formas distintas, formal ou informalmente. O contexto escolar, próprio e planejadamente articulado para que a práxis pedagógica seja concretizada, permite que o aprendizado seja mobilizado e que o sujeito se transforme e interfira construtivamente em seu cotidiano. Entretanto, várias outras oportunidades são oferecidas às pessoas que, em processo de formação, buscam articular o aprendizado em outros campos fora da escola, segundo suas afinidades.

Neste sentido e conscientes da responsabilidade social de inserção do aluno no mundo da profissão, faz-se necessário que o Curso de Graduação em Enfermagem busque uma maior integração com as instituições de serviços e outras entidades formadoras dos seus discentes. Para tanto, as atividades extraclasse, contribuirão tanto para que outras reflexões sejam trazidas para dentro do curso, quanto para o discente, validando este conhecimento adquirido e buscado autonomamente. Desta forma, essas atividades extraclasse são consideradas atividades complementares, incentivando o aluno a participar de experiências diversificadas que contribuam para a sua formação humana e profissional, atendendo às diretrizes nacionais do ensino em Enfermagem.

As atividades integradoras deverão ser incrementadas durante todo o Curso de Graduação em Enfermagem e procura criar mecanismos de aproveitamento de conhecimentos, adquiridos pelo aluno por meio de estudos e práticas independentes, presenciais e/ou à distância, como: monitoria, programas de iniciação científica, programas de extensão, estudos complementares, cursos realizados em áreas afins (BRASIL, 2018). As atividades integradoras são obrigatórias, terão carga horária global de 105 horas, devendo ser cumpridas ao longo do curso, sendo de responsabilidade do Coordenador de Curso a data de envio para contabilização das horas no semestre (APÊNDICE 4).

7.12. Estrutura Curricular

Nº	1º PERÍODO	Tipo	Carga Horária Semanal (h/a)			Carga Horária Total (h/a)	Carga Horária Total (Horas)	Créditos	Pré-requisitos
			Teoria	Prática	Total				
1	Anatomia Humana I	OBR	2	2	4	72	60	4	
2	Bases Históricas, Políticas e Sociais em Enfermagem	OBR	3	0	3	54	45	3	
3	Metodologia Científica	OBR	3	0	3	54	45	3	
4	Citologia e Histologia	OBR	3	2	5	90	75	5	
5	Ecologia, Saúde Ambiental e Sustentabilidade	OBR	3	0	3	54	45	3	
6	Leitura e Produção de Textos	OBR	2	0	2	36	30	2	
7	Sociologia	OBR	2	0	2	36	30	2	
8	Seminários interdisciplinares	EXT	0	2	2	36	30	2	
	TOTAL		18	6	24	432	360	24	
Nº	2º PERÍODO	Tipo	Carga Horária Semanal (h/a)			Carga Horária Total (h/a)	Carga Horária Total (Horas)	Créditos	Pré-requisitos
			Teoria	Prática	Total				
9	Anatomia Humana II	OBR	2	2	4	72	60	4	
10	Filosofia	OBR	2	0	2	36	30	2	
11	Fundamentos de Genética e Evolução	OBR	2	1	3	54	45	3	
12	Embriologia Humana	OBR	1	1	2	36	30	2	
13	Bioquímica	OBR	4	0	4	72	60	4	
14	Fisiologia Geral e Biofísica	OBR	5	1	6	108	90	6	1
15	Primeiros Socorros	OBR	2	1	3	54	45	3	
16	Seminários interdisciplinares	EXT	0	2	2	36	30	2	
	TOTAL		18	8	26	468	390	26	

Nº	3º PERÍODO	Tipo	Carga Horária Semanal (h/a)			Carga Horária Total (h/a)	Carga Horária Total (Horas)	Créditos	Pré-requisitos
			Teoria	Prática	Total				
17	Bioestatística	OBR	4	0	4	72	60	4	
18	Microbiologia e Imunologia	OBR	3	2	5	90	75	5	
19	Fundamentos de Epidemiologia	OBR	4	0	4	72	60	4	
20	Parasitologia Humana	OBR	3	1	4	72	60	4	
21	Semiologia e Semiotécnica I**	OBR	4	3	7	126	105	7	1,9
22	Seminários interdisciplinares	EXT	0	2	2	36	30	2	
TOTAL			18	8	26	468	390	26	
Nº	4º PERÍODO	Tipo	Carga Horária Semanal (h/a)			Carga Horária Total (h/a)	Carga Horária Total (Horas)	Créditos	Pré-requisitos
			Teoria	Prática	Total				
23	Administração em Saúde	OBR	3	0	3	54	45	3	
24	Sistematização da Assistência de Enfermagem	OBR	3	0	3	54	45	3	
25	Farmacologia	OBR	4	1	5	90	75	5	13
26	Optativa I	OP	2	0	2	36	30	2	
27	Processos Patológicos Gerais	OBR	3	1	4	72	60	4	
28	Semiologia e Semiotécnica II**	OBR	4	4	8	144	120	8	21
29	Seminários interdisciplinares	EXT	0	2	2	36	30	2	
TOTAL			19	8	27	486	405	27	
Nº	5º PERÍODO	Tipo	Carga Horária Semanal (h/a)			Carga Horária Total (h/a)	Carga Horária Total (Horas)	Créditos	Pré-requisitos
			Teoria	Prática	Total				
30	Ética, Bioética e Deontologia	OBR	3	0	3	54	45	3	
31	Optativa II	OP	2	0	2	36	30	2	
32	Práticas Integradas I***	OBR	0	3	3	54	45	3	28
33	Projetos Integradores I	OBR	4	0	4	72	60	4	

34	Assistência de Enfermagem em Feridas	OBR	3	0	3	54	45	3	
35	Saúde Coletiva I	OBR	3	0	3	54	45	3	
36	Saúde do Adulto e Idoso	OBR	8	0	8	144	120	8	
37	Seminários interdisciplinares	EXT	0	2	2	36	30	2	
TOTAL			23	5	28	504	420	28	

Nº	6º PERÍODO	Tipo	Carga Horária Semanal (h/a)			Carga Horária Total (h/a)	Carga Horária Total (Horas)	Créditos	Pré-requisitos
			Teoria	Prática	Total				
38	Eletiva I	OP	3	0	3	54	45	3	
39	Interpretação de Exames Laboratoriais	OBR	3	0	3	54	45	3	
40	Práticas Integradas II***	OBR	0	3	3	54	45	3	32,36
41	Processo Educativo em Saúde	OBR	3	0	3	54	45	3	
42	Projetos Integradores II	OBR	4	0	4	72	60	4	33
43	Saúde Coletiva II	OBR	4	0	4	72	60	4	
44	Saúde da Criança e do Adolescente I	OBR	3	0	3	54	45	3	
45	Saúde da Mulher e do RN I	OBR	3	0	3	54	45	3	
46	Seminários interdisciplinares	EXT	0	2	2	36	30	2	
TOTAL			23	5	28	504	420	28	
Nº	7º PERÍODO	Tipo	Carga Horária Semanal (h/a)			Carga Horária Total (h/a)	Carga Horária Total (Horas)	Créditos	Pré-requisitos
			Teoria	Prática	Total				
47	Administração em Enfermagem I	OBR	3	0	3	54	45	3	
48	Psicologia Aplicada à Saúde	OBR	3	0	3	54	45	3	
49	Enfermagem Cirúrgica	OBR	3	1	4	72	60	4	36

50	Metodologia da pesquisa	OBR	3	0	3	54	45	3	
51	Práticas Integradas III***	OBR	0	4	4	72	60	4	40, 44, 45
52	Saúde da Criança e do Adolescente II	OBR	4	0	4	72	60	4	44
53	Saúde da Mulher e do RN II	OBR	4	0	4	72	60	4	45
54	Seminários interdisciplinares	EXT	0	2	2	36	30	2	
TOTAL			20	7	27	486	405	27	
Nº	8º PERÍODO	Tipo	Carga Horária Semanal (h/a)			Carga Horária Total (h/a)	Carga Horária Total (Horas)	Créditos	Pré-requisitos
			Teoria	Prática	Total				
55	Administração em Enfermagem II	OBR	4	0	4	72	60	4	47
56	Assistência de Enfermagem em Oncologia	OBR	2	1	3	54	45	3	
57	Trabalho de Conclusão de Curso I	OBR	3	0	3	54	45	3	50
58	Práticas Integradas IV***	OBR	0	4	4	72	60	4	51, 52, 53
59	Saúde Mental	OBR	3	0	3	54	45	3	
60	Urgência, Emergência e Intensivismo	OBR	5	0	5	90	75	5	
61	Eletiva II	EL	3	0	3	54	45	3	
62	Seminários interdisciplinares	EXT	0	2	2	36	30	2	
TOTAL			20	7	27	486	405	27	
Nº	9º PERÍODO	Tipo	Carga Horária Semanal (h/a)			Carga Horária Total (h/a)	Carga Horária Total (Horas)	Créditos	Pré-requisitos
			Teoria	Prática	Total				
63	Estágio Curricular I ***	OBR				522	435	29	55 a 62
64	Trabalho de Conclusão de Curso II	OBR	3	0	3	54	45	3	57

65	Optativa III		2	0	2	36	30	2	
	TOTAL		5	0	5	612	510	34	
Nº	10º PERÍODO	Tipo	Carga Horária Semanal (h/a)			Carga Horária Total (h/a)	Carga Horária Total (Horas)	Créditos	Pré-requisitos
			Teoria	Prática	Total				
66	Estágio Curricular II ***	OBR				522	435	29	63
67	Trabalho de Conclusão de Curso III	OBR	3	0	3	54	45	3	64
68	Optativa IV		2	0	2	36	30	2	
69	Atividades Complementares	OBR		0	7	126	105	7	
	TOTAL		5	0	12	738	615	41	

A seguir, síntese da carga horária total:

Especificações de carga horária	Carga horária		
	Hora/aula	Hora/relógio	Créditos
Disciplinas obrigatórias	2916	2430	162
Disciplinas optativas	144	120	8
Disciplinas eletivas	108	90	6
Práticas Integradas	252	210	14
Projetos Integradores	144	120	8
Atividades Complementares	126	105	7
Seminários Interdisciplinares	288	240	16
Estágio Curricular	1044	870	58
Trabalho de Conclusão de Curso	162	135	9
TOTAL	5184	4320	288

DIMENSÃO DAS TURMAS	Nº DE ESTUDANTES
Aulas Práticas*	20
Estágio supervisionado	40
Trabalho de Conclusão de Curso	40

*No caso das disciplinas que possuem aulas práticas, poderá ocorrer divisão da turma em subturmas, quando o número de matriculados for superior a 20 alunos, dependendo do suporte do laboratório, sendo que cada aula ministrada gerará atribuição de encargos didáticos para o docente.

DISCIPLINAS OPTATIVAS	Carga Horária Total (h/a)	Carga Horária Total (Horas)	Créditos
Anatomia Palpatória	36	30	2
Cuidados Paliativos	36	30	2
Dependência Química na Contemporaneidade	36	30	2
Gestão e Empreendedorismo	36	30	2
Grupos Operativos na Saúde	36	30	2
Imaginologia	36	30	2
LIBRAS	36	30	2
Nutrição Clínica aplicada a Enfermagem	36	30	2
Processos Organizacionais	36	30	2
Saúde do Trabalhador	36	30	2
Sistemas de Informação Aplicados à Saúde	36	30	2
Técnicas de Manipulação e Mobilização Articular	36	30	2
Violência e Saúde	36	30	2

7.14. Ementário e Bibliografia

1º PERÍODO

ANATOMIA HUMANA I

EMENTA:

Conceituação e identificação de normalidade, variações anatômicas, eixos, planos anatômicos e planos de construção corpórea. Identificação e estudo teórico-prático das diversas estruturas macroscópicas dos órgãos e sistemas do corpo humano: Anatomia dos sistemas esquelético, articular, muscular, nervoso central e periférico, nervoso autônomo, sensorial, tegumentar e cardiovascular, visando sua aplicação clínica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

DÂNGELO, José Geraldo; FATTINI, Carlo Américo. Anatomia humana básica. 2. ed. São Paulo: Atheneu, ©2015. 184 p. ISBN 8573790709. (Bibliografia na bbt da UEMG Divinópolis)
 DÂNGELO, José Geraldo; FATTINI, Carlo Américo. Anatomia humana: sistêmica e segmentar. 3. ed., rev. São Paulo: Atheneu, 2011. 757 p. ISBN 8573798483. (Bibliografia na bbt da UEMG Divinópolis)

TORTORA, Gerard J., GRABOWSKI, Sandra R. *Princípios de anatomia e fisiologia* /. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. ISBN: 8527707284. (Bibliografia na bbt da UEMG-Divinópolis)

ROHEN, Johannes W; YOKOCHI, Chihiro; LÜTJEN-DRECOLL, Elke. *Anatomia humana: atlas fotográfico de anatomia sistêmica e regional*. 8. ed. Barueri: Manole, 2016. xi, 548 p. ISBN 9788520444481. (Bibliografia na bbt da UEMG-Divinópolis)

AQUISIÇÃO:

TORTORA, Gerard J. DERRICKSON, Bryan. *Princípios de anatomia e fisiologia* /. 14. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; Edição: 14 (1 de fevereiro de 2016). ISBN-13: 9788527728621. (nova aquisição)

DRAKE, Richard L. / VOGL, A. Wayne/ MITCHELL, Adam W. M. *Gray's Anatomia Básica*. Rio de Janeiro: GEN Guanabara Koogan; Edição: 1 (6 de agosto de 2013). ISBN13: 9788535262964. (nova aquisição)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CRESPO, Xavier; CURELL, Nuria; CURELL, Jordi. *Atlas de anatomia e saúde*. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2004. 111 p. (Bibliografia na bbt da UEMG-Divinópolis)

NETTER, Frank H. *Netter - atlas de anatomia humana*. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. 638 p. (Bibliografia na bbt da UEMG-Divinópolis)

SOBOTTA, Johannes. *Atlas de anatomia humana*. 22. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 2 v.

SPENCE, Alexander P. *Anatomia humana básica*. São Paulo: Manole, 1991. 713 p. (Bibliografia na bbt da UEMG-Divinópolis)

WOLF-HEIDEGGER, G.; KÖPF-MAIER, Petra. *Wolf-Heidegger atlas de anatomia humana – v. 1: anatomia geral, paredes do tronco, membros superior e inferior*. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. (Bibliografia na bbt da UEMG-Divinópolis)

Wolf-Heidegger atlas de anatomia humana – v. 2: Cabeça e pescoço, tórax, abdome, pelve, PCSN, olho, orelha. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001

NETTER, Frank H. . . *Atlas de anatomia humana*. 3. tiragem. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. ISBN: 9788535221480. (Bibliografia na bbt da UEMG-Divinópolis)

WOLF-HEIDEGGER, G.(Gerhard), ; KÖPF-MAIER, Petra . *Wolf-Heidegger atlas de anatomia humana* /. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000. 2v. , il. (algumas col.) ; . v. 1. ISBN: 8527705710. (Bibliografia na bbt da UEMG-Divinópolis)

BASES HISTÓRICAS, POLÍTICAS E SOCIAIS EM ENFERMAGEM

EMENTA:

Histórico das práticas de saúde. Sistema Nightingale. O contexto institucional na origem da enfermagem no Brasil. Enfermagem como força social, base científica, tecnológica e social. Processo do cuidar e a base fundamental das teorias de enfermagem.

Compreensão e crítica de conceitos relacionados ao processo saúde-doença. Modelos assistenciais. História da organização e políticas sociais de saúde, considerando as transformações do quadro sanitário brasileiro. As instituições de saúde no Brasil.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza (Org.). **Tratado de saúde coletiva**. 2. ed., rev. e aum. São Paulo: Hucitec, 2012. (21 exs.)

CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado de (Org.). **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. 2. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. (Reimpressão de 2016). (17 exs.)

GEOVANINI, Telma *et al.* **História da enfermagem: versões e interpretações**. 4. ed. Rio de Janeiro: Revinter, ©2019. (16 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. **Um método para análise e co-gestão de coletivos: a constituição do sujeito, a produção de valor de uso e a democracia em instituições: o método da roda**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2007. (5 exs.)

CARRARO, Telma Elisa. **Enfermagem e assistência: resgatando Florence Nightingale**. 2. ed., rev. Goiânia: AB Editora, 2001. (6 exs.)

LIMA, Maria José de. **O que é enfermagem**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005. (5 exs.) PAIM, Jairnilson Silva; ALMEIDA FILHO, Naomar de (Org.). **Saúde coletiva: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Medbook, 2014. (5 exs.)

POTTER, Patricia Ann *et al.* **Fundamentos de enfermagem**. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. (16 exs.)

METODOLOGIA CIENTÍFICA

EMENTA:

Epistemologia e construção do conhecimento. Do senso comum ao conhecimento científico. Metodologia científica. Normas técnicas para elaboração de trabalhos acadêmicos. Projetos de pesquisa. A pesquisa científica. Características da linguagem científica. Análise de comunicações científicas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de (Org.). **Construindo o saber: metodologia científica: fundamentos e técnicas**. 24. ed. Campinas: Papirus, 2012. (25 exs.)

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 9. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013. (Reimpressão de 2014). (39 exs.)

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazio Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013. (Reimpressão de 2018). (16 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CARVALHO, Alex Moreira *et al.* **Aprendendo metodologia científica: uma orientação para os alunos de graduação**. São Paulo: Nome da Rosa, 2011. (14 exs.)

DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 10. ed. Campinas: Autores Associados, 2015. (13 exs.)

DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985. (Reimpressão de 2015). (17 exs.)

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, ©2017. (9 exs.)

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pósgraduação**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2015. (5 exs.)

CITOLOGIA E HISTOLOGIA

EMENTA:

Noções de microscopia de luz e eletrônica. Métodos de estudo das células e tecidos biológicos. Estrutura das membranas e transporte celular. Organização da célula procariota e eucariota. Citoesqueleto. Estrutura do núcleo interfásico. Compartimentos intracelulares e transporte. Matriz extracelular. Ciclo celular. Noções de Histologia básica e aplicada a clínica – Tecidos epitelial, conjuntivo, muscular, nervoso, sanguíneo, cartilaginoso e ósseo, com ênfase aos aspectos morfológicos característicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ALBERTS, Bruce et al. **Biologia molecular da célula**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. (Reimpressão de 2011). (16 exs.)
 JUNQUEIRA, Luiz Carlos Uchoa; CARNEIRO, José. **Biologia celular e molecular**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. (16 exs.)
 JUNQUEIRA, Luiz Carlos Uchoa; CARNEIRO, José. **Histologia básica**. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. (21 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CORMACK, David H. **Fundamentos de histologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©2003. (Reimpressão de 2014). (8 exs.)
 DE ROBERTIS, E. M. F; HIB, José. De Robertis: **bases da biologia celular e molecular**. 4. ed., rev. atual. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. (Reimpressão de 2012). (16 exs.)
 MOORE, Keith L; PERSAUD, T. V. N; TORCHIA, Mark G. **Embriologia clínica**. 10. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016. (10 exs.)
 NETTER, Frank H; OVALLE, William K.; NAHIRNEY, Patrick C. **Netter bases da histologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. (3 exs.)

ROSS, Michael H; PAWLINA, Wojciech. **Histologia: texto e atlas: em correlação com biologia celular e molecular**. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. (5 exs.)

ECOLOGIA, SAÚDE AMBIENTAL E SUSTENTABILIDADE

EMENTA:

Conceitos ecológicos fundamentais para os diferentes aspectos do desenvolvimento sustentável. Compreensão dos problemas e soluções para crise ambiental contemporânea. Desequilíbrio ecológico, aparecimento e reemergência de doenças. Inter-relações entre saúde, meio-ambiente e sociedade. Políticas públicas relacionadas ao meio ambiente e à qualidade de vida. Cidade saudável como nova perspectiva de abordar a saúde no espaço urbano e saúde pública. Enfermeiro e a responsabilidade da destinação dos resíduos dos serviços de saúde, educação e saúde ambiental.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CAIN, Michael L; BOWMAN, William D.; HACKER, Sally D. **Ecologia**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017. 720 p. ISBN 9788582714683. (4 exs da 1 ed; novos da 3 ed foram solicitados)
 MINAYO, Maria Cecilia de Souza. **Saúde e ambiente sustentável: estreitando nós**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz; ABRASCO, 2006. (11 exs.)

RICKLEFS, Robert E; RELYEA, Rick. **A economia da natureza**. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2021. 656 p. ISBN 9788527737074 (20 exs. da 7 ed; novos da 8ed foram solicitados).

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2010. (Reimpressão de 2017). (16 exs.)

LEFF, Enrique. **Aventuras da epistemologia ambiental**: da articulação das ciências ao diálogo de saberes. São Paulo: Cortez©, 2012. (5 exs.)

PELICIONI, Maria Cecília Focesi. **Educação ambiental e sustentabilidade**. Barueri: Manole, 2005. (5 exs.)

RUSCHEINSKY, Aloísio (Org.). **Educação ambiental**: abordagens múltiplas. 2. ed., rev. e ampl. Porto Alegre: Penso, 2012. (16 exs.)

NASCIMENTO, Simone Murta Cardoso do. **Meio ambiente e saúde**: desdobramentos éticos e jurídicos da inter-relação entre condições ambientais e genética humana. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2016. 288 p. ISBN 9788584404377 (exs foram solicitados)

LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS

EMENTA:

Língua e linguagem. Língua falada e língua escrita como práticas sociais. O processo de leitura e produção de textos associados à atividade acadêmica. Estratégias de leitura para estudo e produção de conhecimento. Noções básicas de texto. Textualidade e fatores de textualidade. A prática de produção de textos científicos. A prática da revisão de textos. Aspectos gramaticais emergentes: tratamento de inadequações relacionadas ao domínio da variedade de prestígio da língua escrita constatadas na produção do estudante.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristóvão. **Prática de texto**: para estudantes universitários. Petrópolis: Vozes, 2016. (23 exs.)

KLEIMAN, Angela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 16. ed. Campinas: Pontes, 2016. (17 exs.)

VAL, Maria da Graça Costa. **Redação e textualidade**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016. (16 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. 11. ed. São Paulo: Ática, 2010. (11 exs.)

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto**: leitura e redação. 17. ed. São Paulo: Ática, 2010. (14 exs.)

FOUCAMBERT, Jean; MAGNE, Bruno Charles. **A leitura em questão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. (4 exs.)

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **O texto e a construção dos sentidos**. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2013. (4 exs.)

SANTOS, Leonor Werneck dos; RICHE, Rosa; TEIXEIRA, Claudia Souza. **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, ©2011. (Reimpressão de 2018). (2 exs.)

SOCIOLOGIA

EMENTA:

Estudo das contribuições da teoria social para análises da modernidade e de sua configuração tardia. O percurso analítico do pensamento social clássico e seus desdobramentos entre autores contemporâneos. As transformações da sociedade capitalista, tendo como foco: a multiculturalidade própria da sociedade brasileira com destaque para a cultura afro-brasileira, entendimento histórico e sociológico das relações étnico raciais, as diversas formas de desigualdade, o consumo considerando seus efeitos comportamentais e ambientais, as subjetividades e o mal-estar físico e mental contemporâneo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ADORNO, Theodor W; GÖDDE, Cristoph. Introdução à sociologia. São Paulo: Ed. UNESP, ©2007. 358 p.

LÖWY, Michael. Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista. 20. ed. São Paulo: Cortez, 2015. 143 p.

TOURAINÉ, Alain. Crítica da modernidade. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. 431 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BAUMAN, Zygmunt. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. 272 p.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Cia das Letras, 2011. 465 p.

KONDER, Leandro. **O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI /**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 141 p

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, ©2016. 413 p.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. 4. ed. Brasília: Ed. UnB, 2009. v. 1.

SEMINÁRIOS INTERDISCIPLINARES**EMENTA:**

Desenvolvimento e apresentação de seminários que demonstrem o processo de aprendizado de educandos nas ciências da saúde e assistência de enfermagem no ciclo de vida do ser humano no enfoque biopsicossocial. Apresentação interdisciplinar dos projetos de extensão desenvolvidos no semestre letivo em sala de aula e comunidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

JARVIS, Carolyn. **Exame físico e avaliação de saúde para enfermagem**. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, ©2012. (4 exs.)

LEITE, Alba Lucia B. **Anamnese e exame físico: avaliação diagnóstica de enfermagem no adulto**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

POTTER, Patricia Ann *et al.* **Fundamentos de enfermagem**. 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2018.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ATKINSON, Leslie D.; MURRAY, Mary Ellen. **Fundamentos de enfermagem: introdução ao processo de enfermagem**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. (4 exs.)

BARBOSA, Adauto Dutra Moraes. **Semiologia pediátrica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rubio, 2010. (2 exs.)

LÓPEZ, Mario; LAURENTYS-MEDEIROS, José de. **Semiologia médica: as bases do diagnóstico clínico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2004. (4 exs.)
 PORTO, Celmo Celeno. **Semiologia médica**. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019.
 TRALDI, Maria Cristina. **Fundamentos de enfermagem na assistência primária de saúde**. Campinas: Alínea, 2004. (5 exs.)

2º PERÍODO

ANATOMIA HUMANA II

EMENTA:

Identificação e estudo teórico-prático das diversas estruturas macroscópicas dos órgãos e sistemas do corpo humano: respiratório, digestório, urinário, reprodutor masculino, reprodutor feminino, linfático e endócrino, visando sua aplicação clínica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

DÂNGELO, José Geraldo; FATTINI, Carlo Américo. Anatomia humana básica. 2. ed. São Paulo: Atheneu, ©2015. 184 p. ISBN 8573790709. (Bibliografia na bbt da UEMG-Divinópolis)
 DÂNGELO, José Geraldo; FATTINI, Carlo Américo. Anatomia humana: sistêmica e segmentar. 3. ed., rev. São Paulo: Atheneu, 2011. 757 p. ISBN 8573798483. (Bibliografia na bbt da UEMG-Divinópolis)
 TORTORA, Gerard J., ; GRABOWSKI, Sandra R. Princípios de anatomia e fisiologia /. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. ISBN: 8527707284. (Bibliografia na bbt da UEMG-Divinópolis)
 ROHEN, Johannes W; YOKOCHI, Chihiro; LÜTJEN-DRECOLL, Elke. Anatomia humana: atlas fotográfico de anatomia sistêmica e regional. 8. ed. Barueri: Manole, 2016. xi, 548 p. ISBN 9788520444481. (Bibliografia na bbt da UEMG-Divinópolis)
 TORTORA, Gerard J. DERRICKSON, Bryan. *Princípios de anatomia e fisiologia /*. 14. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; Edição: 14 (1 de fevereiro de 2016). ISBN-13: 9788527728621. (nova aquisição)
 DRAKE, Richard L. / VOGL, A. Wayne/ MITCHELL, Adam W. M. *Gray's Anatomia Básica*. Rio de Janeiro: GEN Guanabara Koogan; Edição: 1 (6 de agosto de 2013). ISBN13: 9788535262964. (nova aquisição)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CRESPO, Xavier; CURELL, Nuria; CURELL, Jordi. Atlas de anatomia e saúde. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2004. 111 p. (Bibliografia na bbt da UEMG-Divinópolis)
 NETTER, Frank H. Netter - atlas de anatomia humana. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. 638 p. (Bibliografia na bbt da UEMG-Divinópolis)
 SOBOTTA, Johannes. Atlas de anatomia humana. 22. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 2 v.
 SPENCE, Alexander P. Anatomia humana básica. São Paulo: Manole, 1991. 713 p. (Bibliografia na bbt da UEMG-Divinópolis)

- WOLF-HEIDEGGER, G.; KÖPF-MAIER, Petra. Wolf-Heidegger atlas de anatomia humana – v. 1: anatomia geral, paredes do tronco, membros superior e inferior. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. (Bibliografia na bbt da UEMG-Divinópolis)
- Wolf-Heidegger atlas de anatomia humana – v. 2: Cabeça e pescoço, tórax, abdome, pelve, PCSN, olho, orelha. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. NETTER, Frank H. . Atlas de anatomia humana. 3. tiragem. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. ISBN: 9788535221480. (Bibliografia na bbt da UEMG-Divinópolis)
- WOLF-HEIDEGGER, G.(Gerhard), ; KÖPF-MAIER, Petra . *Wolf-Heidegger atlas de anatomia humana* /. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000. 2v. , il. (algumas col.) ; . v. 1. ISBN: 8527705710. (Bibliografia na bbt da UEMG-Divinópolis)

FILOSOFIA

EMENTA:

O mito e gênese da Filosofia. O Conhecimento Filosófico: suas áreas e suas especificidades. A questão do conhecimento. A modernidade e suas implicações nos processos de formação humana e profissional. Problemas e perspectivas culturais no mundo contemporâneo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de (Org.). **Construindo o saber:** metodologia científica: fundamentos e técnicas. 24. ed. Campinas: Papirus, 2012. (25 exs.)
- CHAUÍ, Marilena de Souza. **Convite à filosofia.** 14. ed. São Paulo: Ática, 2010. (17 exs.)
- SOUZA FILHO, Danilo Marcondes de. **Textos básicos de filosofia:** dos pré-socráticos a Wittgenstein. 5. ed., rev. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. (16 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2012. (4 exs.)
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando:** introdução à filosofia. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 1993. (14 exs.)
- GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia:** romance da história da filosofia. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. (9 exs.)
- TOURAINÉ, Alain. **Crítica da modernidade.** 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. (20 exs.) VAZ, Henrique C. de Lima. **Escritos de filosofia IV:** introdução à ética filosófica 1. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2009. (17 exs.)

FUNDAMENTOS DE GENÉTICA E EVOLUÇÃO

EMENTA

Genética e sua importância; Estrutura e replicação do material genético; Síntese proteica; Cromossomos, mitose e meiose; Expressão gênica; Análise do DNA; Mutações; Cariótipo e alterações cromossômicas; Padrões de herança; Erros inatos do metabolismo; Determinação e diferenciação do sexo; genética de populações. Aspectos evolutivos das doenças.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- GRIFFITHS, A. J. F. et al. *Introdução à genética.* 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. 780 p.
- PIERCE, B. A. *Genética: um enfoque conceitual.* 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. 780 p.

THOMPSON, J. S.; THOMPSON, M. W. *Thompson & Thompson: Genética médica*. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. 560 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ALBERTS, B.; BRAY, D.; LEWIS, J. *Biologia molecular da célula*. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. 1396 p.

BROWN, T. A. *Genética, um enfoque molecular*. 3ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999. 336 p.

DE ROBERTIS, E. M. F; HIB, J. *Bases da biologia celular e molecular*. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. 389 p.

JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. *Biologia celular e molecular*. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012. 364 p.

ROSS, Michael H; PAWLINA, Wojciech. *Histologia: texto e atlas: em correlação com biologia celular e molecular*. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.

EMBRIOLOGIA HUMANA

EMENTA

Gametogênese, fertilização, clivagem e blastulação; Implantação nos mamíferos e formação da placenta; Gastrulação e Neurulação; Anexos Embrionários; Organogênese: derivados da ectoderme, mesoderme e endoderme; Noções básicas de teratologia.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

MOORE, Keith L; PERSAUD, T. V. N. **Embriologia básica**. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

LANGMAN, Jan; SADLER, T. W. **Embriologia médica**. 13. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©2016.

MOORE, Keith L; PERSAUD, T. V. N; TORCHIA, Mark G. **Embriologia clínica**. 10. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2016.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CARLSON, Bruce M. **Embriologia humana e biologia do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1996

LANGMAN, J.; SADLER, T. W. (Thomas W.). **Embriologia médica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1997. 282 p. ISBN: 852770420X.

MAIA, George Doyle . **Embriologia humana**. São Paulo: Atheneu, 2002.

MOORE, Keith; PERSAUD, T.V. N.; SHIOTA, Kohei. **Atlas colorido de embriologia clínica**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

MOORE, Keith l.; PERSAUD, T. V. N., . **Embriologia clínica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000. 543 p. ISBN: 8527705532

BIOQUÍMICA

EMENTA:

Introdução à bioquímica. Estrutura e função das principais macromoléculas biológicas: carboidratos, proteínas e lipídeos. Metabolismo e Bioenergética. Metabolismo de Carboidratos, Lipídeos e Proteínas (síntese e degradação). Integração metabólica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- BERG, Jeremy Mark; TYMOCZKO, John L.; STRYER, Lubert. **Bioquímica**. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. (13 exs.)
- LEHNINGER, Albert L.; COX, Michael M; NELSON, David L. **Princípios de bioquímica de Lehninger**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011. (Reimpressão de 2013). (19 exs.)
- MARZZOCO, Anita; TORRES, Bayardo B. **Bioquímica básica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2007. (Reimpressão de 2013). (10 exs. + CD-ROM)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- FERRIER, Denise R. **Bioquímica ilustrada**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2019. (5 exs.) GAW, Allan *et al.* **Bioquímica clínica: um texto ilustrado em cores**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. (5 exs.)
- KAMOUN, Pierre; LAVOINNE, Alain; VERNEUIL, Hubert de. **Bioquímica e biologia molecular**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. (5 exs.)
- RODWELL, Victor W *et al.* **Bioquímica ilustrada de Harper**. 30. ed. Porto Alegre: AMGH, 2017. (8 exs.)
- VOET, Donald; VOET, Judith G.; PRATT, Charlotte W. **Fundamentos de bioquímica: a vida em nível molecular**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. (8 exs.)

FISIOLOGIA GERAL E BIOFÍSICA**EMENTA:**

Compreensão dos processos biofísicos envolvidos na homeostasia dos fenômenos biológicos e estudo dos fenômenos bioelétricos. Desenvolver o estudo teórico-prático da biofísica e fisiologia dos sistemas nervoso, sensorial, muscular, cardiovascular, respiratório, digestório, urinário e endócrino visando sua aplicação clínica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- GUYTON, Arthur C; HALL, John E. **Tratado de fisiologia médica**. 14. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.
- SILVERTHORN, Dee Unglaub. **Fisiologia humana: uma abordagem integrada**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.
- GARCIA, Eduardo A. C. **Biofísica**. 2. ed. São Paulo: Sarvier, 2015. 505 p. ISBN 9788573782462.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- AIRES, Margarida de Mello. **Fisiologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2012.
- BERNE, Robert M.; LEVY, Matthew N. **Berne & Levy: Fisiologia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2018.
- COSTANZO, Linda S. **Fisiologia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2018.
- JOSÉ ENRIQUE RODAS DÚRAN. **Biofísica**. Editora Pearson 410 ISBN 9788576059288. E-BOOK
- TORTORA, Gerard J; GRABOWSKI, Sandra Reynolds. **Princípios de anatomia e fisiologia**. 14. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016.

PRIMEIROS SOCORROS**EMENTA:**

Medidas de prevenção de acidentes. Enfoque sobre violências urbanas. Ações imediatas, mediatas, procedimentos e condutas do socorrista em situações de urgência e emergência. Entendimento das ações em saúde para atuação em nível pré-hospitalar.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

KARREN, Keith J. *et al.* **Primeiros socorros para estudantes**. 10. ed. Barueri: Manole, 2013. (16 exs.)

SOUSA, Lucila M. Minichello de. **Primeiros socorros: condutas técnicas**. São Paulo: Iátria, Saraiva, 2010. (10 exs.)

VARELLA, Drauzio; JARDIM, Carlos. **Primeiros socorros: um guia prático**. São Paulo: Claro enigma, ©2011. (8 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BERGERON, J. David. **Primeiros socorros**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2007. (5 exs.)

BRUNET, Yvon *et al.* **Os primeiros socorros: uma resposta vital em situação de urgência**. 2. ed. Lisboa: Piaget, 2014. (5 exs.)

CUELLAR ERAZO, Guilherme A.; PIRES, Marco Túlio Baccarini; STARLING, Sizenando Vieira. **Erazo, manual de urgências em pronto-socorro**. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014. (6 ex.)

FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida de; LEITE, Josete Luzia; MACHADO, Wiliam César Alves (Org.). **Centro cirúrgico: atuação, intervenção e cuidados de enfermagem**. 2. ed., rev. e atual. São Caetano do Sul: Yendis, 2011. (8 exs.)

LOPES, Antonio Carlos *et al.* **Manual de medicina de urgência**. São Paulo: Atheneu, 2012. (5 exs.)

3º PERÍODO

BIOESTATÍSTICA

EMENTA:

O raciocínio estatístico. Fases de um trabalho estatístico. Noções de amostragem. Coleta, análise descritiva e exploratória de dados. Correlação. Regressão linear simples. Cálculo de Probabilidades. Testes de hipótese. A estatística aplicada à Enfermagem. Uso de softwares na análise estatística.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CASTANHEIRA, Nelson. **Bioestatística** [Recurso Eletrônico]. Curitiba: Contentus, 2020. 87p. ISBN 9786557452967. (Bibliografia na base virtual da bbt da UEMG)

BLAIR, R. Clifford; TAYLOR, Richard A. **Bioestatística para ciências da saúde**. São Paulo, Pearson Education do Brasil, 2013. 490p. ISBN 9788581431710 (Bibliografia na base virtual da bbt da UEMG)

VIEIRA, S. **Introdução à bioestatística**. 6. ed. Rio de Janeiro: GEN Guanabara Koogan, 2021. 296p. ISBN 9788595157996 (Nova Aquisição)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BEIGUELMAN, Bernardo. **Curso prático de bioestatística**. 5. ed., rev. Ribeirão Preto: FUNPEC, 2002. 272 p. ISBN 8587528254. (3 exs.)

CALLEGARI-JACQUES, S.M. **Bioestatística – princípios e aplicações**. Porto Alegre: Artmed Editora, 2003. ISBN 9788536300924. (7 exs.)

FONSECA, Jairo Simon da; MARTINS, Gilberto de Andrade. **Curso de estatística**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011. ISBN 9788522414710. (33 exs.)

MARTINEZ, Edson Zangiacomí. **Bioestatística para os Cursos de Graduação da Área da Saúde**. São Paulo: Blucher, 2015. 346p. ISBN 9788521209034. (Bibliografia na base virtual da bbt da UEMG)

RODRIGUES, Maísa Aparecida S. (Org.). **Bioestatística**. São Paulo, Pearson Education do Brasil, 2014. 186p. ISBN 9788543005386. (Bibliografia na base virtual da bbt da UEMG)

MICROBIOLOGIA E IMUNOLOGIA

EMENTA

Histórico e desenvolvimento da Microbiologia. Morfologia, estrutura, nutrição e crescimento dos microrganismos. Controle do crescimento microbiano. Recombinação gênica em bactérias. Biologia e Fisiologia de bactérias. Mecanismos microbianos de patogenicidade, resistência a antimicrobianos. Fundamentos de Imunologia. Células do sistema imune. Órgãos Linfóides. Resposta Imune inata e adaptativa (celular e humoral). Antígenos e Anticorpos. Sistema Complemento. Moléculas do Complexo Histocompatibilidade Principal. Inflamação aguda e crônica. Resposta imune a microrganismos. Hipersensibilidades. Tolerância imunológica. Autoimunidade. Imunodeficiências. Imunização.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

TORTORA, Gerard J; FUNKE, Berdell R; CASE, Christine L. Microbiologia. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. xxvi, 894 p. ISBN 9788536304885. (15 exs.)

ABBAS, Abul K.; LICHTMAN, Andrew H; PILLAI, Shiv. Imunologia celular e molecular. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015. (16 exs.)

BIER, Otto; MOTA, Ivan; SILVA, Wilmar Dias da. Imunologia básica e aplicada. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©2003. (Reimpressão de 2014). (16 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CALICH, Vera; VAZ, Celidéia. Imunologia. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2009. (5 exs.)

COICO, Richard; SUNSHINE, Geoffrey. Imunologia. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. (5 exs.)

MICROBIOLOGIA. 6. ed. São Paulo: Atheneu, 2015. (9 exs.)

PELCZAR, Michael Joseph; CHAN, Eddie Chin Sun; KRIEG, Noel R. Microbiologia: conceitos e aplicações. 2. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, ©1997. v. 1. (Reimpressão de 2010). (11 exs.)

PELCZAR, Michael Joseph; CHAN, Eddie Chin Sun; KRIEG, Noel R. Microbiologia: conceitos e aplicações. 2. ed. São Paulo: Pearson Education do Brasil, ©1997. v. 2. (Reimpressão de 2010). (3 exs.)

FUNDAMENTOS DE EPIDEMIOLOGIA

EMENTA:

Estudo do método epidemiológico e estatístico e sua aplicabilidade para a compreensão e entendimento dos determinantes do Processo Saúde/Doença e avaliação do mesmo na comunidade: sua distribuição, frequência. Estuda o perfil epidemiológico regional, problemas de

saúde e o sistema de informação. Conceitos básicos em ecologia e estudo dos efeitos e modificações ambientais sobre o homem.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- BONITA, R.; BEAGLEHOLE, R.; KJELLSTROM, Tord. **Epidemiologia básica**. 2. ed. São Paulo: Santos, 2010. (13 exs.)
- CAMPOS, Gastão Wagner de Souza (Org.). **Tratado de saúde coletiva**. 2. ed., rev. e aum. São Paulo: Hucitec, 2012. (21 exs.)
- ROUQUAYROL, Maria Zélia; SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da (Org.). **Rouquayrol: epidemiologia e saúde**. 7. ed. Rio de Janeiro: Medbook, 2013. (Reimpressão de 2014). (19 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- ALMEIDA FILHO, Naomar de; ROUQUAYROL, Maria Zélia. **Introdução à epidemiologia**. 4. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Medsi, 2006. (2 exs.)
- BRILHANTE, Ogenis Magno. **Gestão e avaliação de risco em saúde ambiental**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. (5 exs.)
- GORDIS, Leon. **Epidemiologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2010. (6 exs.)
- PEREIRA, Maurício Gomes. **Epidemiologia: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©1995. (11 exs.)
- TEIXEIRA, Carmen Fontes; SOLLA, Jorge Pereira. **Modelo de atenção à saúde: promoção, vigilância e saúde da família**. Salvador: EDUFBA, 2006. (4 exs.)

PARASITOLOGIA HUMANA

EMENTA:

Introdução geral ao estudo da Parasitologia e das relações parasito-hospedeiro. Estudo dos principais protozoários, helmintos e vetores encontrados no Brasil e suas consequências para o ser humano, incluindo seu ciclo biológico, aspectos morfológicos e taxonômicos, patogenicidade, transmissão, epidemiologia, profilaxia, diagnóstico e tratamento. Perspectivas atuais de controle das parasitoses.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- GUYTON, Arthur C; HALL, John E. **Fisiologia humana e mecanismos das doenças**. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998. (13 exs.)
- NEVES, David Pereira. **Parasitologia humana**. 13. ed. São Paulo: Atheneu, 2016. (16 exs.)
- SIQUEIRA-BATISTA, Rodrigo; Gomes, Andreia P. **Parasitologia - Fundamentos e Prática Clínica**. 1 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2020. *(livro novo já solicitado pela biblioteca)*

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- NEVES, David P; NETO, João B B. **Atlas didático de parasitologia**. 3ed. São Paulo: Atheneu, 2019 *(livro novo já solicitado pela biblioteca)*
- CIMERMAN, Benjamin; FRANCO, Marco Antônio. **Atlas de parasitologia humana**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2012. (5 exs.)
- NETTER, Frank H. **Atlas de anatomia humana**. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. (4 exs.)
- REY, Luís. **Bases da parasitologia médica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. (6 exs.)

REY, Luís. **Parasitologia**: parasitos e doenças parasitárias do homem nas Américas e na África. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. (4 exs.)

SEMIOLOGIA E SEMIOTÉCNICA I

EMENTA:

Estuda o método clínico teórico e prático da avaliação do estado de saúde do indivíduo, centrado na investigação dos sinais e sintomas por meio do exame físico. O objetivo é desenvolver competências necessárias a partir do raciocínio clínico, enfatizando as necessidades humanas básicas para o planejamento e a implementação da assistência de enfermagem.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

JARVIS, Carolyn. **Exame físico e avaliação de saúde para enfermagem**. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, ©2012. (4 exs.)

LEITE, Alba Lucia B. Anamnese e exame físico: avaliação diagnóstica de enfermagem no adulto. Porto Alegre: Artmed, 2016.

POTTER, Patricia Ann *et al.* **Fundamentos de enfermagem**. 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2018.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ATKINSON, Leslie D.; MURRAY, Mary Ellen. **Fundamentos de enfermagem**: introdução ao processo de enfermagem. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. (4 exs.)

BARBOSA, Aduino Dutra Moraes. **Semiologia pediátrica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rubio, 2010. (2 exs.)

LÓPEZ, Mario; LAURENTYS-MEDEIROS, José de. **Semiologia médica**: as bases do diagnóstico clínico. 5. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2004. (4 exs.)

PORTO, Celmo Celso. **Semiologia médica**. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019.

TRALDI, Maria Cristina. **Fundamentos de enfermagem na assistência primária de saúde**. Campinas: Alínea, 2004. (5 exs.)

4º PERÍODO

ADMINISTRAÇÃO EM SAÚDE

EMENTA:

Noções da Teoria Geral da Administração. Organização e gestão dos serviços de saúde: planejamento, programação, financiamento do SUS e avaliação dos serviços de saúde. Sistemas de informação em saúde.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**. 9. ed. São Paulo: Manole, 2014. (28 exs.)

KURCGANT, Paulina (Coord.). **Gerenciamento em enfermagem**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©2016. (11 exs.)

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Gestão estratégica na saúde**: reflexões e práticas para uma administração voltada para a excelência. 4. ed. atual. São Paulo: Iátria: Saraiva, ©2006. (Reimpressão de 2017). (5 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BRASIL. Senado Federal. Secretaria de Editoração de Publicações. Coordenação de Edições Técnicas. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações determinadas pelas Emendas Constitucionais de Revisão nos 1 a 6/94, pelas Emendas Constitucionais nos 1/92 a 91/2016 e pelo Decreto Legislativo no 186/2008. Brasília: Senado Federal, 2016. [Livro on-line]. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>.

Acesso em: 13 nov. 2019.

BRASIL. Lei 8080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para promoção, proteção e recuperação da saúde, organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 20 de setembro de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8080.htm>. Acesso em: 11 nov. 2019.

BRASIL. Lei 8142 de 28 de dezembro de 1990. Dispõe sobre a participação popular no Sistema Único de Saúde (SUS) e sobre as transferências intergovernamentais de recursos financeiros na área da saúde e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 31 de dezembro de 1990. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8142.htm>. Acesso em: 11 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Para entender o controle social na saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. 178 p. : il.

TANCREDI, Francisco Bernadini. Planejamento em Saúde, volume 2 / Francisco Bernadini Tancredi, Susana Rosa Lopez Barrios, José Henrique Germann Ferreira. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 1998. (Série Saúde & Cidadania)

SISTEMATIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM

EMENTA:

A sistematização da assistência de enfermagem e sua aplicabilidade na prática clínica. Estimular a capacidade de reflexão e a busca de conhecimentos teórico-práticos que possibilitem a identificação de problemas de enfermagem, o planejamento e o desenvolvimento da assistência de enfermagem junto a indivíduos nos diferentes níveis de atenção à saúde e ciclos de vida.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CARPENITO-MOYET, Lynda Juall. **Manual de diagnósticos de enfermagem**. 15. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2018. (6 exs.)

NORTH AMERICAN NURSING DIAGNOSIS ASSOCIATION. **Diagnósticos de enfermagem da NANDA: definições e classificação, 2009-2011**. Porto Alegre: Artmed, 2010. (11 exs.)

TANNURE, Meire Chucre; GONÇALVES, Ana Maria Pinheiro. **SAE: Sistematização da Assistência de Enfermagem: guia prático**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. (18 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CARPENITO-MOYET, Lynda Juall. **Planos de cuidados de enfermagem e documentação: diagnóstico de enfermagem e problemas colaborativos**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002. (3 exs.)

CARRARO, Telma Elisa. **Enfermagem e assistência: resgatando Florence Nightingale**. 2. ed., rev. Goiânia: AB Editora, 2001. (6 exs.)

CIANCIARULLO, Tamara Iwanow. **Instrumentos básicos para o cuidar: um desafio para a qualidade de assistência**. São Paulo: Atheneu, 2000. (5 exs.)

FISCHBACH, Frances Talaska. **Manual de enfermagem: exames laboratoriais e diagnósticos**. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. (5 exs.)
 MCEWEN, Melanie; WILLS, Evelyn M. **Bases teóricas para enfermagem**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.(5 exs.)

FARMACOLOGIA

EMENTA

Estudo dos conceitos da Farmacologia, Farmacocinética e terapêutica medicamentosa, formando base conceitual para o gerenciamento e prestação de assistência à saúde. Aspectos gerais da farmacologia clínica, usos terapêuticos, efeitos colaterais e interações farmacológicas. Estudo da relação medicamento, paciente e família. Prescrições medicamentosas autorizadas ao profissional enfermeiro. Protocolos Clínicos e Programas de Saúde que envolvem a prescrição medicamentosa.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

GOODMAN, Louis Sanford; GILMAN, Alfred Goodman; HILAL-DANDAN, Randa; BRUNTON, Laurence L. **Goodman & Gilman: manual de farmacologia e terapêutica**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015. (24 exs. na listagem de compras)
 KATZUNG, Bertram G.; TREVOR, Anthony J. **Farmacologia básica e clínica**. 13. ed. Porto Alegre: McGraw-Hill, 2017. (26 exs. na listagem de compras)
 Rang & Dale: **farmacologia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2020. (26 exs. na listagem de compras)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

GOODMAN, Louis Sanford; GILMAN, Alfred Goodman. **As bases farmacológicas da terapêutica**. 13. ed. Rio de Janeiro: McGrawHill, 2019. (16 exs. na listagem de compras)
 CLAYTON, Bruce D; STOCK, Yvonne N.; COOPER, Sandra E. **Farmacologia na prática de enfermagem**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. (5 exs.)
 GUARESCHI, Ana Paula Dias França; CARVALHO, Luciane Vasconcelos Barreto de; SALATI, Maria Inês. **Medicamentos em enfermagem: farmacologia e administração**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©2017. (5 exs.)
 SILVA, Penildon. **Farmacologia**. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. (4 exs. na listagem de compras)
 FUCHS, F.D.; WANMACHER, L; FERREIRA, M.B.C. **Farmacologia Clínica. Fundamentos da terapêutica racional** 5. ed Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017. (4 exs. na listagem de compras)

PROCESSOS PATOLÓGICOS GERAIS

EMENTA:

Estudo das causas, mecanismos, alterações morfológicas, repercussão funcional e evolução dos processos patológicos gerais. Respostas das células, tecidos e órgãos a agentes agressores: adaptações celulares, lesão e morte celular, inflamação, reparo tecidual, distúrbios hemodinâmicos e neoplasias

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BOGLIOLO, Luigi. **Bogliolo, patologia**. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. (14 exs.)

BRASILEIRO FILHO, Geraldo. **Bogliolo patologia geral**. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©2018. (14 exs.)
 TORTORA, Gerard J; FUNKE, Berdell R; CASE, Christine L. **Microbiologia**. 8. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005. (12 exs. + CD-ROM)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

GUYTON, Arthur C; HALL, John E. **Fisiologia humana e mecanismos das doenças**. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998. (13 exs.)
 NETTER, Frank H. **Atlas de anatomia humana**. 4. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008. (4 exs.)
 ROBBINS, Stanley L. **Patologia estrutural e funcional**. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000. (4 exs.)
 ROBBINS, Stanley L; KUMAR, Vinay; ABBAS, Abul K.; ASTER, Jon C. **Robbins: patologia básica**. 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. (5 exs.)
 ROHEN, Johannes W; YOKOCHI, Chihiro; LÜTJEN-DRECOLL, Elke. **Anatomia humana: atlas fotográfico de anatomia sistêmica e regional**. 8. ed. Barueri: Manole, 2016. (11 exs.)

SEMIOLOGIA E SEMIOTÉCNICA II

EMENTA:

Estuda o método clínico teórico e prático da avaliação do estado de saúde do indivíduo acerca das técnicas e procedimentos de enfermagem necessários para a assistência integral à saúde do indivíduo desde o momento da admissão hospitalar ou ambulatorial até à sua reintegração na comunidade. O objetivo é desenvolver competências necessárias a partir do raciocínio clínico, enfatizando as necessidades humanas básicas para o planejamento e a implementação da assistência de enfermagem.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BATES, Barbara; BICKLEY, Lynn S.; SZILAGYI, Peter G. **Propedêutica médica**. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©2015. (10 exs.)
 JARVIS, Carolyn. **Exame físico e avaliação de saúde para enfermagem**. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, ©2012. (4 exs.)
 POTTER, Patricia Ann *et al.* **Fundamentos de enfermagem**. 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2018.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ATKINSON, Leslie D.; MURRAY, Mary Ellen. **Fundamentos de enfermagem: introdução ao processo de enfermagem**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. (4 exs.)
 BARBOSA, Adauto Dutra Moraes. **Semiologia pediátrica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rubio, 2010. (2 exs.)
 LEITE, Alba Lucia B. Anamnese e exame físico: avaliação diagnóstica de enfermagem no adulto. Porto Alegre: Artmed, 2016.
 PORTO, Celmo Celeno. **Semiologia médica**. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019.
 TRALDI, Maria Cristina. **Fundamentos de enfermagem na assistência primária de saúde**. Campinas: Alínea, 2004.(5 exs.)

5º PERÍODO

ÉTICA, BIOÉTICA E DEONTOLOGIA

EMENTA

Os conceitos de ética, bioética. A bioética: reflexão e ação. Novas tendências da ética na biociência. A deontologia e as implicações éticas no agir responsável do enfermeiro. Reflexão crítica sobre a atuação do profissional enfermeiro no contexto ético-legal. O Exercício da Enfermagem. A Enfermagem como profissão e o engajamento do profissional enfermeiro nas entidades de classe, em nível nacional e internacional. A legislação profissional. A responsabilidade legal do Enfermeiro. Os problemas ético-legais no exercício da Enfermagem.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BOFF, Leonardo. **Ethos mundial: um consenso mínimo entre os humanos**. Rio de Janeiro: Record, 2009. (17 exs.)

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, ©1999. (Reimpressão de 2014). (11 exs.)

OGUISSO, Taka; ZOBOLI, Elma Lourdes Campos Pavone (Org.). **Ética e bioética: desafios para a enfermagem e a saúde**. 2. ed. ampl. e atual. São Paulo: Manole, ©2017. (10 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CONSELHO FEDERAL DE ENFERMAGEM. **Resolução COFEN-311/2007**. Aprova o novo Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. Disponível em: <<http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2017/12/RESOLU%C3%87%C3%83OCOFEN-N%C2%BA-564-2017.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2019.

JONSEN, Albert R; SIEGLER, Mark; WINSLADE, William J. **Ética clínica: abordagem prática para decisões éticas na medicina clínica**. 7. ed. Porto Alegre: AMGH, 2012. (5 exs.) OGUISSO, Taka; SCHMIDT, Maria José. **O exercício da enfermagem: uma abordagem ético-legal**. 2. ed. atual. ampl. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©2007. (4 exs.)

PALÁCIOS, Marisa; MARTINS, André.; PEGORARO, Olinto Antônio (Org.). **Ética, ciência e saúde: desafios da bioética**. Petrópolis: Vozes, 2002. (3 exs.)

SANT'ANNA, Suze Rosa; ENNES, Lilian Dias. **Ética na enfermagem**. [2. ed. rev. atual]. Petrópolis: Vozes, ©2006. (5 exs.)

PRÁTICAS INTEGRADAS I**EMENTA:**

A primeira aproximação estrutural efetiva e cognitiva com a realidade de sua profissão, através da assistência, em campo, do indivíduo, família e comunidade, frente aos programas de saúde da atenção básica, contextualizando o processo saúde-doença. Conhecimentos científicos, desempenho das técnicas de Enfermagem e utilização dos instrumentos básicos de Enfermagem, na assistência individual ou coletiva as pessoas, suas famílias e à comunidade em geral nos diferentes tipos de atendimento como em nível ambulatorial, hospitalar, ocupacional e domiciliar.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza (Org.). **Tratado de saúde coletiva**. 2. ed., rev. e aum. São Paulo: Hucitec, 2012. (21 exs.)

JARVIS, Carolyn. **Exame físico e avaliação de saúde para enfermagem**. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, ©2012. (4 exs.)

POTTER, Patricia Ann *et al.* **Fundamentos de enfermagem**. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. (16 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. **Manual de normas e procedimentos para vacinação**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. [Livro on-line]. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_procedimentos_vacinacao.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. **Manual de rede de frio**: do programa Nacional de Imunizações. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. [Livro on-line]. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_rede_frio4ed.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019.

CECIL, Russell La Fayette. **Cecil**: medicina interna básica. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. (5 exs.)

TRATADO de geriatria e gerontologia. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. (13 exs.)

TRALDI, Maria Cristina. **Fundamentos de enfermagem na assistência primária de saúde**. Campinas: Alínea, 2004. (5 exs.)

PROJETOS INTEGRADORES I

EMENTA

Estudo em pesquisa e projeto de extensão realizado na área de enfermagem, elaborado pelo estudante. Processo de investigação científica. Tipos de pesquisas. Tipos de instrumentos e técnicas de pesquisa. Elaboração de projetos com interface em ações na comunidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de (Org.). **Construindo o saber**: metodologia científica: fundamentos e técnicas. 24. ed. Campinas: Papirus, 2012. (25 exs.)

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 9. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013. (Reimpressão de 2014). (39 exs.)

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmaz Afonso de. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013. (Reimpressão de 2018). (16 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

HULLEY, Stephen B. *et al.* **Delineando a pesquisa clínica**: uma abordagem epidemiológica. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015. (9 exs.)

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, ©2017. (9 exs.)

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**: projetos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso. 8. ed. São Paulo: Atlas, ©2017. (14 exs.) MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. (16 exs.)

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed., rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016. (33 exs.)

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM EM FERIDAS

EMENTA

Avaliação e o cuidado do indivíduo portador de feridas nas diferentes situações clínicas. Processo de cicatrização e os fatores intervenientes nesse processo. Prevenção e tratamento de feridas em face da nova tecnologia disponível. Cuidados com ostomias.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- BORGES, Eline Lima *et al.* **Feridas: como tratar.** 2. ed. Belo Horizonte: COOPMED, 2008. (9 exs.)
- GAMBA, Mônica Antar; PETRI, Valéria; COSTA, Mariana Takahashi Ferreira. **Feridas: prevenção, causas e tratamento.** Rio de Janeiro: Santos, 2016. (5 exs.)
- POTTER, Patricia Ann *et al.* **Fundamentos de enfermagem.** 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. (16 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BRUNNER, Lillian Sholtis; SUDDARTH, Doris Smith; BARE, Brenda G.; SMELTZER, Suzanne C. O'Connell. **Tratado de enfermagem médico-cirúrgica.** 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. v. 1. (7 exs.)
- BRUNNER, Lillian Sholtis; SUDDARTH, Doris Smith; BARE, Brenda G.; SMELTZER, Suzanne C. O'Connell. **Tratado de enfermagem médico-cirúrgica.** 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. v. 2. (7 exs.)
- GUYTON, Arthur C; HALL, John E. **Tratado de fisiologia médica.** 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. (15 exs.)
- NORTH AMERICAN NURSING DIAGNOSIS ASSOCIATION. **Diagnósticos de enfermagem da NANDA: definições e classificação, 2009-2011.** Porto Alegre: Artmed, 2010. (11 exs.)
- TORTORA, Gerard J; GRABOWSKI, Sandra Reynolds. **Princípios de anatomia e fisiologia.** 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. (12 exs. + CD-ROM)

SAÚDE COLETIVA I

EMENTA

Abordagem epidemiológica e assistencial nos serviços de saúde. Vigilância em Saúde (Epidemiológica, Sanitária, Ambiental). Conceitos sobre prevenção de agravos, promoção da saúde, proteção e reabilitação da saúde do indivíduo. Estudo dos Programas e estratégias de ações e controle dos principais agravos à saúde da população, como diabetes, hipertensão arterial, hanseníase, tuberculose com ênfase na saúde do adulto e do idoso. Notificação e investigação de casos. Programa Nacional de Imunização para o ciclo vital, rede de frio. imunobiológicos especiais, imunoglobulinas e soros antiofídicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- CAMPOS, Gastão Wagner de Souza (Org.). **Tratado de saúde coletiva.** 2. ed., rev. e aum. São Paulo: Hucitec, 2012. (21 exs.)
- CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado de (Org.). **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências.** 2. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. (Reimpressão de 2016). (17 exs.)
- ROUQUAYROL, Maria Zélia; SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da (Org.). **Rouquayrol: epidemiologia e saúde.** 7. ed. Rio de Janeiro: Medbook, 2013. (Reimpressão de 2014). (19 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. **Guia de vigilância epidemiológica**. 7. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2009. (Normas e Manuais Técnicos). [Livro on-line]. Disponível em:

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_vigilancia_epidemiologica_7ed.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. **Manual de normas e procedimentos para vacinação**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. [Livro on-line]. Disponível em:

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_procedimentos_vacinacao.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância das Doenças Transmissíveis. **Manual de rede de frio: do programa Nacional de Imunizações**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. [Livro on-line]. Disponível em:

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/manual_rede_frio4ed.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019.

STARFIELD, Bárbara. **Atenção primária: equilíbrio entre necessidades de saúde, serviços e tecnologia**. 2. ed. Brasília: UNESCO, Ministério da Saúde, 2004. (2 exs.)

TEIXEIRA, Carmen Fontes; SOLLA, Jorge Pereira. **Modelo de atenção à saúde: promoção, vigilância e saúde da família**. Salvador: EDUFBA, 2006. (4 exs.)

SAÚDE DO ADULTO E DO IDOSO

EMENTA

Políticas públicas de saúde assistenciais para o adulto e idoso. Política Nacional de Saúde do Homem. Políticas públicas de abordagem ao tabagismo e obesidade. Aspectos clínicos e epidemiológicos dos principais agravos crônico-degenerativos, ocupacionais e os determinantes biopsicossociais para adultos e idosos. Aborda a assistência de Enfermagem a indivíduos adultos e idosos, bem como a prevenção de agravos à saúde. Aspectos clínicos e epidemiológicos da diabetes, hipertensão arterial, doenças dermatológicas, hanseníase, tuberculose, hematologia, neurologia, cardiologia, pneumologia, gastroenterologia, endocrinologia, função renal e oncologia, em geral. Estudo dos conceitos de gerontologia e geriatria. Ações que visem a segurança do paciente de acordo com a portaria 529/2013 e RDC 36/2013.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BRAGA, Cristina; GALLEGUILLOS, Tatiana Gabriela Brassea. **Saúde do adulto e do idoso**. São Paulo: Érica, [2014]. (5 ex.)

JARVIS, Carolyn. **Exame físico e avaliação de saúde para enfermagem**. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, ©2012. (4 exs.)

TRATADO de geriatria e gerontologia. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. (13 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BRASIL, Ministério da Saúde. **Redes estaduais de atenção à saúde do idoso: guia operacional e portarias relacionadas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Disponível em:

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/redes_estaduais.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019).

CECIL, Russell La Fayette. **Cecil: medicina interna básica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. (5 exs.)

FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida de; LEITE, Josete Luzia; MACHADO, Wiliam César Alves (Org.). **Centro cirúrgico: atuação, intervenção e cuidados de enfermagem**. 2. ed., rev. e atual. São Caetano do Sul: Yendis, 2011. (8 exs.)

FREITAS, Elizabete Viana de *et al.* **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. (6 ex.)

PORTO, Celmo Celeno. **Semiologia médica**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001. (4 exs.)

6º PERÍODO

INTERPRETAÇÃO DE EXAMES LABORATORIAIS

EMENTA

Interpretação de exames laboratoriais hematológicos, avaliações de alterações metabólicas e bioquímicas (metabolismo da glicose, lipidograma), análise das funções tireoidianas, hepáticas e renais. Análise de exames laboratoriais de importância clínica relacionados à parasitologia, culturas (fezes, urina) e sorologia de doenças. Avaliação de aspectos técnicos relativos aos exames laboratoriais mais utilizados em clínica médica, obstétrica, ginecológica, infantil e saúde coletiva, fornecendo subsídios ao enfermeiro para a solicitação, análise adequada e interpretação dos resultados obtidos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BERG, Jeremy Mark; TYMOCZKO, John L.; STRYER, Lubert. *Bioquímica*. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008. 1114 p. ISBN 9788527713696. (13 exemplares)

FISCHBACH, Frances Talaska. *Manual de enfermagem: exames laboratoriais e diagnósticos*. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. (5 exs.)

OLIVEIRA, João Batista Alves de. *Exames laboratoriais para o clínico*. Rio de Janeiro: MEDSI, 2003. (5 exs.)

SOARES, José Luiz Möller Flôres (Org.). *Métodos diagnósticos: consulta rápida*. Porto Alegre: Artmed, 2002. (5 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CARPENITO-MOYET, Lynda Juall. *Planos de cuidados de enfermagem e documentação: diagnóstico de enfermagem e problemas colaborativos*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002. (3 exs.)

NORTH AMERICAN NURSING DIAGNOSIS ASSOCIATION. *Diagnósticos de enfermagem da NANDA: definições e classificação, 2009-2011*. Porto Alegre: Artmed, 2010. (11 exs.)

WIDMANN, Frances K. *Interpretação clínica dos exames laboratoriais*. 11. ed. Barueri: Manole, 2002. (5 exs.)

PINTO, Wagner de Jesus. *Bioquímica clínica*. Rio de Janeiro Guanabara Koogan 2017 1 recurso online ISBN 9788527731478 (recurso online)

MURPHY, Michael J. *Bioquímica clínica*. Rio de Janeiro GEN Guanabara Koogan 2019 1 recurso online ISBN 9788595150751 (recurso online)

PRÁTICAS INTEGRADAS II

EMENTA:

Plano de assistência de enfermagem e administrativo em unidades de atenção primária à saúde no nível estrutural, efetivo, cognitivo e prática com a realidade da profissão, através da assistência nas clínicas pediátrica, ginecológica, obstétrica, respeitando os aspectos éticos e legais, levando em consideração os princípios que regem o Sistema Único de Saúde.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BARROS, Sonia Maria Oliveira de (Enfermeira) (Org.). **Enfermagem obstétrica e ginecológica: guia para a prática assistencial**. 2. ed. São Paulo: Roca: Gen, ©2009. (10 exs.)
LEONE, Cléa R; TRONCHIN, Daisy Maria Rizatto; TOMA, Edi (Coord.). **Assistência integrada ao recém-nascido de baixo risco**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2012. v. 1. (11 exs.)
PEDIATRIA ambulatorial. 5. ed. Belo Horizonte: COOPMED, 2013. (16 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança: crescimento e desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. (Cadernos de Atenção Básica; 33) (3 exs.). Disponível em: <http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_crescimento_desenvolvimento.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2019.
LIMA, Eduardo Jorge da Fonseca da; SOUZA, Márcio Fernando Tavares de; BRITO, Rita de Cássia Coelho Moraes de. **Pediatria ambulatorial**. Rio de Janeiro: Medbook, 2008. (5 exs.)
OLIVEIRA, Reynaldo Gomes de. **Blackbook pediatria: medicamentos e rotinas médicas**. 4. ed. Belo Horizonte: Black Book, 2011. (5 exs.)
ORSHAN, Susan A. **Enfermagem na saúde das mulheres, das mães e dos recém-nascidos: o cuidado ao longo da vida**. São Paulo: Artmed, 2010. (6 exs. + CD-ROM)
SCHMITZ, Edilza Maria Ribeiro. **A enfermagem em pediatria e puericultura**. São Paulo: Atheneu, 2000. (5 exs.)

PROCESSO EDUCATIVO EM SAÚDE

EMENTA:

Estudo da história da educação e a educação na sociedade. Epistemologia. Processo ensino aprendizagem e suas metodologias e técnicas aplicadas a saúde. Pressupostos teóricos que permeiam o processo de ensino/aprendizagem em um modelo pedagógico que utiliza a metodologia da problematização e a integração ensino/serviço/teoria/prática.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BASTABLE, Susan Bacorn. **O enfermeiro como educador: princípios de ensino/aprendizagem para a prática de enfermagem**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. (11 exs.)
FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. (12 exs.)
PEREIRA, William César Castilho. **Dinâmica de grupos populares**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. (Reimpressão de 2011). (19 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, [2004]. (7 exs.)
FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 36. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003. (7 exs.)
NISHIO, Elizabeth Akemi; BAPTISTA, Maria Aparecida de Camargo Souza

(Org.). **Educação permanente em enfermagem: a evolução da educação continuada**. Rio de Janeiro: Elsevier, ©2010. (6 ex.)

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O processo grupal**. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. (16 exs.)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. (11 exs.)

PROJETOS INTEGRADORES II

EMENTA:

Estudo em pesquisa e projeto de extensão realizado na área de enfermagem, elaborado pelo estudante. Processo de investigação científica. Tipos de pesquisas. Tipos de instrumentos e técnicas de pesquisa. Elaboração de projetos com interface em ações na comunidade.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BAUER, Martin W.; GASKELL, George (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (25 exs.)

CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de (Org.). **Construindo o saber: metodologia científica: fundamentos e técnicas**. 24. ed. Campinas: Papyrus, 2012. (25 exs.)

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 9. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013. (Reimpressão de 2014). (39 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

HULLEY, Stephen B. *et al.* **Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem epidemiológica**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015. (9 exs.)

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico: projetos de pesquisa, pesquisa bibliográfica, teses de doutorado, dissertações de mestrado, trabalhos de conclusão de curso**. 8. ed. São Paulo: Atlas, ©2017. (14 exs.)

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. (16 exs.)

RÚDIO, Franz Victor. **Introdução ao projeto de pesquisa científica**. 40. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. (7 exs.)

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 24. ed., rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2016. (33 exs.)

SAÚDE COLETIVA II

EMENTA:

A Estratégia Saúde da Família como política organizacional e assistencial da atenção básica. Processo de Trabalho na Estratégia Saúde da Família. Diagnóstico da situação de saúde da comunidade. Processo saúde-doença da família, seus determinantes, técnicas de abordagem para coleta de dados no núcleo familiar. Estratégias governamentais para a saúde da família. Cuidado de enfermagem na promoção e proteção da saúde da família.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza (Org.). **Tratado de saúde coletiva**. 2. ed., rev. e aum. São Paulo: Hucitec, 2012. (21 exs.)

CZERESNIA, Dina; FREITAS, Carlos Machado de (Org.). **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências**. 2. ed., rev. e ampl. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009. (Reimpressão de 2016). (17 exs.)

ROUQUAYROL, Maria Zélia; SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da (Org.). **Rouquayrol: epidemiologia e saúde**. 7. ed. Rio de Janeiro: Medbook, 2013. (Reimpressão de 2014). (19 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Memórias da saúde da família no Brasil**. Brasília: Ministério da Saúde, 2010. (Série I. História da Saúde no Brasil). [Livro on-line]. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/memorias_saude_familia_brasil.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 2.436, de 21 de setembro de 2017. Aprova a Política Nacional de Atenção Básica, estabelecendo a revisão de diretrizes para a organização da Atenção Básica, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS). Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2017. [internet]. [acesso em 2021 set 13]. Disponível em: <http://www.brasilsus.com.br/index.php/legislacoes/gabinete-do-ministro/16247-portaria-n-2436-de-21-de-setembro-de-2017>

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Coordenação Geral de Atenção Domiciliar. **Caderno de Atenção Domiciliar**. Vol. 2. Brasília. 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria nº 825, de 25 de abril de 2016. Redefine a Atenção Domiciliar no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS) e atualiza as equipes habilitadas [internet]. Brasília, DF: Ministério da saúde; 2016 [acesso em 2021 set 13]. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2016/prt0825_25_04_2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. *Carteira de Serviços da Atenção Primária à Saúde (CaSAPS)* [Internet]. Brasília: SAPS; 2019 Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/casaps_versao_profissionais_saude_gestores_completa.pdf

TEIXEIRA, Carmen Fontes; SOLLA, Jorge Pereira. **Modelo de atenção à saúde: promoção, vigilância e saúde da família**. Salvador: EDUFBA, 2006. (4 ex.)

SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE I

EMENTA:

Problemática da saúde da criança e do adolescente no País. Determinantes de morbimortalidade infantil e juvenil. Aspectos nutricionais, educativos e psicossociais ressaltando o autocuidado. Vigilância à saúde da criança. A saúde e a doença mental na criança e no adolescente. Agravos e riscos à saúde destes grupos. Assistência de enfermagem à criança e adolescente na rede básica de saúde. A imunização da criança e do adolescente. Farmacologia na atenção à criança.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

LIMA, Eduardo Jorge da Fonseca da; SOUZA, Márcio Fernando Tavares de; BRITO, Rita de Cássia Coelho Moraes de. **Pediatria ambulatorial**. Rio de Janeiro: Medbook, 2008. (5 exs.)
OLIVEIRA, Reynaldo Gomes de. **Blackbook pediatria: medicamentos e rotinas médicas**. 4.

ed. Belo Horizonte: Black Book, 2011. (5 exs.)

PEDIATRIA ambulatorial. 5. ed. Belo Horizonte: COOPMED, 2013. (16 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BARBOSA, Adauto Dutra Moraes. **Semiologia pediátrica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rubio, 2010. (2 exs.)

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança: crescimento e desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. (Cadernos de Atenção Básica ; 33) (3 exs.). Disponível em: <http://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_crescimento_desenvolvimento.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2019.

FONSECA, Luiz Fernando; PIANETTI, Geraldo; XAVIER, Christovão de Castro. **Compêndio de neurologia infantil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Medbook, 2011. (5 exs.)

JARVIS, Carolyn. **Exame físico e avaliação de saúde para enfermagem**. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, ©2012. (4 exs.)

SCHMITZ, Edilza Maria Ribeiro. **A enfermagem em pediatria e puericultura**. São Paulo: Atheneu, 2000. (5 exs.)

SAÚDE DA MULHER E DO RECÉM-NASCIDO I

EMENTA:

Aborda determinantes sociais em saúde, indicadores de morbimortalidade infantil e da mulher em seu ciclo de vida; modificações fisiológicas, alterações e assistência de enfermagem na saúde sexual, reprodutiva, gestação, puerpério, climatério e ao recém-nascido na promoção de saúde, prevenção de doenças e complicações ginecológicas e obstétricas e ao Recém-Nascido na atenção primária à saúde utilizando-se do raciocínio clínico e epidemiológico, respeitando os aspectos éticos e legais, levando em consideração os princípios que regem o Sistema Único de Saúde e farmacologia na atenção à mulher e ao recém-nascido na atenção primária em saúde.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BARROS, Sonia Maria Oliveira de (Enfermeira) (Org.). **Enfermagem obstétrica e ginecológica: guia para a prática assistencial**. 2. ed. São Paulo: Roca: Gen, ©2009. (10 exs.)

GIRÃO, Manoel João Batista; BARACAT, Edmund Chada; Lima, Gerado Rodrigues de (EDITORES); NAZÁRIO, Afonso Celso Pinto; FACINA, Gil; SARTORI, Marair Gracio Ferreira; DI BELLA, Zsuzsanna, Ilona Katalin de Jármy (Editores associados). **Tratado de Ginecologia** [Livro Eletrônico]. 1. Ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2017.

LEONE, Cléa R; TRONCHIN, Daisy Maria Rizatto; TOMA, Edi (Coord.). **Assistência integrada ao recém-nascido de baixo risco**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2012. v. 1. (11 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BRASIL. Ministério da Saúde. Protocolos da Atenção Básica: Saúde das Mulheres / Ministério da Saúde, Instituto Sírio-Libanês de Ensino e Pesquisa – Brasília : Ministério da Saúde, 2016. 230 p. Disponível em <

https://bvsm.s.saude.gov.br/bvs/publicacoes/protocolos_atencao_basica_saude_mulheres.pdf>.

ESHERICK, Joseph S.; CLARK, Daniel S.; SLATER, Evan D. **Current: diretrizes clínicas em atenção primária à saúde**. 10. ed. Porto Alegre: AMGH, 2013. (5 exs.)

FABBRO, Márcia Regina Cangiani e MONTRONE, Aida Victoria Garcia (orgs.).

Enfermagem em Saúde da Mulher [Livro Eletrônico]/São Caetano do Sul., SP: Difusão Editora, 2018. Disponível em <
<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/164950/pdf/0>>.

ORSHAN, Susan A. **Enfermagem na saúde das mulheres, das mães e dos recém-nascidos: o cuidado ao longo da vida.** São Paulo: Artmed, 2010. (6 exs. + CD-ROM) REGO, Maria Albertina Santiago; ANCHIETA, Lêni Márcia. **Assistência hospitalar ao neonato.** Belo Horizonte: SAS/MG, 2005. (5 ex.)

7º PERÍODO

ADMINISTRAÇÃO EM ENFERMAGEM I

EMENTA:

Bases teóricas da administração e sua aplicação no processo de trabalho da Enfermagem. Aspectos gerais do processo administrativo em saúde pública. Processo decisório e liderança em Enfermagem. Relações de poder nas organizações de saúde. Relações humanas no trabalho e o trabalho em equipe. Organização da assistência de Enfermagem na rede de serviços de saúde pública e Atenção Básica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração.** 9. ed. São Paulo: Manole, 2014. (28 exs.)

KURCGANT, Paulina (Coord.). **Gerenciamento em enfermagem.** 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©2016. (11 exs.)

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Gestão estratégica na saúde: reflexões e práticas para uma administração voltada para a excelência.** 4. ed. atual. São Paulo: Iátria: Saraiva, ©2006. (Reimpressão de 2017). (5 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

AGUIAR, Zenaide Neto (Org.). **SUS: Sistema Único de Saúde: antecedentes, percurso, perspectivas e desafios.** 2. ed. São Paulo: Martinari, 2015. 271 p. ISBN 9788581160559.

SANTOS, Álvaro da Silva; MIRANDA, Sônia Maria Rezende Camargo de (Org). **A enfermagem na gestão em atenção primária à saúde.** Barueri, SP: Manole, 2007. (Enfermagem). ISBN 9788520422946.

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. **Um método para análise e co-gestão de coletivos: a constituição do sujeito, a produção de valor de uso e a democracia em instituições: o método da roda.** 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2007. (5 exs.)

CARVALHO, André de Oliveira; EDUARDO, Maria Bernadete de Paula. **Sistemas de informação em saúde para municípios.** São Paulo: FSP-USP, 2002. (7 exs.)

KNODEL, Linda J. **Nurse to nurse: administração em enfermagem.** Porto Alegre: AMGH, 2011. (5 exs.)

MARQUIS, Bessie L.; HUSTON, Carol Jorgensen. **Administração e liderança em enfermagem: teoria e prática.** 4. ed. São Paulo: Artmed, 2005. (2 exs.)

OLIVEIRA, Djalma de Pinho Rebouças de. **Planejamento estratégico: conceitos, metodologia e práticas.** 34. ed. São Paulo: Atlas, 2018. (2 exs.)

PSICOLOGIA APLICADA À SAÚDE

EMENTA:

Psicologia como ciência do comportamento. Relação interpessoal do Enfermeiro com o paciente, família e equipe de trabalho. Compreensão dos processos de adoecer e morrer. O impacto psicológico e emocional no Enfermeiro diante da vivência de seu próprio trabalho. Qualidade de vida e motivação. Dinâmica do relacionamento humano e interpessoal.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ANDREOLI, Paola Bruno de Araujo; CAIUBY, Andrea Vannini Santesso; LACERDA, Shirley Silva (Coord.). **Psicologia hospitalar**. São Paulo: Manole, 2013. (16 ex.)

KNOBEL, Elias; ANDREOLI, Paola Bruno de Araujo; ERLICHMAN, Manes Roberto.

Psicologia e humanização: assistência aos pacientes graves. São Paulo: Atheneu, 2008. (10 exs.)

SPINK, Mary Jane P. **Psicologia social e saúde**: práticas, saberes e sentidos. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. (17 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BAPTISTA, Makilim Nunes; DIAS, Rosana Righetto. **Psicologia hospitalar**: teoria, aplicações e casos clínicos. 2. ed., rev. ampl. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. (5 ex.) BRUSCATO, Wilze Laura (Org.). **A psicologia na saúde**: da atenção primária à alta complexidade : o modelo de atuação da santa casa de São Paulo. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012. (2 exs.)

CONTINI, Maria de Lourdes Jeffery; KOLLER, Silvia Helena; BARROS, Monalisa Nascimento dos Santos. **Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. Brasília: Conselho Federal de Psicologia, 2002. (4 exs.)

DE MARCO, Mario Alfredo. **Psicologia médica**: abordagem integral do processo saúde-doença. Porto Alegre: Artmed, ©2012. (5 exs.)

SANTOS, Liliane Cristina; MIRANDA, Eunice Moreira Fernandes; NOGUEIRA, Eder Luiz (Org.). **Psicologia, saúde e hospital**: contribuições para a prática profissional. Belo Horizonte: ArteSã, 2015. (5 exs.)

ENFERMAGEM CIRÚRGICA

EMENTA:

Planejamento e assistência de enfermagem ao paciente cirúrgico enfatizando os períodos pré, trans e pós-operatório. Além da visão organizacional e administrativa partindo das atribuições do enfermeiro nas unidades de centro cirúrgico, sala de recuperação pós-anestésica, central de material e esterilização e serviço de controle de infecção hospitalar.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

AMANTE, L. N.; GIRONDI, J. B. R.; MAIA, A. R. C. R.; NASCIMENTO, K. C.; KNIHS, N. S. **Cuidado de enfermagem no período perioperatório**: intervenções para a prática. Curitiba: Editora CRV, 2015.

FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida de; LEITE, Josete Luzia; MACHADO, William César Alves (Org.). **Centro cirúrgico**: atuação, intervenção e cuidados de enfermagem. 2. ed., rev. e atual. São Caetano do Sul: Yendis, 2011. (8 exs.)

RO CHEEVER, K. H.; HINKLE, J. L. Brunner & Suddarth - **Manual de Enfermagem Médico-Cirúrgica**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2020.

ROTHROCK, J. C. Alexander. **Cuidados de enfermagem ao paciente cirúrgico**. 16 ed. Guanabara, 2021.

SANTOS, N. C. M. **Enfermagem na prevenção e controle da infecção hospitalar**. 4 ed. São Paulo: Iátria, 2016.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- BARTMANN, M. **Enfermagem Cirúrgica**. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2011.
- CARVALHO, R.; WAKSMAN, R. D.; FARAH, O. G. D. **Enfermagem em Centro Cirúrgico e Recuperação Anestésica**. São Paulo: Manole, 1 ed. 2015.
- BRUNNER, Lillian Sholtis; SUDDARTH, Doris Smith; BARE, Brenda G.; SMELTZER, Suzanne C. O'Connell. **Tratado de enfermagem médico-cirúrgica**. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. v. 1. (7 exs.)
- BRUNNER, Lillian Sholtis; SUDDARTH, Doris Smith; BARE, Brenda G.; SMELTZER, Suzanne C. O'Connell. **Tratado de enfermagem médico-cirúrgica**. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. v. 2. (7 exs.)
- BRUNNER, Lillian Sholtis; SUDDARTH, Doris Smith; BARE, Brenda G.; SMELTZER, Suzanne C. O'Connell. **Tratado de enfermagem médico-cirúrgica**. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. v. 3. (7 exs.)
- BRUNNER, Lillian Sholtis; SUDDARTH, Doris Smith; BARE, Brenda G.; SMELTZER, Suzanne C. O'Connell. **Tratado de enfermagem médico-cirúrgica**. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005. v. 4. (6 exs.)
- MOURA, M. L. P. A. **Enfermagem em centro de material e esterilização**. 9. ed. São Paulo: Senac, 2012.
- SMITH, Nancy E.; TIMBY, Barbara K. **Enfermagem Médico – Cirúrgica**. 8ª ed. Manole, 2005.

METODOLOGIA DA PESQUISA**EMENTA:**

Compreensão do desenvolvimento de procedimentos metodológicos das etapas de pesquisa. Elaboração de um projeto de Trabalho de Conclusão de Curso, pautado nas Normas aprovadas pelo colegiado e Projeto Pedagógico do Curso, utilizando conhecimentos teóricos, metodológicos e éticos que propiciem a aplicação dos processos da pesquisa, respeitando os princípios éticos e legais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de (Org.). **Construindo o saber: metodologia científica: fundamentos e técnicas**. 24. ed. Campinas: Papirus, 2012. (25 exs.)
- FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 9. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013. (Reimpressão de 2014). (39 exs.)
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. (16 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- HULLEY, Stephen B. *et al.* **Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem epidemiológica**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015. (9 exs.)
- KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Reimpressão de 2016). (23 exs.)
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, ©2017. (9 exs.)
- RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação**. 8.ed. São Paulo: Loyola, 2015. (5 exs.)

RUIZ, João Alvaro. **Metodologia científica**: guia para eficiência nos estudos. 6. ed. São Paulo: Atlas, [2017]. (14 exs.)

PRÁTICAS INTEGRADAS III

EMENTA:

Plano de assistência de enfermagem e administrativo em unidades de atenção hospitalar à saúde no nível estrutural, efetivo, cognitivo e prática com a realidade da profissão, através da assistência nas clínicas pediátrica, ginecológica, obstétrica, respeitando os aspectos éticos e legais, levando em consideração os princípios que regem o Sistema Único de Saúde.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

LEONE, Cléa R; TRONCHIN, Daisy Maria Rizatto; TOMA, Edi (Coord.). **Assistência integrada ao recém-nascido de baixo risco**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2012. v. 1. (11 exs.)
 ORSHAN, Susan A. **Enfermagem na saúde das mulheres, das mães e dos recém-nascidos: o cuidado ao longo da vida**. São Paulo: Artmed, 2010. (6 exs.)
 PEDIATRIA ambulatorial. 5. ed. Belo Horizonte: COOPMED, 2013. (16 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BARROS, Sonia Maria Oliveira de (Enfermeira).; MARIN, Heimar de Fátima; ABRÃO, Ana Cristina Freitas de Vilhena. **Enfermagem obstétrica e ginecológica**: guia para prática assistencial. São Paulo: Roca, ©2002. (4 exs.)
 JARVIS, Carolyn. **Exame físico e avaliação de saúde para enfermagem**. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, ©2012. (4 exs.)
 LIMA, Eduardo Jorge da Fonseca da; SOUZA, Márcio Fernando Tavares de; BRITO, Rita de Cássia Coelho Moraes de. **Pediatria ambulatorial**. Rio de Janeiro: Medbook, 2008. (5 exs.)
 OLIVEIRA, Reynaldo Gomes de. **Blackbook pediatria**: medicamentos e rotinas médicas. 4. ed. Belo Horizonte: Black Book, 2011. (5 exs.)
 SCHMITZ, Edilza Maria Ribeiro. **A enfermagem em pediatria e puericultura**. São Paulo: Atheneu, 2000. (5 exs.)

SAÚDE DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE II

EMENTA:

Problemática da saúde da criança e do adolescente no País. Determinantes de morbimortalidade infantil e juvenil. Aspectos nutricionais, educativos e psicossociais ressaltando o autocuidado. Vigilância à saúde da criança. Agravos e riscos à saúde destes grupos. Assistência de enfermagem à criança e adolescente na rede hospitalar de saúde. Farmacologia na atenção à criança.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

LIMA, Eduardo Jorge da Fonseca da; SOUZA, Márcio Fernando Tavares de; BRITO, Rita de Cássia Coelho Moraes de. **Pediatria ambulatorial**. Rio de Janeiro: Medbook, 2008. (5 exs.)
 OLIVEIRA, Reynaldo Gomes de. **Blackbook pediatria**: medicamentos e rotinas médicas. 4. ed. Belo Horizonte: Black Book, 2011. (5 exs.)
 PEDIATRIA ambulatorial. 5. ed. Belo Horizonte: COOPMED, 2013. (16 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BARBOSA, Adauto Dutra Moraes. **Semiologia pediátrica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rubio, 2010. (2 exs.)

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde da criança: crescimento e desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. (Cadernos de Atenção Básica ; 33) (3 exs.). Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_crianca_crescimento_desenvolvimento.pdf >. Acesso em: 06 nov. 2019.

JARVIS, Carolyn. **Exame físico e avaliação de saúde para enfermagem**. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, ©2012. (4 exs.)

LEONE, Cléa R; TRONCHIN, Daisy Maria Rizatto; TOMA, Edi (Coord.). **Assistência integrada ao recém-nascido de baixo risco**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2012. v. 1 (11 exs.)

REGO, Maria Albertina Santiago; ANCHIETA, Lêni Márcia. **Assistência hospitalar ao neonato**. Belo Horizonte: SAS/MG, 2005. (5 exs.)

SAÚDE DA MULHER E DO RECÉM-NASCIDO II

EMENTA:

Estuda os processos patológicos que levam a mulher por intercorrências obstétricas e ginecológicas e o RN à necessidade de uma internação, planejamento, cuidados de enfermagem e as formas de tratamento, utilizando-se do raciocínio clínico e epidemiológico, respeitando os aspectos éticos e legais, levando em consideração os princípios que regem o Sistema Único de Saúde. Cuidado de enfermagem integral, na promoção de saúde, prevenção de doenças, tratamento e reabilitação em nível hospitalar à mulher no período reprodutivo, gestacional, parto, puerpério, clínica ginecológica e o cuidado ao recém-nascido normal e patológico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BARROS, Sonia Maria Oliveira de (Enfermeira) (Org.). **Enfermagem obstétrica e ginecológica: guia para a prática assistencial**. 2. ed. São Paulo: Roca: Gen, ©2009. (10 exs.)

LEONE, Cléa R; TRONCHIN, Daisy Maria Rizatto; TOMA, Edi (Coord.). **Assistência integrada ao recém-nascido de baixo risco**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, 2012. v. 1. (11 exs.)

ORSHAN, Susan A. **Enfermagem na saúde das mulheres, das mães e dos recém-nascidos: o cuidado ao longo da vida**. São Paulo: Artmed, 2010. (6 exs. + CD-ROM)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CARVALHO, Geraldo Mota de. **Enfermagem em obstetrícia**. São Paulo: EPU, 2002. (5 exs.)

POTTER, Patricia Ann *et al.* **Fundamentos de enfermagem**. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013. (16 exs.)

REGO, Maria Albertina Santiago; ANCHIETA, Lêni Márcia. **Assistência hospitalar ao neonato**. Belo Horizonte: SAS/MG, 2005. (5 exs.)

SÁ, Renato Augusto Moreira de; OLIVEIRA, Cristiane Alves. **Hermógenes – Obstetrícia básica [Livro Eletrônico]**. 3. ed. São Paulo. Editora Atheneu, 2015. Disponível em <<https://plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/171347/pdf/0>>.

VIANA, Luiz Carlos; MARTINS, Madalena; GEBER, Selmo. **Ginecologia**. 2. ed. São Paulo: Medsi, ©2001. (7 exs.)

ADMINISTRAÇÃO EM ENFERMAGEM II

EMENTA:

Gerência dos serviços de enfermagem hospitalares. Planejamento, aplicação e controle de recursos institucionais. Modelos gerenciais. Administração da assistência de Enfermagem hospitalar. Estudo e análise da organização hospitalar. Fundamentos da ética e bioética na administração. A relação da administração com a integralidade e a humanização da assistência.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**. 9. ed. São Paulo: Manole, 2014. (28 exs.)

KURCGANT, Paulina (Coord.). **Gerenciamento em enfermagem**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©2016. (11 exs.)

MARQUIS, Bessie L.; HUSTON, Carol Jorgensen. **Administração e liderança em enfermagem: teoria e prática**. 4. ed. São Paulo: Artmed, 2005. (2 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CALIL, Saide Jorge. **Gerenciamento da manutenção de equipamentos hospitalares**. São Paulo: FSP-USP, 2002. (7 exs.)

MALAGÓN-LONDOÑO, Gustavo; PONTÓN LAVERDE, Gabriel; LONDONO, Jairo Reinales. **Gestão hospitalar para uma administração eficaz**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©2016. (3 exs.)

KNODEL, Linda J. **Nurse to nurse: administração em enfermagem**. Porto Alegre: AMGH, 2011. (5 exs.)

TAJRA, Sanmya Feitosa. **Gestão estratégica na saúde: reflexões e práticas para uma administração voltada para a excelência**. 4. ed. atual. São Paulo: Iátria: Saraiva, ©2006. (Reimpressão de 2017). (5 exs.)

URIBE RIVERA, F. Javier. **Análise estratégica em saúde e gestão pela escuta**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. (7 exs.)

ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM EM ONCOLOGIA

EMENTA:

Aborda os programas nacionais e políticas públicas de prevenção contra o câncer. Princípios e epidemiológicos e básicos da fisiopatologia, prevenção e tratamento do câncer, as bases genéticas da oncogênese, a classificação dos tumores, a anatomia patológica dos tumores, as características morfológicas e comportamentais básicas dos tumores, a evolução natural das neoplasias, o estadiamento, bem como, a análise de conceitos básicos do cuidado de enfermagem a pacientes oncológicos como "coping", adaptação, desesperança, autoimagem, autoestima, qualidade de vida, perda e morte. Aspectos éticos-legais no cuidado ao cliente oncológico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida de; LEITE, Josete Luzia (Org.). **Enfermagem oncológica: conceitos e práticas**. São Paulo: Yendis, ©2010. (Reimpressão de 2013).

GOVINDAN, Ramaswamy; MORGENSZTERN, Daniel. **Washington: manual de oncologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2017.

RODRIGUES, Andrea Bezerra; OLIVEIRA, Patrícia Peres de (Coord.). **Oncologia para enfermagem**. Barueri: Manole, 2016.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Regulação, Avaliação e Controle. Coordenação Geral de Sistemas de Informação. **Manual de bases técnicas da oncologia: SIA/SUS - Sistema de Informações Ambulatoriais.** [Livro on-line].

Disponível em: <https://www.inca.gov.br/sites/ufu.sti.inca.local/files//media/document//manual-oncologia25a-edicao.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.

CHABNER, Bruce; LONGO, Dan L. **Manual de oncologia de Harrison.** 2. ed. Porto Alegre: AMGH: Artmed, 2015.

INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER (BRASIL). **Ações de enfermagem para o controle do câncer: uma proposta de integração ensino-serviço.** 3. ed., rev., atual. e ampl. Rio de Janeiro: Ministério da Saúde, 2008. [Livro on-line]. Disponível em:

http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acoes_enfermagem_controle_cancer.pdf. Acesso em: 12 nov. 2019.

INTERNATIONAL UNION AGAINST CANCER. **UICC manual de oncologia clínica.** 8. ed. São Paulo: Fundação Oncocentro de São Paulo, 2006.

MOURA, Marisa Decat de (Org.). **Oncologia: clínica do limite terapêutico?.** Belo Horizonte: ArteSã, 2013.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO I

EMENTA:

Elaborar e desenvolver etapa inicial do Trabalho de Conclusão de Curso utilizando conhecimentos teóricos, metodológicos e éticos sob orientação do professor orientador a partir do desenvolvendo das seguintes etapas de pesquisa: discussão e escolha do tema, levantamento do referencial teórico, pergunta norteadora da pesquisa, hipótese e/ou pressuposto, objetivo geral e específicos, introdução, justificativa e revisão da literatura. Estas etapas acontecerão por meio de aulas teóricas discursivas, dialogadas entre o professor orientador e discentes orientandos, apresentações, discussões e correções destas etapas para o desenvolvimento da pesquisa pelos discentes.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas.** 9. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013. (Reimpressão de 2014). (39 exs.)

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. (16 exs.)

RUIZ, João Alvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos.** 6. ed. São Paulo: Atlas, [2017]. (14 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

HULLEY, Stephen B. *et al.* **Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem epidemiológica.** 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015. (9 exs.)

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa.** 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Reimpressão de 2016). (23 exs.)

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013. (Reimpressão de 2018). (16 exs.) MARCONI,

Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, ©2017. (9 exs.)

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**: para alunos dos cursos de graduação e pósgraduação. 8.ed. São Paulo: Loyola, 2015. (5 exs.)

PRÁTICAS INTEGRADAS IV

EMENTA:

Plano de assistência de enfermagem e administrativo em unidades hospitalares e asilares no nível, estrutural, efetivo, cognitivo e prática com a realidade da profissão, através da assistência nas clínicas médica, saúde mental e urgência e emergência, respeitando os aspectos éticos e legais, levando em consideração os princípios que regem o Sistema Único de Saúde.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

KURCGANT, Paulina (Coord.). **Gerenciamento em enfermagem**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©2016. (11 exs.)

TRATADO de geriatria e gerontologia. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. (13 exs.)

VECINA NETO, Gonzalo; MALIK, Ana Maria. **Gestão em saúde**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©2016. (16 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CALIL, Saide Jorge. **Gerenciamento da manutenção de equipamentos hospitalares**. São Paulo: FSP-USP, 2002. (7 ex.)

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. (11 exs.)

MALAGÓN-LONDOÑO, Gustavo; PONTÓN LAVERDE, Gabriel; LONDONO, Jairo Reinales. **Gestão hospitalar para uma administração eficaz**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©2016. (3 exs.)

SANTOS, Nívea Cristina Moreira. **Enfermagem em pronto atendimento: urgência e emergência**. São Paulo: Érica, ©2014. (Reimpressão de 2018). (2 exs.)

URIBE RIVERA, F. Javier. **Análise estratégica em saúde e gestão pela escuta**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003. (7 exs.)

SAÚDE MENTAL

EMENTA:

O processo da Reforma Psiquiátrica Brasileira e a Política Nacional de Saúde Mental. Planejamento da assistência de Enfermagem ao usuário-família, nos serviços de saúde mental utilizando-se dos paradigmas clínicos, políticos e sociais, com vistas à inserção e reabilitação social.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto. **Psicologia da saúde**: um novo significado para a prática clínica. 2. ed., rev. e ampl. São Paulo: Cengage Learning, 2011. (16 exs.)

DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. (11 exs.)

SILVA, Leandro Andrade da; SANTOS, Iraci dos (Org.). **Cuidar em enfermagem e saúde mental**: saúde mental na atenção primária à saúde, envelhecimento, finitude e necessidades de cuidados em diferentes situações. Curitiba: Appris, 2017. v. 2. (5 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ABREU, Cristiano Nabuco de. **Síndromes psiquiátricas**: diagnóstico e entrevista para profissionais da saúde mental. Porto Alegre: Artmed, 2006. (5 exs.)

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Secretaria de Atenção à Saúde. **Legislação em saúde mental**: 1990-2004. 5. ed. rev. e ampl. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. (Série E. Legislação de Saúde). [Livro on-line]. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/legislacao_mental.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Saúde mental**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. (Cadernos de Atenção Básica; 34). [Livro on-line]. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_atencao_basica_34_saude_mental.pdf>. Acesso em: 11 nov. 2019.

SADOCK, Benjamin J; SADOCK, Virginia A. **Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. (4 exs.)

STRAUB, Richard O. **Psicologia da saúde**: uma abordagem biopsicossocial. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. (5 exs.)

URGÊNCIA, EMERGÊNCIA E INTENSIVISMO

EMENTA:

Princípios gerais e técnicas utilizadas no atendimento imediato a pessoas em situações de urgência e emergência. Assistência de enfermagem sistematizada ao indivíduo nos aspectos biopsicossocial e cultural e intervenções da enfermagem em situações críticas. Assistência de enfermagem sistematizada ao paciente crítico, com disfunções multisistêmicas. Aborda também as implicações éticas e humanísticas para o paciente e os cuidados paliativos. Gerenciamento dos serviços de urgência e emergência. Estrutura e funcionamento do Centro de Terapia Intensiva (CTI). Principais agravos que acometem o indivíduo. Assistência de enfermagem a pacientes críticos. O desempenho do enfermeiro em seu papel gerencial.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

KARREN, Keith J. *et al.* **Primeiros socorros para estudantes**. 10. ed. Barueri: Manole, 2013. (16 exs.)

LOPES, Antonio Carlos *et al.* **Manual de medicina de urgência**. São Paulo: Atheneu, 2012. (5 exs.)

SOUSA, Lucila M. Minichello de. **Primeiros socorros**: condutas técnicas. São Paulo: Iátria, Saraiva, 2010. (10 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

SANTOS, Nívea Cristina Moreira. **Enfermagem em pronto atendimento: urgência e emergência**. São Paulo: Érica, ©2014. 136 p. (Eixos. Ambiente e saúde). ISBN 9788536506425.

TOBASE, Lucia. **Urgências e emergências em enfermagem**. Rio de Janeiro Guanabara Koogan 2017 1 recurso online ISBN 9788527731454.

BRUNET, Yvon *et al.* **Os primeiros socorros**: uma resposta vital em situação de urgência. 2. ed. Lisboa: Piaget, 2014. (5 exs.)

CUELLAR ERAZO, Guilherme A.; PIRES, Marco Túlio Baccarini; STARLING, Sizenando Vieira. **Erazo, manual de urgências em pronto-socorro**. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2014. (6 exs.)

RIBEIRO JÚNIOR, Célio. **Manual básico de socorro de emergência**. 2. ed., rev. e ampl. São Paulo: Atheneu, 2007. (5 exs.)

SHAH, Kaushal; MASON, Chilembwe. **Procedimentos de emergência essenciais**. Porto Alegre: Artmed, 2009. (2 exs.)

VARELLA, Drauzio; JARDIM, Carlos. **Primeiros socorros: um guia prático**. São Paulo: Claro enigma, ©2011. (8 exs.)

9º PERÍODO

ESTÁGIO CURRICULAR I

EMENTA

Desenvolvimento de atividades assistenciais, educativas, administrativas e de investigações em Enfermagem na Rede Básica de serviços de saúde, Ambulatórios, Unidades de Urgência / Emergência e Hospitais Gerais nas suas diversas clínicas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

JARVIS, Carolyn. **Exame físico e avaliação de saúde para enfermagem**. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, ©2012. (4 exs.)

LEITE, Alba Lucia B. **Anamnese e exame físico: avaliação diagnóstica de enfermagem no adulto**. Porto Alegre: Artmed, 2016.

POTTER, Patricia Ann *et al.* **Fundamentos de enfermagem**. 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2018.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ATKINSON, Leslie D.; MURRAY, Mary Ellen. **Fundamentos de enfermagem: introdução ao processo de enfermagem**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. (4 exs.)

BARBOSA, Aduino Dutra Moraes. **Semiologia pediátrica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rubio, 2010. (2 exs.)

LÓPEZ, Mario; LAURENTYS-MEDEIROS, José de. **Semiologia médica: as bases do diagnóstico clínico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2004. (4 exs.)

PORTO, Celmo Celso. **Semiologia médica**. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019.

TRALDI, Maria Cristina. **Fundamentos de enfermagem na assistência primária de saúde**. Campinas: Alínea, 2004. (5 exs.)

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II

EMENTA:

Elaborar e desenvolver etapa sequencial do Trabalho de Conclusão de Curso a partir das etapas construídas em TCC I utilizando conhecimentos teóricos, metodológicos e éticos sob orientação do professor orientador a partir do desenvolvendo das seguintes etapas: revisão da literatura, método, coleta de dados e resultados. Estas etapas acontecerão por meio de aulas teóricas discursivas, dialogadas entre o professor orientador e discentes orientandos, apresentações, discussões e correções destas etapas para o desenvolvimento da pesquisa pelos discentes.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de (Org.). **Construindo o saber: metodologia científica: fundamentos e técnicas**. 24. ed. Campinas: Papirus, 2012. (25 exs.)
- FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 9. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013. (Reimpressão de 2014). (39 exs.)
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. (16 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- HULLEY, Stephen B. *et al.* **Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem epidemiológica**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015. (9 exs.)
- KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Reimpressão de 2016). (23 exs.)
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 8. ed. São Paulo: Atlas, ©2017. (9 exs.)
- RUIZ, João Alvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 6. ed. São Paulo: Atlas, [2017]. (14 exs.)
- SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**. 13. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014. (6 exs.)

10º PERÍODO**ESTÁGIO CURRICULAR II****EMENTA**

Desenvolvimento de atividades assistenciais, educativas, administrativas e de investigações em Enfermagem na Rede Básica de serviços de saúde, Ambulatórios, Unidades de Urgência / Emergência e Hospitais Gerais nas suas diversas clínicas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- BATES, Barbara; BICKLEY, Lynn S.; SZILAGYI, Peter G. **Propedêutica médica**. 11. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©2015. (10 exs.)
- JARVIS, Carolyn. **Exame físico e avaliação de saúde para enfermagem**. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, ©2012. (4 exs.)
- POTTER, Patricia Ann *et al.* **Fundamentos de enfermagem**. 9. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2018.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- ATKINSON, Leslie D.; MURRAY, Mary Ellen. **Fundamentos de enfermagem: introdução ao processo de enfermagem**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. (4 exs.)
- BARBOSA, Aduino Dutra Moraes. **Semiologia pediátrica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rubio, 2010. (2 exs.)
- LEITE, Alba Lucia B. Anamnese e exame físico: avaliação diagnóstica de enfermagem no adulto. Porto Alegre: Artmed, 2016.
- PORTO, Celmo Celeno. **Semiologia médica**. 8. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2019.

TRALDI, Maria Cristina. **Fundamentos de enfermagem na assistência primária de saúde.** Campinas: Alínea, 2004.(5 exs.)

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO III

EMENTA:

Elaborar e desenvolver a última etapa do Trabalho de Conclusão de Curso a partir das etapas construídas em TCC I e TCC II utilizando conhecimentos teóricos, metodológicos e éticos sob orientação do professor orientador a partir do desenvolvendo das seguintes etapas: revisão da literatura, discussão, conclusão, resumo do artigo, revisão completa da versão final do artigo científico incluindo a formatação. Estas etapas acontecerão por meio de aulas teóricas discursivas, dialogadas entre o professor orientador e discentes orientandos com discussões e correções para ser apresentado a banca examinadora, quesito fundamental e obrigatório para completar a graduação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CARVALHO, Maria Cecília Maringoni de (Org.). **Construindo o saber: metodologia científica: fundamentos e técnicas.** 24. ed. Campinas: Papirus, 2012. (25 exs.)

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas.** 9. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013. (Reimpressão de 2014). (39 exs.)

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. (16 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

HULLEY, Stephen B. *et al.* **Delineando a pesquisa clínica: uma abordagem epidemiológica.** 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015. (9 exs.)

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa.** 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2015. (Reimpressão de 2016). (23 exs.)

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 8. ed. São Paulo: Atlas, ©2017. (9 exs.)

RUIZ, João Alvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos.** 6. ed. São Paulo: Atlas, [2017]. (14 exs.)

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia.** 13. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014. (6 exs.)

OPTATIVAS

ANATOMIA PALPATÓRIA

EMENTA:

Avaliação do sistema musculo-esquelético através da palpação de estruturas ósseas, articulares e musculares. Identificação de possíveis alterações patológicas e as variações individuais dessas estruturas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

DÂNGELO, José Geraldo; FATTINI, Carlo Américo. **Anatomia humana básica**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, ©2015. (15 exs.)

DÂNGELO, José Geraldo; FATTINI, Carlo Américo. **Anatomia humana: sistêmica e segmentar**. 3. ed., rev. São Paulo: Atheneu, 2011. (20 exs.)

TORTORA, Gerard J; GRABOWSKI, Sandra Reynolds. **Princípios de anatomia e fisiologia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. (12 exs. + CD-ROM)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

GILROY, Anne M; MACPHERSON, Brian R.; ROSS, Lawrence M. **Atlas de anatomia**. [2. ed.]. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©2014. (8 exs.)

LÜTJEN-DRECOLL, Elke; ROHEN, Johannes W. **Anatomia funcional e topográfica do corpo humano: texto e atlas**. Barueri: Manole, 2012. (4 exs.)

ROHEN, Johannes W; YOKOCHI, Chihiro; LÜTJEN-DRECOLL, Elke. **Anatomia humana: atlas fotográfico de anatomia sistêmica e regional**. 8. ed. Barueri: Manole, 2016. (11 exs.)

SOBOTTA, Johannes. **Sobotta: atlas de anatomia humana**. 23. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©2012. v. 1. (5 exs. + livreto)

SOBOTTA, Johannes. **Sobotta: atlas de anatomia humana**. 23. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©2012. v. 2. (5 exs. + livreto)

SOBOTTA, Johannes. **Sobotta: atlas de anatomia humana**. 23. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©2012. v. 3. (5 exs. + livreto)

DEPENDÊNCIA QUÍMICA NA CONTEMPORANEIDADE

EMENTA:

Estudo dos aspectos históricos do uso de drogas. Epidemiologia. Classificação das drogas e seus mecanismos de ação. Políticas públicas em álcool e outras drogas. Comportamento humano e percepção de risco. Vulnerabilidade social. Possibilidades de intervenção em promoção de saúde na comunidade. Postura de profissionais da saúde na assistência à dependência. Ações de enfermagem ao dependente químico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto. **A psicoterapia diante da drogadição: a vida nos drogados**. São Paulo: Pioneira Thompson Learning, 2003. (16 exs.)

ARAUJO, Tarso. **Almanaque das drogas: um guia informal para o debate racional**. São Paulo: Leya, 2014. (16 exs.)

BASTOS, Adriana Dias de Assumpção; FERREIRA, Ademir Pacelli. **Psicanálise e toxicomania: desafios na assistência pública**. Curitiba: Juruá, 2012. (16 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia. **Drogas nas escolas: versão resumida**. Brasília: UNESCO, ©2005. (3 exs.)

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Executiva. Coordenação Nacional de DST e Aids. **A Política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas**. Brasília: Ministério da Saúde, 2003. (Série B. Textos Básicos de Saúde). [Livro online].

Disponível em:

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_atencao_alcool_drogas.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.

DEPENDÊNCIA química: etiologia, tratamento e prevenção. 1. ed. Curitiba: CRV, 2014. (5 exs.)
 MAFRA, Taciana de Melo. **A toxicomania e sua relação com a adolescência**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009. (2 exs.)
 SADOCK, Benjamin J; SADOCK, Virginia A. **Compêndio de psiquiatria: ciência do comportamento e psiquiatria clínica**. 9. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. (4 exs.)

GESTÃO E EMPREENDEDORISMO

EMENTA:

A origem do empreendedorismo e sua influência atualmente. Perfil do empreendedor. Cenário atual no mundo do trabalho. Criatividade e Inovação. Plano de Negócios. Regulamentação para abertura de empresas. Elaboração de currículo. Comportamento em entrevista de emprego. Estratégias de Marketing Pessoal no Trabalho. Plano de ação profissional. Administração do tempo. Networking.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**. 9. ed. São Paulo: Manole, 2014. (28 exs.)
 MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Introdução à administração**. 8. ed., rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2017. (29 exs.)
 VECINA NETO, Gonzalo; MALIK, Ana Maria. **Gestão em saúde**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©2016. (16 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CHIAVENATO, Idalberto. **Gerenciando pessoas: o passo decisivo para a administração participativa**. 3. ed., rev. e ampl. São Paulo: Makron Books ; Pearson Education do Brasil, 1997. (4 exs.)
 MARRAS, Jean Pierre. **Administração de recursos humanos: do operacional ao estratégico**. 15. ed., rev. atual. ampl. São Paulo: Saraiva, ©2016. (2 exs.)
 MOTTA, Fernando C. Prestes; VASCONCELOS, Isabella Francisca Freitas Gouveia de. **Teoria geral da administração**. 3. ed., rev. São Paulo: Cengage Learning, 2006. (3 exs.)
 RODRIGUES, Marcus Vinicius Carvalho *et al.* **Qualidade e acreditação em saúde**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2016. (2 exs.)
 TAJRA, Sanmya Feitosa. **Gestão em saúde: noções básicas, práticas de atendimento, serviços e programas de qualidade**. São Paulo: Érica, [2015]. (5 exs.)

GRUPOS OPERATIVOS NA SAÚDE

EMENTA:

Principais teorias sobre processo grupal, conceitos fundamentais, evolução histórica, campo de ação, teorias e técnicas de dinâmica grupal. Técnica de grupos operativos e a sua conexão com a atuação do Enfermeiro, voltados para a promoção de saúde, caracterizando-se como possibilidade de intervenção em diferentes processos de aprendizagem.

BIBLIOGRÁFICA BÁSICA:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 35. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007. (12 exs.)
 PEREIRA, William César Castilho. **Dinâmica de grupos populares**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. (Reimpressão de 2011). (19 exs.)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. **Oficinas em dinâmica de grupo: um método de intervenção psicossocial.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. (11 exs.)

BIBLIOGRÁFICA COMPLEMENTAR:

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. **Um método para análise e co-gestão de coletivos: a constituição do sujeito, a produção de valor de uso e a democracia em instituições: o método da roda.** 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2007. (5 exs.)

CAMASMIE, Ana Tereza. **Psicoterapia de grupo na abordagem fenomenológica existencial: contribuições heideggerianas.** Rio de Janeiro: Via Verita, 2014. (4 exs.) OSORIO, Luiz Carlos. **Como trabalhar com sistemas humanos: grupos, casais e famílias, empresas.** Porto Alegre: Artmed, 2013. (4 exs.)

PICHON-RIVIÈRE, Enrique. **O processo grupal.** 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009. (16 exs.)

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos básicos das grupoterapias.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. (16 exs.)

IMAGINOLOGIA

EMENTA:

Mecanismos de formação de imagem. Princípios de interpretação radiográfica. Riscos, benefícios e limitações dos exames radiológicos. Anatomia radiográfica na coluna vertebral, tórax, pelve, membros superiores e inferiores. Novos recursos de diagnóstico por imagem (tomografia computadorizada, ressonância magnética e cintilografia).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

DÂNGELO, José Geraldo; FATTINI, Carlo Américo. **Anatomia humana básica.** 2. ed. São Paulo: Atheneu, ©2015. (15 exs.)

DÂNGELO, José Geraldo; FATTINI, Carlo Américo. **Anatomia humana: sistêmica e segmentar.** 3. ed., rev. São Paulo: Atheneu, 2011. (20 exs.)

TORTORA, Gerard J; GRABOWSKI, Sandra Reynolds. **Princípios de anatomia e fisiologia.** 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. (12 exs. + CD-ROM)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

GILROY, Anne M; MACPHERSON, Brian R.; ROSS, Lawrence M. **Atlas de anatomia.** [2. ed.]. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©2014. (8 exs.)

LÜTJEN-DRECOLL, Elke; ROHEN, Johannes W. **Anatomia funcional e topográfica do corpo humano: texto e atlas.** Barueri: Manole, 2012. (4 exs.)

MACHADO, Angelo; HAERTEL, Lucia Machado. **Neuroanatomia funcional.** 3. ed. São Paulo: Atheneu, 2014. (8 exs.)

ROBBINS, Stanley L. **Patologia estrutural e funcional.** 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000. (4 exs.)

ROHEN, Johannes W; YOKOCHI, Chihiro; LÜTJEN-DRECOLL, Elke. **Anatomia humana: atlas fotográfico de anatomia sistêmica e regional.** 8. ed. Barueri: Manole, 2016. (11 exs.)

LIBRAS

EMENTA:

Língua Brasileira de Sinais: LIBRAS - Surdez Abordagem Geral: Linguagem, Surdez e Educação. Histórico e Legislação. A pessoa surda nas relações político, sociais e educacionais. Atendimento da pessoa surda e a sua inclusão na escola comum. Papel linguístico das

associações e escolas para surdos. A função do intérprete e do instrutor de LIBRAS na escolarização/inclusão do surdo. Introdução à gramática de LIBRAS.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- QUADROS, Ronice Müller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Brasília: Ministério da Educação, 2004. (3 exs.) [Livro on-line] Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/tradutorlibras.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2019.
- STAINBACK, Susan Bray; STAINBACK, William C. **Inclusão: um guia para educadores**. Porto Alegre: Artmed, 1999. (11 exs.)
- STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009. (8 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- ALMEIDA, Wolney Gomes (Org.). **Educação de surdos: formação, estratégica e prática docente**. Ilheus: Editus, 2015. Livro [On-line] Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/m6fcj/pdf/almeida-9788574554457.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Saberes e práticas da inclusão: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos**. Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. (Saberes e práticas da inclusão). Livro [On-line] Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/alunosurdos.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2019.
- GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. São Paulo: Cortez, 2003. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/93aeebed-9c8b-4b568341-22ac5cd3b501/Boniteza%20de%20um%20Sonho.pdf>>. Acesso em: 07 nov. 2019.
- LIMA-SALLES, Heloisa Maria Moreira; FAULSTICH, Enilde L. de J; CARVALHO, Orlene; RAMOS, Ana Adelina Lopo. **Ensino de língua portuguesa para surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: MEC/SEESP, 2004. (6 exs.)
- QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008. (5 exs.)

NUTRIÇÃO CLÍNICA APLICADA À ENFERMAGEM

EMENTA:

Alimentos e seus nutrientes. Exigências dietéticas dos diferentes períodos etários, estados biológicos, condições de vida e trabalho. Hábitos e distúrbios alimentares. Perfil de saúde e nutrição da população brasileira. Obesidade como problema de saúde pública. Dietas de rotina hospitalar. Orientação alimentar em grupos específicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- KRAUSE, Marie V; ESCOTT-STUMP, Sylvia; MAHAN, L. Kathleen; RAYMOND, Janice L. **Krause: alimentos, nutrição e dietoterapia**. 13. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, ©2013. (5 exs.)

MELO, Flavia. **Nutrição aplicada à enfermagem**. Goiânia: AB Ed, 2005. (6 exs.)

VITOLLO, Márcia Regina (Org.). **Nutrição: da gestação ao envelhecimento**. Rio de Janeiro: Rubio, 2015. (5 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Alimentação e Nutrição**. Brasília: Ministério da Saúde, 2013. [Livro on-line]. Disponível em:

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_alimentacao_nutricao.pdf>.

Acesso em: 14 nov. 2019.

DÂMASO, Ana (Coord.). **Nutrição e exercício na prevenção de doenças**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©2012. (8 exs.)

DÂNGELO, José Geraldo; FATTINI, Carlo Américo. **Anatomia humana básica**. 2. ed. São Paulo: Atheneu, ©2015. (15 exs.)

GUYTON, Arthur C; HALL, John E. **Tratado de fisiologia médica**. 10. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. (15 exs.)

TORTORA, Gerard J; GRABOWSKI, Sandra Reynolds. **Princípios de anatomia e fisiologia**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. (12 exs. + CD-ROM)

PROCESSOS ORGANIZACIONAIS

EMENTA:

Introdução a vida acadêmica. A instituição universitária como locus de formação profissional. Os formatos de organização das instituições de ensino superior. Identidade institucional e compromisso social na produção, transmissão e divulgação do conhecimento. Organização estratégica da vida pessoal e acadêmica a partir da lógica das ciências. Construção das práticas profissionais, posturas e habilidades. As Diretrizes Curriculares e Projeto Pedagógico do Curso de Enfermagem.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BASTABLE, Susan Bacorn. **O enfermeiro como educador: princípios de ensino-aprendizagem para a prática de enfermagem**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. (11 exs.)

FRANÇA, Júnia Lessa; VASCONCELLOS, Ana Cristina de. **Manual para normalização de publicações técnico-científicas**. 9. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2013. (Reimpressão de 2014). (39 exs.)

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez ; Brasília, DF ; UNESCO, 2011. (11 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto (Org.). **A ética na saúde**. São Paulo: Thomson, 1997. (8 exs.)

CHANLAT, Jean-François (Coord.). **O indivíduo na organização: dimensões esquecidas**. São Paulo: Atlas, 1996. v. 3. (2 exs.)

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. **Glossário temático: gestão do trabalho e da educação na saúde**. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2012. (Série A. Normas e Manuais Técnicos). [Livro on-line]. Disponível em:

<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/glossario_gestao_trabalho_2ed.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Educação Brasil. Câmara de Educação Superior. **Resolução CNE/CES n. 03, de 7 de novembro de 2001**. Institui diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em enfermagem. Diário Oficial da União, Brasília, seção 1, p. 37, 9 nov. 2001. Disponível em:

<http://www.cofen.gov.br/wpcontent/uploads/2012/03/resolucao_CNE_CES_3_2001Diretrizes_Nacionais_Curso_Graduac_ao_Enfermagem.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.
SANT'ANNA, Suze Rosa; ENNES, Lilian Dias. **Ética na enfermagem**. [2. ed. rev. atual]. Petrópolis: Vozes, ©2006. (5 exs.)

SAÚDE DO TRABALHADOR

EMENTA:

Conceitos históricos. Panorama sobre a medicina do trabalho e o campo da saúde do trabalhador. Aspectos introdutórios sobre a legislação em saúde do trabalhador no Brasil. Normas Regulamentadoras. Doenças Ocupacionais. Acidentes de Trabalho. Nexo Técnico Epidemiológico. Enfermeiro como trabalhador da área de saúde. Enfermeiro e a saúde do trabalhador.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

AZEVEDO, Fausto Antonio de; CHASIN, Alice A. M (Coord.). **As bases toxicológicas da ecotoxicologia**. São Carlos: Rima: Intertox, 2004. (20 exs.)
BRASIL. Ministério da Saúde. Organização Pan-Americana da Saúde. **Doenças relacionadas ao trabalho**: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2001. (Série A. Normas e Manuais Técnicos ; 114). [Livro on-line]. (15 exs.) Disponível em: <http://dtr2004.saude.gov.br/susdeaz/instrumento/arquivo/16_Doencas_Trabalho.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.
DALGALARRONDO, Paulo. **Psicopatologia e semiologia dos transtornos mentais**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008. (11 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Legislação em saúde**: caderno de legislação em saúde do trabalhador. 2. ed. rev. e ampl. Brasília: Ministério da Saúde, 2005. (Série E. Legislação de Saúde). [Livro on-line]. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/legislacao_saude_saude_trabalhador.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.
BRASIL. Ministério da Saúde. **Saúde do trabalhador**. Brasília: Ministério da Saúde, 2002. (Cadernos da atenção básica ; 5). [Livro on-line]. Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_trabalhador_cab5.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2019.
GONÇALVES, Edwar Abreu. **Manual de segurança e saúde no trabalho**. 2. ed. São Paulo: LTr, 2003. (5 exs.)
MENDES, René (Org.). **Patologia do trabalho**. 3. ed. São Paulo: Atheneu, 2013. v. 1. (2 exs.)
MENDES, René (Org.). **Patologia do trabalho**. 3. ed. São Paulo: Atheneu, 2013. v. 2. (2 exs.)

SISTEMAS DE INFORMAÇÃO APLICADOS À SAÚDE

EMENTA:

Sistemas de Informação em Saúde no Brasil: conceitos básicos, finalidade, evolução, abrangência, tipos de sistemas e de dados e sua aplicabilidade, fluxo de dados. A informação como instrumento para planejamento e avaliação da assistência em saúde.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- BONITA, R.; BEAGLEHOLE, R.; KJELLSTROM, Tord. **Epidemiologia básica**. 2. ed. São Paulo: Santos, 2010. (13 exs.)
- PEREIRA, Maurício Gomes. **Epidemiologia: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©1995. (11 exs.)
- ROUQUAYROL, Maria Zélia; SILVA, Marcelo Gurgel Carlos da (Org.). **Rouquayrol: epidemiologia e saúde**. 7. ed. Rio de Janeiro: Medbook, 2013. (Reimpressão de 2014). (19 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- CARVALHO, André de Oliveira; EDUARDO, Maria Bernadete de Paula. **Sistemas de informação em saúde para municípios**. São Paulo: FSP-USP, 2002. (7 exs.)
- DRUMOND JÚNIOR, Marcos. **Epidemiologia nos municípios: muito além das normas**. São Paulo: Hucitec, 2003. (3 exs.)
- GORDIS, Leon. **Epidemiologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2010. (6 exs.)
- JEKEL, James F.; ELMORE, Joann G.; KATZ, David L. **Epidemiologia, bioestatística e medicina preventiva**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999. (Reimpressão de 2002). (5 exs.)
- VAUGHAN, Patrick; MORROW, R. H. **Epidemiologia para municípios: manual para gerenciamento dos distritos sanitários**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2002. (5 exs.)

TÉCNICAS DE MANIPULAÇÃO E MOBILIZAÇÃO ARTICULAR**EMENTA:**

Estudo das principais técnicas de mobilização e manipulação articular e de tecidos moles, assim como suas indicações, contra-indicações, benefícios e aplicabilidade no tratamento das diversas disfunções.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- ADLER, Susan S; BECKERS, Dominiek; BUCK, Math. **PNF: facilitação neuromuscular proprioceptiva: um guia ilustrado**. 2. ed. Barueri: Manole, 2007. (10 exs.)
- HALL, Susan J. **Biomecânica básica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, ©2016. (10 exs.)
- PERRIN, David H. **Bandagens funcionais e órteses esportivas**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2015. (7 exs.)

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- DUTTON, Mark. **Fisioterapia ortopédica: exame, avaliação e intervenção**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. (5 exs. + DVD)
- MAKOFSKY, Howard W. **Coluna vertebral**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. (5 exs.)
- NORKIN, Cynthia C; LEVANGIE, Pamela K. **Articulações: estrutura e função**. 2. ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2001. (5 exs.)
- NORDIN, Margareta; FRANKEL, Victor H. **Biomecânica básica do sistema musculoesquelético**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2016. (5 exs.)
- PRENTICE, William E. **Modalidades terapêuticas para fisioterapeutas**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. (5 exs.)

VIOLÊNCIA E SAÚDE**EMENTA**

O conhecimento acerca da violência, seus determinantes e repercussões para a saúde individual e coletiva. A epidemiologia como instrumento para o planejamento da assistência em saúde ao indivíduo vítima da violência.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MINAYO, Maria Cecília de Souza; SOUZA, Edinilsa Ramos de.(Orgs.) . *Violência sob o olhar da saúde: a infrapolítica da contemporaneidade brasileira* /. 2. reimp. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2011.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Sociedade viva: violência e saúde*. 2. ed. rev. atual. Brasília: Editora MS, 2004. (Série C. Projetos, programas e relatórios). Disponível em:

<http://dtr2001.saude.gov.br/editora/produtos/livros/pdf/04_0880_M.pdf>. Acesso em 15.02.2014

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. *Por uma cultura da paz, a promoção da saúde e a prevenção da violência* / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Atenção Básica. – Brasília : Ministério da Saúde, 2009. 44 p: il. – (Série F. Comunicação e Educação em Saúde) **Livro on-line** disponível

em<http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cultura_paz_saude_prevencao_violencia.pdf>

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. *Impacto da violência na saúde dos brasileiros*. Brasília, Editora MS, 2005. 340 p. (Série B. Textos básicos de saúde). Disponível em: <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/impacto_violencia.pdf>. Acesso em 15.02.2014

FERNANDES, Carlos Robeto. *Violência moral na enfermagem*. Goiânia: AB, 2007. 144p.

LIMA, Cláudia Araújo de (Coord.) et al. *Violência faz mal a saúde*. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. 297 p. (Série B. Textos básicos de Saúde) Disponível em <http://dtr2001.saude.gov.br/editora/produtos/livros/pdf/04_1059_M.pdf>.

MELO, Elza Machado de. *Podemos prevenir a violência: teorias e práticas*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde; Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. 252 p. (Série Promoção de saúde e prevenção da violência).

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). *Os muitos brasis: saúde e população na década de 80*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. (Saúde em debate, 79).

8. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Conforme disposto no artigo 34, da Seção VI, do Regimento Geral da UEMG, que trata da Avaliação do Rendimento Escolar, esta é feita em cada disciplina, em função do aproveitamento verificado em provas e trabalhos, decorrentes das atividades exigidas do aluno. É assegurado ao estudante o direito de revisão de prova e trabalhos escritos, desde que requerida no prazo estipulado pela Unidade Acadêmica, e esta revisão deve ser feita, preferencialmente, na presença do aluno. É obrigatório o comparecimento do aluno às aulas e às demais atividades previstas, na medida em que, caso o discente não tenha frequentado ao menos 75% (setenta e cinco por cento) das atividades escolares programadas, estará automaticamente reprovado. A avaliação do

rendimento em cada disciplina é feita por pontos cumulativos, em uma escala de zero (0) a cem (100), e nenhuma avaliação parcial do aproveitamento pode ter valor superior a quarenta (40) pontos. Apurados os resultados de cada disciplina, é considerado aprovado o aluno que alcançar 60 (sessenta) pontos, no mínimo, e apresenta frequência satisfatória

As metodologias utilizadas para recuperação do aluno serão:

- Avaliação oral
- Avaliações escritas
- Avaliação prática
- Estudo de caso
- Estudo dirigido
- Diagnóstico Situacional
- Resenhas
- Artigos de Revisão Bibliográfica
- Exposição oral de revisão dos temas trabalhados

9. PROGRAMAS DE ASSISTÊNCIA E APOIO PSICOLÓGICO E PSICOPEDAGÓGICO AO ESTUDANTE

Por seu compromisso com a democratização do acesso e promoção de condições para garantir a permanência dos estudantes, a UEMG desenvolve um conjunto de ações fundamentadas na Lei estadual nº 22.570 de 05 de julho de 2017, dentre as quais destaca-se o Programa Estadual de Assistência Estudantil- PEAES. Além dessas ações, o atendimento e as orientações aos estudantes são realizados pelos setores acadêmicos listados abaixo, conforme necessidades apresentadas:

- Pedagógicos: pelo Coordenador do Curso e pelos professores;
- Administrativos: pelas Secretarias Geral e do Bloco onde funciona o Curso;
- Apoio psicológico, social e psicopedagógico: Núcleo de Apoio Acadêmico e Social ao Estudante- NAE;

9.1 Política de Assistência Estudantil

A Política de Assistência Estudantil da UEMG compreende o enfrentamento de demandas socioeconômicas dos (as) discentes, para que a democratização da permanência no ensino superior seja acompanhada de possibilidades de inserção, permanência e conclusão exitosa da graduação. Nesta perspectiva, a UEMG sede realiza a gestão da Política Estudantil e, a partir de Comissões Locais formadas para avaliação e execução, o NAE de Divinópolis integra o (s):

- Programa de Seleção Socioeconômica de Candidatos (PROCAN)- Lei Estadual nº 15.259, de 27 de julho de 2004;
- Programa Estadual de Assistência Estudantil (PEAES) - Lei Estadual nº 22.570/17 e Decreto Estadual nº 47.389/18;
- Procedimentos de Heteroidentificação[3]
 - Resolução CONUN/UEMG nº 475, de 1º de dezembro de 2020;
- Editais Ledor e Acompanhante para Acessibilidade;
- Editais de Estágio Não Obrigatório; As atividades desenvolvidas também visam o estímulo dos eixos de Educação, Pesquisa e Extensão da UEMG Divinópolis, favorecendo o envolvimento acadêmico e comunitário a partir de intervenções interdisciplinares e multidisciplinares direcionadas à formação integrada de discentes, na perspectiva da igualdade de direitos e da equidade, incluindo igualmente os grupos em condições de vulnerabilidade socioeconômica, que historicamente estiveram à margem do direito ao ensino superior público.

9.2 Núcleo de Apoio ao Estudante

O Núcleo de Apoio ao Estudante (NAE) foi estabelecido a partir da aprovação do Conselho Universitário (CONUN) da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), através da Resolução CONUN/UEMG Nº 201/2010, de 24 de junho de 2010. É pautado na proposta de democratização do acesso à Universidade e à promoção de condições de permanência dos estudantes na instituição, seja na orientação, no acompanhamento especializado, bem como no enfrentamento de demandas psicopedagógicas, com o objetivo de 137 que, em nosso universo crescente de alunos (as), eles possam ser efetivamente acolhidos e reconhecidos em sua diversidade e singularidade. O NAE Divinópolis, localizado no bloco 07 (sete), conhecido como a “Casa Rosa”, é formado por uma equipe de Coordenação e Analista Universitário, com formação em Serviço Social. Para além da execução dos programas acima citados, o NAE Divinópolis é

entendido como um agente de concentração de demandas e fomentador de ações, atuando nas seguintes frentes:

- Atendimento Social de discentes: intervenções no âmbito da Política de Assistência Social;
- Encaminhamento das demandas de discentes ao atendimento psicológico do Serviço Escola de Psicologia (SEPSI);
- NAE Acolhe: escuta ativa no formato de acolhimento de discentes, em parceria com o Curso de Psicologia;
- Plantões tira-dúvidas: demandas advindas dos Editais, em suma do PEAES, e outros direcionados à Comunidade Externa, conforme necessidade social justificada;
- Comissão Local de Inclusão: membro ativo nas ações promovidas;
- Evento Cuidar: evento anual que visa a integração entre a Comunidade Interna e Externa através das Práticas Integrativas e Complementares (PICs);
- Apoio e incentivo ao Movimento Estudantil;
- Realização de Pesquisas sobre o Perfil Socioeconômico e Cultural de discentes;
- Fomento e incentivo contínuo, em parceria com a Comunidade Acadêmica, para implantação e implementação de projetos e programas que fortaleçam a Política de Assistência Estudantil da UEMG, a exemplo do Atendimento de demandas Psicopedagógicas e a criação do Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI).

9.3 Programa de Monitoria Acadêmica

O programa de monitoria acadêmica constitui-se como uma estratégia institucional que visa oportunizar o aprimoramento do processo formativo de discentes que apresentam engajamento e dedicação a atividades de caráter técnico-didático, relacionadas ao exercício da docência. Poderão concorrer às vagas de monitoria discentes regularmente matriculados no curso, devidamente inscritos em processo seletivo, conforme disposto na resolução COEPE/UEMG nº 305 de 21 de junho de 2021

9.4 Representação de alunos nos órgãos colegiados

O Corpo Discente possui representação com direito a voz e voto na forma do Regimento da UEMG (Resolução CONUN N° 374/2017). A representação é exercida nos seguintes colegiados: I- Conselho Universitário; II- Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão; III Conselho Curador; IV- Conselhos Departamentais ou Congregação; V- Câmaras Departamentais; VI- Assembleias Departamentais; VII- Colegiados de Curso.

O órgão de representação estudantil na unidade é o Diretório Acadêmico dos Estudantes e, no colegiado do Curso, é realizada através do Centro Acadêmico.

10. FORMAS DE FUNCIONAMENTO DO COLEGIADO E COORDENAÇÃO DO CURSO

Os Colegiados de Graduação são órgãos de administração colegiada, com funções consultivas e deliberativas, sendo responsável por coordenar, orientar e acompanhar as atividades do curso. É presidido pela Coordenação de Curso e tem suas decisões deliberadas em reuniões ordinárias e/ou extraordinárias 38 com base na maioria absoluta de seus membros, conforme disposto na resolução COEPE/UEMG N° 273 de 21 de julho de 2020.

O Coordenador de Curso tem a competência de administrar o curso de maneira que viabilize o processo educacional a que se propõe. Dentre suas atividades está o assessoramento pedagógico ao professor, orientação didática pedagógica ao discente, organização de políticas educacionais para o curso, elaboração e despacho de documentos oficiais e normatizadores, realizar o intercâmbio entre as decisões superiores e membros docentes e discentes sempre em consonância com as políticas institucionais e com a legislação pertinente, assim como o Conselho do curso.

O Coordenador de Curso deve ter conhecimento geral da legislação educacional e profissional; atuar no planejamento, colaboração e execução das avaliações do curso; fiscalizar as metodologias de ensino e avaliação do processo de ensino-aprendizagem.

O Subcoordenador de Curso tem a habilitação de auxiliar a coordenação na organização do curso; no gerenciamento das dificuldades encontradas no ensino das disciplinas, assim como nos estágios supervisionados obrigatórios do curso; apoio pedagógico aos professores e alunos, acompanhamento dos discentes monitores e atividades das Ligas Acadêmicas do curso. Deve auxiliar ainda na supervisão da infraestrutura física e equipamentos do curso, incluindo salas de

aula, laboratórios, manutenção dos equipamentos dos laboratórios e acompanhamento dos egressos do curso de Enfermagem.

O Subcoordenador de curso deverá ser um professor do Curso de Enfermagem eleito juntamente ao Coordenador de curso.

Ao Colegiado de Graduação compete: avaliar o PPC; analisar e avaliar os planos de ensino, acompanhando o seu desenvolvimento; avaliar e, quando necessário, propor melhoria no processo de avaliação discente; avaliar o regulamento do Estágio Curricular Supervisionado; realizar estudos para revisão e reformulação do currículo; definir os pré-requisitos das disciplinas; propor a realização de estudos, pesquisas e publicações; propor medidas que julgar necessárias para maior eficiência do ensino, da pesquisa e da extensão; e propor atividades de articulação entre os diversos cursos da Unidade, como por exemplo, reunião de coordenadores, Seminário de ensino, pesquisa e extensão; Projetos de extensão interdisciplinares.

As reuniões de Colegiado de Curso ocorrem mensalmente com a presença da Coordenação do Curso, docentes e representantes discentes. Nessas reuniões, se discutem e deliberam coletivamente as questões relativas ao curso. As reuniões são todas registradas em atas lavradas pela Secretária do Curso. O Colegiado de Graduação do curso de Enfermagem é composto pelo Coordenador do Curso (presidente), os professores que ministram aulas no curso, os representantes de cada período do curso e um representante do corpo indicado pelo Centro Acadêmico do curso de Enfermagem (CAE). As reuniões ocorrem mediante convocação de seu presidente ou a requerimento de, no mínimo, um terço de seus membros.

10.1. Núcleo docente estruturante (NDE)

O Núcleo Docente Estruturante (NDE) é o órgão responsável pela concepção, discussão e atualização do Projeto Pedagógico, possui também a finalidade de desenvolver discussões e ações efetivas no campo teórico e prático a fim de promover a qualidade do curso.

Outras atribuições são: contribuir para a consolidação do perfil profissional do egresso do curso; zelar pela integração interdisciplinar entre as diferentes atividades de ensino constantes no currículo; identificar formas de incentivo ao desenvolvimento de linhas de pesquisa e extensão, oriundas de necessidades da graduação, de exigências do mercado de trabalho e afinadas com as políticas públicas relativas à área de conhecimento do curso e observar e zelar pelo cumprimento

das DCN para os Cursos de Graduação. Todas as definições do NDE são submetidas à aprovação do Colegiado de Curso.

Constitui-se por cinco professores do Curso como membros titulares, entre os quais um é o presidente, incluindo o Coordenador de Curso como membro, conforme disposto na resolução COEPE/UEMG nº284/2020. O mandato dos professores é de dois anos, com possibilidade de recondução por igual período

O Colegiado de curso é o órgão deliberativo responsável por coordenar, orientar e acompanhar as atividades do curso. É presidido pelo coordenador e tem suas decisões deliberadas em reuniões ordinárias e/ou extraordinárias, com base na maioria absoluta de seus

12. CORPO DOCENTE

12.1 Dimensionamento do corpo docente

O curso de enfermagem forma profissionais que prestam cuidado ao ser humano em todo seu ciclo vital, o que demanda formação teórica e prática com habilidades e competências específicas, para evitar erros e danos, pois, os podem gerar consequências como sequelas irreversíveis e até a morte. Portanto, há uma necessidade de um olhar docente muito próximo ao discente, sendo este supervisionado em todas as suas ações teórico-práticas, para aumentar a possibilidade de aprendizado integral do cuidado e que o mesmo possa ser responsável pela vida do cliente/ser humano em qualquer área de atenção à saúde.

Diante do exposto, a lógica da distribuição de aulas teóricas e práticas consideram a necessidade, em determinadas disciplinas, de mais de um professor para ministrar o conteúdo, sendo que as aulas práticas requerem uma proximidade maior do professor com o aluno. Para as aulas práticas em laboratório esta relação é de um docente para cada 30 alunos, para a composição das turmas para semiologia e semiotécnica I e II a relação é de um docente para cada 5 alunos, nas práticas integradas é de um docente para cada 6 alunos e no estágio supervisionado são um docente/supervisor de estágio para cada 5 alunos no campo e um docente/orientador de estágio para cada 10 alunos.

A orientação do trabalho de conclusão de curso é uma área da docência que necessita de um acompanhamento minucioso e hercúleo para este tipo de atividade do professor, por isso a distribuição acontece considerando um docente orientador para cada oito alunos.

3. INFRAESTRUTURA PARA O FUNCIONAMENTO DO CURSO

O curso de Enfermagem de Divinópolis conta com salas de aula, Sala de Professores, Coordenação dos Cursos das Áreas de Biológicas e Saúde, Núcleo de Estágio, Assessoria de Comunicação, Núcleo de Apoio ao Estudante – NAE, Auditório, Biblioteca, Setor de Registro Acadêmico, Setor de Registro de Diploma, Coordenações Integradas de Extensão, Pesquisa e Pós-graduação, Comitê de Ética e Pesquisa, Setor de Tecnologia da Informação, Laboratórios de informática e os Laboratórios de formação específica, listados abaixo:

Laboratório de Anatomia Humana;
Laboratório de Habilidades em Enfermagem;
Laboratório de Habilidades em Fisioterapia;
Laboratório de Microscopia;
Laboratório de Química/ Bioquímica;

13.1 Tecnologia da Informação - TI

O Setor de Tecnologia da Informação possui hoje um sistema de informação multiusuário que engloba um sistema completo de administração acadêmica e financeira dos alunos, uma rede física de microcomputadores interligados a 10/100 Megabits, com servidores Windows 2003/2008 e Linux, ligados 24 horas, disponibilizando conexão de Internet com banda de 20 Mb dedicados, de modo a suprir as necessidades de toda a comunidade acadêmica. No que se refere ao acesso dos alunos, a Unidade Acadêmica de Divinópolis possui um sistema de gestão educacional que permite controle total e integrado das áreas acadêmica, administrativa e pedagógica, o Sistema GIZ da AIX Sistemas. Este sistema possui uma plataforma virtual onde os alunos e professores conseguem ter acesso a todos os seus dados acadêmicos, como notas, frequência, conteúdo das disciplinas, histórico, entre outros.

13.2 Laboratórios de Informática

Atualmente, a Unidade Acadêmica de Divinópolis possui 172 computadores conectados à internet, distribuídos em 7 Laboratórios de Informática. Estes ambientes objetivam proporcionar condições de aprimoramento profissional ao corpo discente, docente e funcionários, além de ser

um espaço com recursos tecnológicos preparados com ferramentas para exercícios específicos das disciplinas, buscas e pesquisas acadêmicas através da internet.

13.3 Laboratório de Anatomia Humana

O laboratório de Anatomia Humana é um ambiente privilegiado para a realização de estudos práticos sobre o corpo humano e o funcionamento estrutural do organismo, de todos os sistemas que formam a máquina humana. Possui quatro bancadas em granito com suporte de metal, de fácil acesso e circulação, em uma sala ampla e bastante arejada. O laboratório é sempre utilizado para a realização de atividades práticas referentes às áreas do conhecimento da Anatomia Humana, Bases Fisiológicas e para o estudo da Fisiologia Humana nos cursos de Educação Física, Ciências Biológicas, Enfermagem e Fisioterapia desta Instituição. O local é equipado com equipamentos modernos e importados. Apresenta um número satisfatório de peças anatômicas da marca 3B Sientific, que é líder mundial na produção de instrumentos didáticos de anatomia. O objetivo do Laboratório é capacitar os discentes, sempre supervisionados por seus respectivos docentes e/ou um estagiário do laboratório, para um melhor conhecimento prático sobre o corpo humano, garantindo que conceitos adquiridos em aulas teóricas sejam fundamentados no conhecimento prático.

13.4 Laboratório de Habilidades em Enfermagem (Saúde I)

É um excelente espaço para o graduando do Curso de Enfermagem desenvolver as diversas habilidades e competências necessárias à sua formação. O espaço físico contém diversos aparelhos e equipamentos que possibilitam simular procedimentos que fazem parte da rotina de um enfermeiro. Possui divãs, camas hospitalares, bonecos para procedimentos em enfermagem, materiais para higienização e aplicação de medicamentos, materiais para avaliação clínica, sondas, cateteres etc. Tais equipamentos e materiais permitem práticas em reconhecimento e verificação de sinais vitais, exame físico, oxigenioterapia, segurança biológica (higienização de mãos, organização de ambiente e equipamento, uso de EPIs, manuseio de material estéril, limpo e contaminado, descarte de material, preparo e administração de medicamentos, preparo e realização de curativos, sondagens nasoentéricas e nasogástricas, cateterismo vesical (feminina, masculina, infantil) de alívio e de demora, manobras de ressuscitação cardíaca, entre outros. O laboratório possui 35 carteiras, quadro branco e um kit de primeiros socorros de acesso rápido e fácil para emergência, em caso de acidentes durante a utilização do espaço físico. Além de atender a diversas disciplinas do Curso de Enfermagem, neste laboratório também são realizadas

as aulas de Primeiros Socorros para os Cursos de Educação Física e Fisioterapia. O Laboratório de Saúde I tem como finalidade promover o desenvolvimento de habilidades específicas, no intuito de capacitar o estudante para a prática hospitalar, com o aperfeiçoamento de técnicas e procedimentos, levando-o a manusear materiais e a familiarizar-se com os passos da execução.

13.5 Laboratório de Habilidades em Fisioterapia (Saúde II)

O Laboratório de Saúde II conta com diversos aparelhos e equipamentos característicos da área terapêutica como divãs, escadas, espaldar, bolas, bastões de madeira, pranchas de equilíbrio, colchonetes, cadeiras de rodas, esteira, bicicleta ergométrica, *therabands*, *theratubos*, halteres, caneleiras, equipamentos de laser e micro-ondas, aparelhos para fisioterapia respiratória, entre outros.

O laboratório possui uma pia de aço inoxidável com armários embutidos, uma mesa para o professor, quadro branco e um kit de primeiros socorros de acesso rápido e fácil para emergência, em caso de acidentes durante a utilização do espaço físico. O laboratório é utilizado pelos discentes e docentes do Curso de Fisioterapia durante as práticas clínicas desenvolvidas nas disciplinas de cunho teórico-prático, tais como, Recursos Terapêuticos, Cinesioterapia, Cinesiologia, Fisioterapia Aplicada à Saúde da Criança e do Adolescente, Ortopedia, Neurologia, Fisioterapia Aplicada à Saúde do Homem e da Mulher, Fisioterapia Aplicada à Saúde do Idoso, Fisioterapia Respiratória, MDH etc.

O Laboratório de Saúde II (Cinesiologia) tem como finalidade proporcionar ao aluno o conhecimento dos princípios do movimento humano e dos exercícios terapêuticos, empregados para promover a melhoria da função sensoriomotora, através da manipulação e da análise das ações motoras, bem como possibilitar vivências práticas com equipamentos de ajuda, como a tecnologia assistiva, órteses e adaptações, além da análise da coordenação física e motora do paciente.

13.6 Laboratório de Microscopia

O laboratório de Microscopia da Unidade de Divinópolis da UEMG conta com duas grandes bancadas, nas quais estão distribuídos 40 microscópios ópticos binoculares. Neste espaço acontecem as aulas práticas de Citologia, Histologia, Embriologia, Parasitologia e Patologia, para diferentes cursos oferecidos pela Instituição, tais como Ciências Biológicas, Educação Física, Enfermagem e Fisioterapia. O laboratório comporta até 40 alunos, possuindo para cada

microscópio caixas de madeira com conjunto de lâminas, que permitem a visualização de células, tecidos, processos patológicos e parasitas. Os objetivos deste laboratório são os de proporcionar as condições necessárias para o estudo prático das células, tecidos e pequenos organismos, com material e equipamentos adequados, bem como criar competência, habilidade e responsabilidade na utilização de 145 microscópios, identificação e análise de células, tecidos e micro-organismos, e na montagem de lâminas.

13.7 Laboratório de Química/ Bioquímica

O laboratório de Química e Bioquímica é um ambiente privilegiado para a realização de experimentos, com instalações de água, luz e gás de fácil acesso em todas as bancadas. Este espaço é utilizado para as aulas práticas referentes às áreas do conhecimento da Química e Bioquímica, para e Ensino no curso de Ciências Biológicas, Enfermagem, Educação Física, Engenharias Civil, de Produção e da Computação, Fisioterapia e Química, desta Instituição de Ensino.

O local conta com duas grandes bancadas de granito, medindo 5m x 1m, com pia de aço inoxidável e torneira. Sobre cada bancada passa a tubulação de gás, que está conectada aos bicos de Bunsen, em um total de oito saídas para gás por bancada. No laboratório há ainda mais seis pias de aço inoxidável e torneiras com armários embutidos, sendo que em uma delas há uma lava olhos, há também a presença de duas capelas de exaustão e mais duas bancadas de granitos com armários embutidos, além de 35 bancos de metal com acento de madeira, e um kit de primeiros socorros de acesso rápido e fácil para emergência, em caso de acidentes durante a utilização do espaço físico.

Além disso, há uma sala de reagentes, com uma pia de aço inoxidável e armários que armazenam os reagentes e soluções usados nas aulas práticas. O laboratório conta ainda com os seguintes equipamentos: vidrarias diversas, estufa de secagem, centrífuga convencional, balança analítica, deionizador de água, banho-maria, pHmetro, bicos de Bunsen, agitadores magnéticos, bomba de vácuo, coluna para cromatografia, condutivímetro, densímetro para álcool, densímetro para gasolina, dessecador c/tampa e luva, detector de CO, eletrodo para pHmetro, espectrofotômetro, fonte para eletroforese, forno micro-ondas, fotômetro de chama, geladeira, lavador de pipetas, manta aquecedora, medidor de pH para bancada, pHmetro digital de bancada, refratômetro, turbidímetro e outros aparelhos diversos. O objetivo do laboratório é adaptar os alunos para uma rotina de aulas práticas, garantindo a correta instrumentalização e utilização dos equipamentos de

segurança, manipulação de vidrarias e preparo de soluções, bem como o manuseio de reagentes que podem ser úteis à formação do estudante

13.8. Biblioteca

A Biblioteca “Prof. Nicolaas Gerardus Plasschaert” tem como finalidade prestar serviços de apoio às atividades de ensino, pesquisa e extensão para alunos, professores e pesquisadores na busca de informações e conhecimentos necessários para essas atividades, proporcionar aos seus usuários instalações adequadas para utilização e estudo, bem como garantir a armazenagem conveniente do acervo sob sua responsabilidade. Além de atender a comunidade acadêmica do Campus Divinópolis, atende a comunidade em geral para pesquisa local.

Horário de Funcionamento: De segunda a sexta: 7:00 às 21:00 horas.

Localização: A Biblioteca está localizada no 1º andar, Bloco 1.

Acervo

O acervo da biblioteca é informatizado e gerenciado pelo sistema Pergamum; sendo dividido por áreas do conhecimento conforme sua classificação, com base na CDD - Classificação Decimal de Dewey; adota para as regras de catalogação o *Anglo-American Cataloguing Rules (AACR 2)*, e cabeçalho de assunto *Library of Congress Subject Headings (LCSH)*. O sistema gerencia toda a automação de informações de empréstimos, inclusive informações estatísticas. Possibilita além de consulta ao acervo das bibliotecas, renovação de empréstimos e reserva de livros através do uso internet.

O acervo da bibliografia básica e da bibliografia complementar está disponível, por unidade curricular, e procura atender a quantidade média de alunos de acordo com a qualidade de desenvolvimento das pesquisas e consultas pedagógicas.

CURSO	Bibliografia BÁSICA		Bibliografia COMPLEMENTAR		Total	
	Títulos	Exemplares	Títulos	Exemplares	Títulos	Exemplares
Enfermagem	113	1522	222	1287	335	2809

BIBLIOTECA *on-line*:

O *software* Pergamum oferece através do acesso ao site, no campo **BIBLIOTECA** <<http://www.uemg.br>> ou direto no link:

<<http://200.198.18.141/pergamum/biblioteca/index.php>>, a possibilidade de consulta ao acervo de todas as bibliotecas das Unidades UEMG. Além dos principais pontos de recuperação de informações (autor, título e assunto), o usuário consegue acessar a pesquisa de empréstimo, efetuar reservas, renovações, etc., através do seu login (CPF e senha cadastrada na biblioteca).

Pergamum *mobile*

O Pergamum *mobile* é um aplicativo desenvolvido para uso exclusivo em Tablets e Smartphones. Tem por objetivo facilitar a consulta ao acervo das unidades de informação e/ou bibliotecas da instituição, realizar reserva de materiais, bem como a renovação de empréstimos.

Biblioteca Virtual

Desde dezembro de 2019, o usuário devidamente cadastrado tem acesso à Biblioteca Virtual, que é um software de acesso simultâneo, integral e ilimitado via web, sendo disponível para Desktop, Tablets e Smartphones.

É uma plataforma de livros acadêmicos, científicos e de formação profissional do mundo, são mais de 8.0000 obras disponíveis em formato *e-book*, sendo um acervo completo, multidisciplinar, com atualizações permanentes e disponíveis 24 horas.

13.9 – Infraestrutura externa

O curso tem na parceria com as instituições de saúde e outros setores do serviço público e privado e da sociedade de Divinópolis, campos para a realização das disciplinas práticas obrigatórias, como as Práticas Integradas e Estágio Curricular, bem como de Atividades Complementares e Projetos de Pesquisa e Extensão.

Como exemplo, citamos a parceria com a Secretaria Municipal de Saúde, cujas unidades de Atenção Básica, Urgência e Emergência, Policlínica, CAPS III, são campos para o desenvolvimento das disciplinas acima citadas.

Na área hospitalar o curso conta com as estruturas oferecidas por Hospitais de grande e médio porte, como Hospital Santa Lúcia, São João de Deus e Clínica São Bento Menni.

14. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*, 1988. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Ministério da Saúde. Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DATASUS). Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde. Brasília, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação 1994. *Portaria nº 1.721 de 16 de dezembro de 1994. Dispõe sobre o currículo mínimo do Curso de Enfermagem*. Diário oficial da União de 16 de dezembro de 1994, Seção 1.

BRASIL. *Lei nº 7498 de 1986. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da Enfermagem e dá outras providências*. Diário Oficial da União. Brasília DF, 1987 jun 9; p.8853-5. Seção 1.

BRASIL. Ministério da Saúde, Ministério da Educação, Organização Panamericana de Saúde. *Proposta de diretrizes curriculares nacionais para o ensino técnico na área da Saúde*. Brasília, MS/MEC/OPAS, 27 de abril de 1999.mimeo.

BRASIL. DECRETO Nº 9.656, DE 27 DE DEZEMBRO DE 2018. Altera o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Brasília: Diário Oficial da União, 28 dez. 2018, p. 17.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB. 9394/1996

BRASIL. Ministério da Educação. PORTARIA Nº 2.117, DE 6 DE DEZEMBRO DE 2019. Dispõe sobre a oferta de carga horária na modalidade de Ensino a Distância - EaD em cursos de graduação presenciais ofertados por Instituições de Educação Superior – IES pertencentes ao Sistema Federal de Ensino. DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO. Publicado em: 11/12/2019. Edição: 239. Seção: 1. Página: 131

BRASIL. RESOLUÇÃO Nº 1, DE 17 DE JUNHO DE 2004. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

BRASIL. Ministério da Educação. RESOLUÇÃO Nº 1, DE 30 DE MAIO DE 2012. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos.

BRASIL. Resolução nº 7, de 18 de dezembro de 2018. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira e regimenta o disposto na Meta 12.7 da Lei nº 13.005/2014, que

aprova o Plano Nacional de Educação - PNE 2014-2024 e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da União, 19 dez. 2018. Seção 1, p. 49.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Política nacional de Extensão Universitária. Manaus: FORPROEX; 2012.

Ministério da Educação e Cultura. Conselho Nacional de Educação Brasil. Câmara de Educação Superior. *Resolução CNE/CES n. 03, de 7 de novembro de 2001. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem*. Diário Oficial da União, Brasília, seção 1, p. 37, 9 nov. 2001.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE, 8, 1986, Brasília, Ministério da Saúde. *Anais da 8ª Conferência Nacional de Saúde*, Brasília: [s.n.], 1987.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GADOTTI, Moacir. *História das Idéias Pedagógicas*. São Paulo: Ed. Ática, 1999.

GENTILLI, O. *Escola S.A.: quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo*. Brasília: CNTE, 1996.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/>. Acesso em: 06 out. 2021.

LIBÂNEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Ática, 1993.

MINAS GERAIS. Secretaria De Estado De Saúde De Minas Gerais. Subsecretaria de Gestão Regional. Ajuste do Plano Diretor de Regionalização de Saúde de Minas Gerais (PDR/MG). 1. ed. Belo Horizonte: SES-MG, 2020. Disponível em: www.saude.mg.gov.br. Acesso em: 11 de setembro, 2021.

MINAS GERAIS. DECRETO ESTADUAL 46.352/2013 - Estatuto da UEMG;

MINAS GERAIS. RESOLUÇÃO COEPE/UEMG Nº 132/2013, DE 13 DE DEZEMBRO DE 2013. Regulamenta a implantação do regime de matrícula por disciplina nos cursos de graduação. Disponível em: <http://www.uemg.br/>. Acessado em: 10/08/2021.

MINAS GERAIS. RESOLUÇÃO COEPE/UEMG Nº 222/2017, DE 09 DE JULHO DE 2017. Inclui os parágrafos 1º e 2º no artigo 23 da Resolução 132/2013. Disponível em: <http://www.uemg.br/>. Acessado em: 10/08/2021.

MINAS GERAIS. RESOLUÇÃO COEPE/UEMG Nº 234, DE 23 DE NOVEMBRO DE 2018. Dispõe sobre o cálculo de encargos didáticos e sua atribuição aos ocupantes do cargo de Professor de Educação Superior – PES da UEMG, bem como aos professores designados da Instituição. Disponível em: <http://www.uemg.br/>. Acessado em: 01/08/2021.

MINAS GERAIS. RESOLUÇÃO COEPE/UEMG Nº 249/2020, DE 15 DE ABRIL DE 2020. Regulamenta a compensação de faltas e a avaliação de rendimento acadêmico no âmbito da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG e dá outras providências. Disponível em: <http://www.uemg.br/>. Acessado em: 10/08/2021.

MINAS GERAIS. RESOLUÇÃO COEPE/UEMG Nº 250/2020, DE 15 DE ABRIL DE 2020. Dispõe sobre o aproveitamento de estudos, adaptações curriculares, exame de proficiência e abreviação do tempo de conclusão no âmbito dos cursos de graduação da Universidade do Estado de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.uemg.br/>. Acessado em: 10/08/2021.

MINAS GERAIS. RESOLUÇÃO COEPE/UEMG Nº 273/2020, DE 30 DE JULHO DE 2020. Regulamenta a composição e o funcionamento dos Colegiados de Curso de Graduação, estabelece normas complementares para a criação de Departamentos Acadêmicos na 148 Universidade do Estado de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.uemg.br/>. Acessado em: 10/08/2021.

MINAS GERAIS. RESOLUÇÃO COEPE/UEMG Nº 284, DE 11 DE DEZEMBRO DE 2020. Regulamenta a composição e o funcionamento dos Núcleos Docentes Estruturantes – NDEs no âmbito de cada curso de graduação da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG. Disponível em: <http://www.uemg.br/>. Acessado em: 21/08/2021.

MINAS GERAIS. RESOLUÇÃO CONUN/UEMG Nº 374/2017, de 26 de outubro de 2017. Estabelece o Regimento Geral da Universidade do Estado de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.uemg.br/>. Acessado em: 01/08/2021.

MINAS GERAIS. RESOLUÇÃO CONUN/UEMG Nº 453/2020, de 03 de abril de 2020. Dispõe sobre a Política de Formação e Desenvolvimento do Acervo da Rede de Bibliotecas da Universidade do Estado de Minas Gerais. Disponível em: <http://www.uemg.br/>. Acessado em: 01/08/2021.

MINAS GERAIS. RESOLUÇÃO CONUN/UEMG Nº 241/2011, DE 05 DE DEZEMBRO DE 2012. Aprova alterações nas Normas para a Cerimônia de Outorga de Grau na Universidade do Estado de Minas Gerais- UEMG. Disponível em: Disponível em: <http://www.uemg.br/>. Acessado em: 10/08/2021.

MINAS GERAIS. RESOLUÇÃO CONUN/UEMG Nº 381/2018, DE 07 DE FEVEREIRO DE 2018. Aprova o Regulamento das Bibliotecas da Universidade do Estado de Minas Gerais. Disponível em: Disponível em: <http://www.uemg.br/>. Acessado em: 10/08/2021.

MINAS GERAIS. RESOLUÇÃO CONUN/UEMG Nº 419/2018, DE 21 DE DEZEMBRO DE 2018. Cria a Comissão Própria de Avaliação - CPA e estabelece suas atribuições e condições de funcionamento. Disponível em: Disponível em: <http://www.uemg.br/>. Acessado em: 10/08/2021.

MINAS GERAIS. Lei Delegada nº 180, de 20 de janeiro de 2011. Dispõe sobre a estrutura orgânica da Administração Pública do Poder Executivo do Estado de Minas Gerais e dá outras providências. Belo Horizonte: Diário Oficial de Minas Gerais, 21 de jan. 2011. p. 01.

MINAS GERAIS. Lei nº 11.539, de 22 de julho de 1994. Dispõe sobre a Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG – e dá outras providências. Belo Horizonte, Diário Oficial de Minas Gerais. 1994

MONTANGERO, Jacques e Naville, D. Maurice. *Piaget ou a Inteligência em Evolução*. São Paulo: Ed. Artes Médicas, 1998.

PDI 2015-2024- Plano de Desenvolvimento Institucional. Disponível em: <http://www.uemg.br/>. Acessado em: 10/12/2020

RICHARD, Jean François. *As atividades Mentais- compreender, raciocinar e encontrar soluções*. Paris: Armand Polim, 1999.

RENNÓ, H.M.S. *A mudança curricular no curso de graduação em enfermagem: o olhar dos Coordenadores* – Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

SACRISTÁN, J. G. *Reformas educacionais: utopia, retórica e prática*. In: SILVA, T.T. da GENTILI, P. *Escola S. A. – quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo*. Brasília: CNTE / Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, 1996, p. 50-74.

APÊNDICE 1

REGULAMENTO DAS ATIVIDADES DE EXTENSÃO CURRICULAR

Considerando as resoluções CNE/CES 7/2018 e UEMG/COEPE Nº 287/2021 que regulamentam as atividades acadêmicas de extensão dos cursos de graduação e estabelecem que estas atividades devem fazer parte da matriz curricular dos cursos, abrangendo no mínimo 10% (dez por cento) do total da carga horária curricular, a inserção da extensão no projeto pedagógico do curso de Enfermagem acontecerá de diferentes formas ao longo do processo de formação dos (as) discentes. Salienta-se que não ocorrerá integralização destas horas na carga horária de atividades integradoras, ou seja, a mesma atividade extensionista não poderá ser contabilizada duas vezes (BRASIL, 2018). Dentre as 4.320 horas totais necessárias à integralização do curso de Enfermagem, 435 horas (correspondente a 10,2% da carga horária total) abrangem atividades extensionistas, que se referem à ação da universidade junto à comunidade onde se insere.

CAPÍTULO I: DA CARACTERIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DE EXTENSÃO CURRICULAR

Art. 1º- As atividades de extensão possibilitam o compartilhamento do conhecimento oriundo do ensino e da pesquisa com o público externo à instituição e impulsionam a interação da universidade com a comunidade por meio de atividades que expressem o compromisso social, étnico-racial, cultural e de inclusividade da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG).

Art. 2º- As atividades extensionistas envolvem a participação ativa do/a estudante, e podem ser classificadas em cinco categorias: programa, projeto, curso, evento ou prestação de serviços. Serão consideradas apenas as atividades que sejam compatíveis com as atribuições do profissional de enfermagem, realizadas por discentes regularmente matriculados no curso e com a supervisão de pelo menos um docente.

CAPÍTULO II: DA REGULAMENTAÇÃO DAS ATIVIDADES DE EXTENSÃO CURRICULAR

Art. 3º- Para a integralização das atividades de extensão, cada discente deverá cumprir obrigatoriamente 240 horas de Seminário Interdisciplinar (30h por período, durante os 8 (oito) primeiros períodos, 75 horas durante as disciplinas de Práticas Integradas, sendo: i) 15 horas nas Práticas Integradas I, ii) 20 horas nas Práticas Integradas II, iii) 20 horas nas Práticas Integradas III e, iv) 20 horas nas Práticas Integradas IV, durante o 5º, 6º, 7º e 8º períodos, respectivamente. E ainda, 120 horas nas disciplinas de Projetos Integradores I e II (60 horas em cada disciplina) durante o 5º e o 6º período, totalizando 435 horas. Os encargos referentes às atividades de extensão no curso de enfermagem estão resumidos na tabela abaixo.

Distribuição dos encargos referentes às atividades extensionistas do curso de enfermagem.

Atividades extensionistas	Períodos	Horas de atividades extensionistas por período	Horas totais de atividades extensionistas

Seminário Interdisciplinar	1º, 2º, 3º, 4º, 5º, 6º, 7º e 8º	30h	240h
Práticas Integradas	5º, 6º, 7º e 8º	15h	75h
Projetos Integradores	5º e 6º	60h	120h
Total			435h

Art. 4º- Considerando a observação e a reflexão como princípios cognitivos de compreensão da realidade, torna-se necessário aprofundar e ampliar a articulação teoria e prática na estrutura curricular, integralizando todas as atividades acadêmicas fundamentais para a produção do conhecimento na área do curso. Os diversos elementos construídos pelas múltiplas atividades de Ensino-Aprendizagem articulam-se em uma concorrência solidária, para a criação do sentido e do conhecimento.

Art. 5º- É vedado a integralização destas horas na carga horária de atividades integradoras, ou seja, a mesma atividade extensionista não poderá ser contabilizada duas vezes (BRASIL, 2018).

CAPÍTULO III: DO FUNCIONAMENTO DAS ATIVIDADES DE EXTENSÃO JUNTO AO SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR

Art. 6º- O trabalho interdisciplinar e coletivo busca permitir o desenvolvimento de uma capacidade de análise e produção de conhecimentos com base numa visão multidimensional e, portanto, mais abrangente sobre o objeto de estudo. Corresponde a uma nova consciência da realidade, a um novo modo de pensar, que resulta num ato de troca, de reciprocidade e integração entre áreas diferentes de conhecimento, visando tanto a produção de novos conhecimentos, como a resolução de problemas.

Art. 7º- Para atingir estes objetivos, compete ao colegiado de curso planejar estratégias de aprendizagem que possam facilitar a aquisição de conhecimentos teórico-práticos, competências e habilidades para a comunicação, análise crítica e criativa, reflexão independente e trabalho em equipe em contextos multiculturais. Compete ainda estimular a criatividade, envolvendo a

combinação entre o saber tradicional, ou local e o conhecimento aplicado da ciência avançada e da tecnologia.

Art. 8º- Aliam-se às estratégias de Ensino e Aprendizagem novas orientações para a avaliação que sejam coerentes com os objetivos e que visem colocar em questionamento não somente a memória, mas também as faculdades de compreensão, a crítica e a criatividade, incluindo-se a habilidade para o trabalho teórico-prático. Estas considerações balizam então os parâmetros observados na construção do PPC:

- Concepção da estrutura curricular, fundamentada em metodologia de ensino que articule o ensino e a extensão;
- Estímulo ao desenvolvimento de conteúdos integradores e essenciais através de processos interdisciplinares;
- Desenvolvimento do espírito crítico e analítico, preparando-se os acadêmicos para a resolução dos problemas enfrentados na atuação profissional, sempre resultantes da evolução científica e tecnológica;
- Considerar a graduação como etapa de construção das bases para o desenvolvimento do processo de educação continuada.
- Ainda nesta perspectiva, impõe-se no plano operacional que a estrutura curricular a ser desenhada implique em:
 - Incentivar o trabalho em grupo e a formação de equipes interdisciplinares.
 - Incentivar a aquisição e assimilação de conhecimentos de forma interdisciplinar;
- Fortalecer a articulação da teoria com a prática, valorizando a pesquisa individual e coletiva, assim como a monitoria, os estágios, a participação em atividades de extensão e de cunho social;
 - Estimular práticas de estudo que promovam a autonomia intelectual.

CAPÍTULO IV: DA CARACTERIZAÇÃO DO SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR E DAS PRÁTICAS INTEGRADAS

Art. 9º- Seminários Interdisciplinares têm o propósito de promover a conectividade entre as disciplinas de áreas afins em associação com outras áreas do conhecimento das ciências da saúde e da enfermagem. Permite que os acadêmicos realizem um trabalho que incorpore os conteúdos de todas as disciplinas estudadas em cada semestre, de forma a estabelecer um diálogo entre as

áreas do conhecimento trabalhadas e promover a interação entre a teoria e a prática possibilitando um processo de união entre atividades de desenvolvimento intelectual e profissional.

Art. 10º- As Práticas Integradas são as primeiras aproximações efetivas entre a teoria e a prática profissional em campo de prática envolvidos no atendimento a comunidade nas instituições de saúde, além de ações educativas de cunho coletivo ou individual, com o sentido de trazer à comunidade informações que possa ser utilizado para o empoderamento e abrir possibilidades para mudanças de hábitos de vida para a manutenção da saúde.

Art. 11º- A interdisciplinaridade entre as Práticas e Seminários interdisciplinares oferece uma nova postura diante do conhecimento, uma mudança de atitude em busca do indivíduo como ser integral. Trata-se de uma proposta onde a forma de ensinar leva em consideração a construção do conhecimento pelo aluno, garantindo a construção de um conhecimento globalizante, rompendo com os limites das disciplinas. Não se trata de unir os conteúdos curriculares, mas utilizar uma prática de ensino em que cada um destes conteúdos estejam interligados e façam parte da realidade do aluno. Assim, as disciplinas continuam separadas, mas o aluno compreende que os conteúdos fazem parte de uma totalidade.

Art. 12º- Após as disciplinas básicas do processo teórico e prático da enfermagem que tem importância significativa à profissão (Semiologia e Semiotécnica I e II), e acontece do 5º ao 8º período têm-se as chamadas Práticas Integradas que correspondem ao desenvolvimento de aulas práticas, em Unidades Básicas de Saúde, Hospitais, Unidades de Pronto Atendimento, Centros de Atendimento Psicossocial (CAPS) e demais localidades onde há a possibilidade do aprendizado para se tornar enfermeiro que tem o objetivo de permitir ao aluno vivenciar a prática em conjunto com a teoria em todas as clínicas de atendimento à saúde enfocando as mais diversas situações e faixas etárias do ser humano.

Art. 13º- As Práticas Integradas e o Seminário Interdisciplinar vem como um componente disciplinar que se organiza em torno de diferentes âmbitos de conhecimento profissional, cujas ações se realizam processualmente no decorrer do semestre, há flexibilidade de elaboração do seminário a depender do período em que o aluno se encontra. Isso ocorre pelo fato de os conhecimentos serem construídos e socializados pelos estudantes, considerando os aportes teóricos e discussões desenvolvidas nas disciplinas e vivências no ensino, pesquisa e extensão.

Art. 14º- Conforme o Art. 3º Capítulo I (da concepção, das diretrizes e dos princípios) a Resolução Nº 7, de 18 de dezembro de 2018 que estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira, descreve que a:

Extensão na Educação Superior Brasileira é a atividade que se integra à matriz curricular e à organização da pesquisa, constituindo-se em processo interdisciplinar, político educacional, cultural, científico, tecnológico, que promove a interação transformadora entre as instituições de ensino superior e os outros setores da sociedade, por meio da produção e da aplicação do conhecimento, em articulação permanente com o ensino e a pesquisa (BRASIL, 2018, p.2).

Desta forma os alunos do curso de graduação em enfermagem da UEMG – Divinópolis, vem no processo de preparo teórico e simulações do 1º ao 4º período, desenvolvendo trabalhos no campo teórico, projetos de extensão a serem desenvolvidos, de acordo com as disciplinas cursadas e situações problemas e temas elencados de acordo com a proposta do NDE e colegiado de curso.

CAPÍTULO V: DO FUNCIONAMENTO DO SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR E DAS PRÁTICAS INTEGRADAS

Art. 15º- A partir do 5º período os alunos começam a desenvolver as disciplinas práticas integradas que são as primeiras aproximações efetivas entre a teoria e a prática profissional, ressaltando os processos éticos e legais da profissão, bem como resgatando, sempre que necessário os conhecimentos de períodos anteriores, com um foco no cuidado a cada período. Desta maneira, quando os estudantes estão em campo de prática, eles podem utilizar deste horário, ou outro de acordo com a análise dos professores, profissionais do campo e comunidade envolvida para promover ações educativas, como palestras, feira de saúde, barracas da saúde, praças do conhecimento e saúde de cunho coletivo ou individual, com o sentido de trazer à comunidade informações que possa ser utilizado para o empoderamento e abrir possibilidade para mudanças de hábitos de vida para a manutenção da saúde e com isso unir o ensino e a extensão e abrir oportunidades com as características legais e éticas para a pesquisa.

Art. 16º- Abaixo são apresentados os projetos para os seminários interdisciplinares do 5º ao 8º período com base nas disciplinas cursadas de cada período. Discriminadas a seguir:

I. Seminário Interdisciplinar 5º período - tem como tema o estudo sobre a saúde do adulto e do idoso na atenção hospitalar e atenção básica, com foco nas dimensões do Sistema Único de Saúde (SUS), sua aplicabilidade e legislação. Cujas atividades terá como principal característica a realização de práticas educativas para coletividade ou o indivíduo na área da enfermagem

previamente mencionada com o planejamento, a elaboração e a execução de atividades extensionista, dentre elas: projetos, programas e oficinas e a troca de experiência entre os colegas de todos os períodos através da socialização.

II. Seminário Interdisciplinar 6º período - tem como tema o estudo sobre a saúde da mulher em seu ciclo de vida, do recém-nascido, da criança e do adolescente e atenção básica, com foco nas dimensões do Sistema Único de Saúde (SUS), sua aplicabilidade e legislação. Utilizando de locais como creches, escolas do ensino médio e as próprias unidades de atenção básica. Cujas atividades terão como principal característica a realização de práticas educativas para coletividade ou o indivíduo na área da enfermagem previamente mencionada com o planejamento, a elaboração e a execução de atividades extensionista, dentre elas: projetos, programas e oficinas e a troca de experiência entre os colegas de todos os períodos através da socialização.

III. Seminário Interdisciplinar 7º período - tem como tema o estudo sobre a saúde da mulher em seu ciclo de vida, do recém-nascido, da criança e do adolescente e atenção hospitalar, com foco nas dimensões do Sistema Único de Saúde (SUS), sua aplicabilidade e legislação. Utilizando de locais como creches, escolas do ensino médio, maternidade, pediatria e acrescentando neste período o foco da gestão em enfermagem, em que o processo de ensino aprendizagem possa ser o processo de trabalho e os trabalhadores dos campos de atuação da enfermagem. Cujas atividades terão como principal característica a realização de práticas educativas para coletividade ou o indivíduo na área da enfermagem previamente mencionada com o planejamento, a elaboração e a execução de atividades extensionista, dentre elas: projetos, programas e oficinas e a troca de experiência entre os colegas de todos os períodos através da socialização.

IV. Seminário Interdisciplinar 8º período - tem como tema o estudo sobre a urgência e emergência no ciclo de vida do ser humano, oncologia e a saúde mental, com foco nas dimensões do Sistema Único de Saúde (SUS), sua aplicabilidade e legislação. Utilizando de locais como CAPS, escolas do ensino fundamental e médio com a manutenção neste período do foco da gestão em enfermagem, em que o processo de ensino-aprendizagem possa ser o processo de trabalho e os trabalhadores dos campos de atuação da enfermagem. Cujas atividades terão como principal característica a realização de práticas educativas para coletividade ou o indivíduo na área da enfermagem previamente mencionada com o planejamento, a elaboração e a execução de

atividades extensionista, dentre elas: projetos, programas e oficinas e a troca de experiência entre os colegas de todos os períodos através da socialização.

CAPÍTULO VI: DA OPERACIONALIZAÇÃO DO SEMINÁRIO INTERDISCIPLINAR

Art. 17º- Tendo em vista a necessidade de contemplar 10% da carga horária do Curso como atividades de extensão e pensando ainda no fortalecimento da interdisciplinaridade, o Seminário Interdisciplinar acontecerá semestralmente e terá carga horária de 30 horas por período (total de 240 horas por semestre) envolvendo os alunos do 1º ao 8º período do Curso. Os discentes atuarão ativamente na organização e condução dos seminários interdisciplinares. Art. 18º- O seminário que acontece no fim de cada semestre será um fechamento do trabalho desenvolvido pelos alunos durante o semestre, para apresentar e divulgar o processo e o produto dos trabalhos desenvolvidos para a comunidade, podendo ser um projeto de extensão a se desenvolver ou desenvolvido.

Art. 19º- Os seminários interdisciplinares serão divulgados antecipadamente e aberto à participação da comunidade acadêmica e da comunidade externa. O público-alvo será composto por estudantes, profissionais da área de saúde, gerentes dos serviços de saúde, comunidade e poderá abranger outros públicos, de acordo com o tema que será abordado em cada edição do seminário. Os temas serão selecionados de forma a propiciar um debate amplo e contemporâneo de questões de importância para a área da saúde, promovendo a interação entre teoria e prática profissional.

CAPÍTULO VII: DOS CRITÉRIOS DE REALIZAÇÃO E AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES

Art. 20º- As normas para a apresentação dos trabalhos e avaliação nas disciplinas estão contidas no Manual dos Seminários Interdisciplinares, disponibilizado na coordenação do curso. Normas para apresentação dos trabalhos:

- I. O seminário terá o valor de 10 pontos (3º bimestre) em cada disciplina em todos os períodos;
- II. O tempo para apresentação será de 30 minutos para cada grupo, por período; do tema específico e 10 minutos para considerações dos docentes.
- III. O tempo para discussão após a apresentação será de 10 minutos;

- IV. Deverá ser entregue no momento da apresentação, cópias espiraladas, impressas e na quantidade de professores por período, dentro das normas da ABNT. Os trabalhos também deverão ser enviados por e-mail à coordenação de Curso que encaminhará os mesmos a todos os docentes;
- V. Caso a forma de apresentação tenha slides, eles devem seguir as normas da ABNT e serem enviados continuamente aos tutores para supervisão.
- VI. Durante a confecção dos trabalhos, o contato deverá ser contínuo entre alunos e tutores a fim de evitar transtornos no momento da apresentação (os tutores avaliarão material enviado pelos alunos em dias úteis, exceto finais de semana e feriados).

Art. 21º- Os alunos deverão seguir um cronograma de atividades e de envio do trabalho aos tutores, que será pontuado conforme descrição abaixo:

- I. Primeira parte do trabalho: fundamentação teórica, estrutura formal (citações e notas), levantamento bibliográfico, resumo, introdução do trabalho, objetivos e justificativa (importância do trabalho), comunicação ativa com os tutores = 3,0 pontos (nota dada pelos tutores);
- II. Segunda parte do trabalho: metodologia, apresentação e discussão dos resultados, entrega do trabalho escrito e slides formatados para a apresentação, comunicação ativa com os tutores = 3,0 pontos (nota dada pelos tutores);
- III. Apresentação dos trabalhos = 4 pontos (média das notas dos docentes que estiverem assistindo às apresentações dos trabalhos).

Art. 22º- Serão avaliados:

- I. Clareza e conhecimento do conteúdo e das ideias apresentadas. Justificativa. Objetivos atingidos;
- II. Metodologia (lógica, sequência da apresentação, relação entre os itens do trabalho);
- III. Vocabulário e postura profissional na apresentação (Termos técnicos e científicos, velocidade da apresentação);
- IV. ABNT - Normatização;
- V. Nível do Conteúdo abordado; VI. Tempo.

Art. 23º- As notas serão entregues uma semana após a realização do seminário. A nota é única para todas as disciplinas do período.

Art. 24º- As listas de presença ficarão sob responsabilidade de um docente e deverão ser assinadas no início e no final de cada dia de atividades.

Art. 25º- Atestado médico não abona a falta, justifica. Para cada dia que o aluno faltar às atividades do seminário, estando ou não de atestado médico, perderá 2 pontos.

CAPÍTULO VIII: DAS COMPETÊNCIAS DO ORIENTADOR DE ATIVIDADES DE EXTENSÃO CURRICULAR

Art. 26º - O professor orientador de Atividades de Extensão do curso de Enfermagem da UEMG, Unidade Divinópolis, deverá ser um professor do curso de Enfermagem, devidamente capacitado para conduzir as atividades de Extensão.

Art. 27º - O professor orientador de Atividades de Extensão do curso de Enfermagem será indicado pelo Coordenador do Curso de Fisioterapia e aprovado pelo Colegiado do Curso.

Art. 28º - Cabe ao professor orientador de Atividades de Extensão Curricular do curso de Enfermagem:

- I - Planejar, elaborar e organizar o plano de ensino das atividades de extensão curricular semestralmente;
- II - Fornecer ao aluno os elementos necessários à elaboração e execução dos estudos de casos, seminários, relatórios e projetos;
- III – Conhecer a realidade em que o aluno irá atuar considerando as condições físicas e os recursos didático-pedagógicos a serem utilizados;
- IV - Coordenar a execução das atividades didático-pedagógicas referentes às práticas integradas, projetos integradores e seminário interdisciplinar em conformidade com o planejamento e pré-projeto definidos pelas partes envolvidas no acompanhamento do aluno nas atividades de extensão curricular;
- V – Promover reavaliação permanente das atividades desenvolvidas pelo aluno registrando, no documento individual próprio, o plano de trabalho, os relatórios parciais e finais e outros eventos ligados ao desenvolvimento da disciplina;
- VI – Encaminhar as avaliações, expressas em notas, para registro;

- VII - Contatar com instituições, entidades, empresas ou comunidades potencialmente concedentes de campo de práticas, tendo em vista a celebração de convênios, termos de compromisso ou acordos de cooperação de técnica;
- VIII - Articular e promover a socialização de experiências profissionais e pedagógicas a partir de seminários, publicações e outros meios, envolvendo o colegiado de curso;
- IX - Manter o Coordenador do curso informado, mediante relatório, sobre a listagem dos discentes, campos e desenvolvimento das atividades de extensão curricular.

CAPÍTULO IX: DAS COMPETÊNCIAS DOS DISCENTES NAS ATIVIDADES DE EXTENSÃO CURRICULAR

Art. 29º - Cabe ao discente de Atividades de Extensão Curricular do curso de Enfermagem:

- I - Participar das atividades programadas com motivação, empenho e comportamento ético adequado;
- II - Realizar todas as atividades programadas no plano de ensino, sob a orientação de professor enfermeiro;
- III - Realizar todas as atividades programadas no plano de trabalho da instituição de saúde, sob a orientação do enfermeiro da instituição de saúde;
- IV - Elaborar relatórios periódicos sobre as atividades realizadas, para fins de avaliação, conforme orientações definidas a respeito;
- V - Prestar assistência de Enfermagem ambulatorial e domiciliar livre de riscos aos clientes;
- VI - Correlacionar as atividades práticas com o apoio teórico recebido no curso e com as orientações transmitidas pelo professor enfermeiro, interpelando o professor a respeito de suas dúvidas e das possibilidades de aprimoramento de sua prática;
- VII - Submeter-se a processo de avaliação continuada e global, buscando a melhoria de seu desempenho acadêmico e de iniciação profissional;
- VIII - Auto-avaliar-se, como parte do processo de avaliação global de seu desempenho. IX - Manter abertas linhas de comunicação com todos os membros da equipe de Enfermagem, profissionais afins, cliente, família e comunidade.
- X - Respeitar as normas das instituições que estejam envolvidas nas atividades de extensão curricular das quais participará.

APÊNDICE 2

REGULAMENTO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC) CAPÍTULO I: DAS DEFINIÇÕES

Art. 1º. Diante do processo vivido de rediscussão do PPC, que se deu de forma democrática, participativa e crítica, compreendemos que as exigências atuais da formação do estudante são asseguradas pelas DCNs, pelo compromisso social da Instituição o que demanda de docentes e discentes o envolvimento com as questões da comunidade divinopolitana, bem como pela formação, preparo e comprometimento dos docentes do Curso na formação de sujeitos e cidadãos capazes de transformarem-se e de provocarem mudanças no seu contexto de trabalho e de vida.

Art. 2º. O TCC está previsto como uma das etapas na formação dos estudantes pela instituição. No elenco de disciplinas do currículo em questão, duas delas abordam os conteúdos de Metodologia Científica. A primeira está no 1º período do Curso denominada Metodologia Científica, apresentando carga horária de 45 horas. Já no 7º período do curso é oferecida a disciplina Metodologia da Pesquisa, com carga horária de 45 horas.

Art. 3º. O curso de Enfermagem propõe que estratégias de acompanhamento discente sejam asseguradas para o TCC, o qual poderá vir a ser um meio pelo qual seja trabalhado junto ao discente o conhecimento necessário para aprender a ser enfermeiro, além de temas atuais e horizontais que contribuam para definição do seu perfil profissional e construção abrangente em torno da profissão. Assim, propomos a orientação como forma de acompanhamento destes discentes, abordando-os e acolhendo-os sistematicamente desde o 8º período do curso. Se a turma for de aproximadamente 40 alunos, é sugerido um número máximo de 20 trabalhos, sendo construídos em duplas ou trios para o desenvolvimento do trabalho sob a forma de artigo científico.

CAPÍTULO II: DA OPERACIONALIZAÇÃO

Art. 4º. O TCC é desenvolvido no 8º, 9º e 10º períodos, sugere-se que cada orientador/as pode orientar, concomitantemente, o número máximo de quatro discentes, ou seja, o orientador pode orientar dois trabalhos, sendo que estes poderão se organizar em duplas e trios, caso o número de alunos da turma, seja ímpar.

Art. 5º. A cada orientador é acrescentada uma hora semanal para cada dupla ou trio em orientação, com a finalidade de orientação do grupo, de forma coletiva ou individual.

Art. 6º. As duplas ou trios são formados pelos discentes, considerando sua afinidade, disponibilidade e adequação de tema, sendo que, em caso de desistência, reprovação ou abandono de um dos alunos do grupo, o (s) aluno (s) que se mantiver (em) apto (s) para a continuidade do trabalho, poderá (ão) realizar o mesmo individualmente, sem que isso seja considerado apropriação indébita ou infração aos aspectos éticos da pesquisa.

- I. Os grupos de discentes devem ser formados de forma equitativa, contando, em sua composição, com alunos dos três períodos em questão. Desta forma, a ideia é que haja troca de experiência entre todos os discentes, contribuindo com as diferentes experiências dos outros.
- II. Se houver número maior de discentes por docente a distribuição será resolvida, num primeiro momento, por negociação entre os discentes e docentes envolvidos. Cada orientador deverá acompanhar os discentes até o 10º período e, automaticamente, o número de formandos será substituído pelos alunos do 8º período.

Art. 7º. Poderá existir a coorientação, ficando a cargo do orientador de TCC, definir o docente que a fará. Quanto ao coorientador, este deverá ser interno à instituição e docente do Curso de Enfermagem, devendo possuir titulação mínima de mestrado acadêmico ou profissional.

- I. O coorientador também avaliará o trabalho junto ao orientador, para que decidam se o estudante tem condições de ir à defesa pública.

Art. 8º. É considerado desistente do TCC o aluno que formalmente comunicou a sua não permanência no trabalho, perdendo, portanto, o direito ao tema, mantendo as notas obtidas em avaliações já concluídas.

- I. É considerado desistente o aluno que faltar de 3 ou mais orientações presenciais consecutivas sem justificativas legais e/ou deferidas pelo orientador.

Art. 9º. O TCC é elaborado seguindo a linha de investimento científico do Docente Orientador, sendo distribuído nas seguintes sub-áreas: Biológicas, Saúde Pública, Saúde Coletiva, Gestão em Saúde/Enfermagem, Saúde da Criança, Saúde da Mulher e do RecémNascido, Saúde do Adolescente, Saúde do Adulto, Saúde Mental, Saúde do Trabalhador,

Saúde do Idoso, Urgência e Emergência, Educação em Saúde/Enfermagem ou Enfermagem Básica (História, Legislação, Ética), Pesquisa em saúde/enfermagem, Tecnologia em saúde/enfermagem.

CAPÍTULO III: DAS ATRIBUIÇÕES E ORIENTAÇÕES DO COORDENADOR DE CURSO

- I. Apresentar lista de professores orientadores aos alunos, desde o início do processo de TCC;
- II. Apresentar as orientações gerais sobre a operacionalização do TCC;
- III. Observar o cumprimento das orientações por todos os envolvidos;
- IV. Definir o cronograma de apresentação final do TCC;
- V. Organizar o processo de apresentação final do TCC;
- VI. Na indicação de professores orientadores, o coordenador de Curso deve observar, sempre que possível, as áreas de interesse dos professores, bem como a distribuição de orientandos entre eles, conforme disponibilidade;
- VII. Caso o docente orientador for desligado da orientação do TCC ou do Curso, cabe à coordenação de curso providenciar imediatamente sua substituição junto aos docentes. Sendo a substituição de (a) orientador (a) só é permitida quando outro (a) professor (a) assumir formalmente a orientação, mediante transferência expressa do (a) professor (a) substituído (a), que informará ao coordenador a mudança realizada.
- VIII. É da competência do Coordenador de Curso a solução de casos especiais, podendo, se entender necessário, encaminhá-los para análise ao Colegiado de Curso;
- IX. A coordenação de enfermagem acompanhará a produção de cada orientador mediante a elaboração de relatórios periódicos (mensais, bimestrais ou semestrais).

CAPÍTULO IV: DAS ATRIBUIÇÕES E ORIENTAÇÕES DOS ORIENTADORES DOCENTES

- I. Acompanhar o desenvolvimento pedagógico do aluno sob sua tutela do oitavo ao décimo período;
- II. Orientar presencialmente o grupo de alunos ou em encontros individuais;
- III. Orientar virtualmente (internet) o grupo de alunos, quando necessário;

- IV. Participar do conselho de classe dos períodos para avaliação discente; V. Realizar avaliações formativas periódicas com os discentes;
- VI. Emitir relatório sobre a evolução do aluno na elaboração do TCC.

CAPÍTULO V: DAS ATRIBUIÇÕES E ORIENTAÇÕES AOS ALUNOS ORIENTANDOS

- I. Ter autonomia no desenvolvimento de suas atividades;
- II. Participar das reuniões de orientação proposta pelo Docente-Orientador;
- III. Produzir relatórios semestrais ou quando solicitados pela Coordenação do Curso;
- IV. Cumprir com as atividades propostas em cada período;
- V. Manter contatos no mínimo quinzenais com o (a) professor (a) orientador (a) para discussão e aprimoramento de sua pesquisa, devendo justificar eventuais faltas (desde o 8º período);
- VI. Cumprir o calendário divulgado pelo (a) orientador (a) para entrega da versão final do artigo;
- VII. Cumprir todas as etapas do trabalho de pesquisa em data predeterminada pelo (a) orientador (a) e demais professores envolvidos;
- VIII. Elaborar versão final do artigo de acordo com as normas do TCC e as instruções de (a) seu (sua) orientador (a) e do Coordenador do Curso.

CAPÍTULO VI: DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS DURANTE O TCC

Período do Curso	Meta a ser atingida	Mecanismo de avaliação	Pontuação
8º	Levantamento bibliográfico. Construção do Problema de	- Avaliação quali-quantitativa realizada pelos docentes	100
	Pesquisa; Redação da introdução do projeto de pesquisa; Redação da justificativa do projeto; Construção dos objetivos geral e específicos;	orientadores do trabalho. - Entrega impressa do préprojeto de pesquisa.	

9º	Construção da Metodologia de Pesquisa; Redação do referencial teórico; Construção do cronograma de pesquisa; Encaminhamento do projeto de pesquisa para o Comitê de Ética em Pesquisa da Unidade Acadêmica, quando necessário. Início da coleta de dados da pesquisa.	- Avaliação quali-quantitativa realizada pelos docentes orientadores do trabalho.	100
10º	Análise dos dados obtidos da pesquisa; Elaboração das conclusões do trabalho; Apresentação do trabalho em seminário de TCC; Redação final do trabalho no formato de artigo científico.	- Avaliação quali-quantitativa realizada pelos docentes orientadores do trabalho. - Avaliação quantitativa realizada por banca avaliadora a ser nomeada para este fim.	100

CAPÍTULO VI : DAS AVALIAÇÕES

Art. 10º. O processo avaliativo tem como função básica acompanhar o desenvolvimento do aluno, identificando seus avanços e dificuldades, além de fornecer informações fundamentais para todo o processo ensino/aprendizagem desenvolvido ao longo do curso. Considerando o Projeto Pedagógico do Curso (princípios básicos, objetivos, perfil do profissional egresso, proposta metodológica e organização curricular), fundamentado nas Diretrizes Curriculares do MEC - Resolução CNE/CES nº 3 de 2001, o processo avaliativo deve basear-se nas competências, habilidades e conteúdos curriculares desenvolvidos. Além disso, deve permear todas as ações do Curso.

Art. 11º. Num processo permanente de reflexão e análise, que se processa a partir das seguintes modalidades de avaliação:

- I. Diagnóstica – verificar os conhecimentos anteriores dos alunos e condições para aprender;
- II. Formativa – identificar dificuldades / limites a serem superados e estimular habilidades;
- III. Somativa – verificar o aproveitamento do aluno.

Art. 12º. A avaliação do TCC é fator importante para o desenvolvimento do discente, do docente e do curso, em que, ao final de cada período, o valor atribuído vai de zero a 100 pontos.

- I. É considerado reprovado o aluno que não obtiver 60% do total das avaliações ou por abandono do trabalho.
- II. Caso o aluno seja reprovado em um dos períodos, fica inapto à continuidade do mesmo trabalho e não terá direito à recuperação dos pontos do semestre reprovado, sendo o mesmo desvinculado do trabalho.
- III. As notas do semestre serão mantidas e a pesquisa deverá ser reiniciada com um novo tema. A continuidade do trabalho pelo (s) aluno (s) aprovado (s) não configurará apropriação indébita ou infração aos aspectos éticos da pesquisa. Caso o aluno pare de construir o trabalho em algum semestre, deverá retomá-lo voltando ao TCC I.

CAPÍTULO VII: DA APRESENTAÇÃO

Art. 13º. A defesa do TCC será uma apresentação pública à comunidade de forma oral; sendo presencial ou modalidade *online* para uma banca composta pelo professor orientador e dois avaliadores nomeados por este professor em comum acordo com o aluno.

- I. Será critério avaliativo, registrado nos instrumentos do TCC, a presença dos alunos nas orientações e no diário de classe.

CAPÍTULO VII: DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

- I. Os grupos de Trabalho de Conclusão de Curso são em número máximo de 03 alunos.
- II. Os alunos poderão procurar previamente o professor para ser o orientador do trabalho, ou os trabalhos poderão ser divididos para o grupo de orientadores em reunião de colegiado de acordo com a área de cada professor e vaga para orientação.
- III. Os trabalhos são desenvolvidos em conformidade com as normas vigentes do Centro de Pesquisa da Instituição.
- IV. Só será permitida a troca de grupos mediante acordo por escrito entre os discentes e os docentes orientadores.
- V. A nota do TCC é parte integrante das disposições finais da graduação, sendo requisito parcial para a obtenção do título de enfermeiro.

- VI. O aluno e orientador devem definir os membros da banca, ficando sob a responsabilidade do orientador o convite formal aos convidados, que deverá ser confirmado com a coordenação do curso com 60 dias de antecedência.
- VII. A entrega da versão preliminar deve ser feita com 15 dias de antecedência da data da defesa à coordenação do curso;
- VIII. A banca de defesa do artigo é composta por 03 membros, sendo um deles obrigatoriamente o próprio orientador;
- IX. O aluno deve entregar 03 cópias impressas, encadernadas em espiral da versão preliminar para que as mesmas sejam encaminhadas aos membros da banca, ou, se em comum acordo com os avaliadores, possa ser encaminhado por correio eletrônico (*e-mail*) ;
- X. A entrega da versão definitiva do artigo é requisito para a colação de grau e deve ser efetuada em data definida pelo Colegiado do Curso.

APÊNDICE 3

REGULAMENTO DE ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO

(Lei 11.788/2008 de 25 de setembro de 2008)

O projeto pedagógico do Curso de Graduação em Enfermagem da UEMG preconiza de forma clara o investimento que se deve efetivar no desenvolvimento da *autonomia* dos alunos, partindo do princípio defendido por diversos autores da linha construtivista de que o processo ensino–aprendizagem deve estar totalmente *centrado no aluno*, e não no modelo didático, ou no professor. Assim, o estágio é um componente do projeto pedagógico de um curso, de articulação teoria e prática e como forma de interação entre a Instituição Educativa e as organizações.

Considerando o direcionamento desta autonomia como resultado de plena consciência cidadã, e de domínio sobre seus próprios mecanismos de aprendizagem, o estágio curricular apresenta-se como uma das estratégias essenciais para se alcançar tal objetivo. O Estágio está amparado pela Lei Federal N. 11.788, de 25 de Setembro de 2008.

Na eventualidade de ocorrer qualquer acidente de trabalho com o aluno, imediatamente o ALUNO, deve entrar em contato com o seu Supervisor.

CAPÍTULO I - DAS COMPETÊNCIAS DOS ENVOLVIDOS NO ESTÁGIO

Art. 1º - Ao estagiário compete:

- I. Cumprir o horário e as atividades previamente fixadas, assim como se apresentar devidamente uniformizado.
- II. Na área Hospitalar, você deverá usar roupa e sapato (fechado) brancos + jaleco e crachá.
- III. Na saúde pública, você deverá usar calça comprida (lisa e de cor sóbria), sapato fechado, jaleco e crachá. Se na Unidade de Saúde o Enfermeiro usar roupa toda branca, você deverá fazer o mesmo;
- IV. Deve ser usado o jaleco da UEMG ou sem emblemas.
- V. Manter a ordem e a disciplina no local de execução do estágio, conforme normas internas da Instituição conveniada.
- VI. Zelar pelos equipamentos e materiais utilizados durante o período de estágio.
- VII. Qualquer mudança de horário no seu estágio, ou reposição de faltas em turnos e datas fora da programação, só poderá ser feita mediante prévia autorização do Enfermeiro Supervisor do estágio.
- VIII. Seu material de bolso mínimo deverá ser: caneta, lápis, borracha, relógio de ponteiros, termômetro, garrote, bloco de notas, calculadora. Lembre-se que levar este material de bolso é importante para o seu bom desempenho no estágio. Se possível, leve seu próprio estetoscópio e esfigmomanômetro.
- IX. Se você pretender fotografar ou filmar o seu Campo de Estágio, consulte ANTES o Supervisor de Estágio ou o Enfermeiro da Unidade solicitando autorização por escrito para tal atividade.
- X. Comparecer aos momentos de orientação programados pelo Professor Orientador, assim bem como desenvolver as atividades por ele programadas.
- XI. Apresentar o Termo de Compromisso assinado, que é obrigatório por Lei para a realização de estágio supervisionado.

Art. 2º - À Coordenação de Estágios compete:

- I. Buscar articulação da UEMG com Campos de Estágios necessários ao atendimento da ementa da disciplina e ao número de alunos, para estabelecimento de Convênios; II. Divulgar o calendário (semestral) de atividades do Estágio Curricular;
- III. Fazer a orientação aos alunos, previamente ao início do estágio, quanto aos aspectos pedagógicos, administrativos e éticos do Estágio Curricular;
- IV. Manter canal aberto permanente com os Campos de Estágios para ajustes que se fazem necessários, tanto por demandas das instituições conveniadas como dos próprios alunos e supervisores;

- V. Coordenar e consolidar as avaliações do estágio nas suas diversas origens junto com o professor orientador levando-se em consideração os relatórios dos Supervisores de Estágio;
- VI. Estabelecer as diretrizes, acompanhar o desenvolvimento das atividades propostas nas disciplinas Estágio Curricular I e II;
- VII. Convocar os Professores Supervisores de Estágio para reuniões de avaliação dos estágios e presidir a reunião;
- VIII. Acompanhar o cumprimento de todos os itens desse projeto;
- IX. Preencher os registros acadêmicos referentes ao Diário de Classe por meio eletrônico das disciplinas Estágio Curricular I e II. Art. 3º - Ao Supervisor de Estágios compete:
 - I. Esclarecer a proposta pedagógica do projeto de estágio do curso para o Enfermeiro do Campo de Estágio, denominado aqui de Enfermeiro do Serviço;
 - II. Assumir integralmente a **responsabilidade técnica** das ações desenvolvidas pelos seus estagiários.
 - III. Estabelecer os níveis de ação de cada estagiário e sua forma de integração no planejamento de trabalho desenvolvido naquele campo;
 - IV. Acompanhar o estagiário no desenvolvimento de ações a qual ele ainda não adquiriu autonomia e segurança para sua execução (supervisionar diretamente ou demonstrar a realização);
 - V. Oferecer suporte emocional aos alunos que manifestarem sinais de dificuldade de adaptação no seu local de estágio, acolhendo-o humanamente;
 - VI. Comunicar à Coordenação de Estágios qualquer irregularidade ou intercorrência que envolva o aluno, durante o período de estágio.
 - VII. Orientar e dar suporte ao estagiário nas ações em que ele ainda não apresenta autonomia e segurança para sua execução;
 - VIII. Realizar interlocução permanente entre o estagiário e o Professor Orientador no que tange às situações circunstanciais daquele serviço e suas metas a serem atingidas, e a viabilidade de trabalho a ser desenvolvido pelos estagiários com vistas a melhorias do serviço naquele campo de estágio.
 - IX. Discutir com o estagiário e o Enfermeiro do Serviço as propostas de soluções de problemas, metas a serem atingidas por aquela unidade de saúde, e a viabilidade de trabalho a ser desenvolvido pelos próprios estagiários com vistas a melhorias naquele serviço;
 - X. Quando oportuno, solicitar ao estagiário que o auxilie em questões gerenciais;
 - XI. Quando lhe convier, convidar o estagiário para observá-lo na realização de algum procedimento técnico;
 - XII. Delegar para o aluno a execução de algum procedimento técnico ou assistência a um usuário, quando julgar que o mesmo possa contribuir para o aprendizado do estagiário.

- XIII. Programar e definir orientações periódicas com o acadêmico, visando levá-lo a refletir sobre sua prática e contextualizá-la no meio científico;
- XIV. Avaliar estudo de caso, atividade de intervenção e relatório final elaborados pelo estagiário;
- XV. Realizar as avaliações do estagiário, encaminhando os formulários com os respectivos resultados ao Coordenador de Estágio.
- XVI. Validar a frequência do aluno ao campo de estágio.

CAPÍTULO II - PLANO DE TRABALHO

Art 1º - Os trabalhos escritos deverão ser elaborados mediante as seguintes regras:

- I. Poderão ser realizados **individuais** ou, no máximo, em **duplas**, desde que a dupla seja da mesma unidade do estágio. Em casos específicos, o trabalho poderá ser realizado pelo **Grupo** que está no mesmo campo de estágio.
- II. Ao final do ciclo de estágio, em data definida pela Coordenação de Estágios, o aluno deverá entregar para o seu Professor Supervisor estudo de caso, atividade de intervenção e relatório final o qual deve ser descrito segundo as normas em anexo.
- III. O Professor Supervisor poderá solicitar trabalhos e estudos autônomos, de acordo com a necessidade do campo de estágio.

CAPÍTULO III - FREQUÊNCIA

Art 1º - A carga horária do 9º e do 10º períodos é de 435 horas, cada. Totalizando 870 horas de estágio. Não podendo haver faltas não compensadas.

Art 2º - As faltas com atestado médico de até 5 dias devem ser encaminhadas ao coordenador de estágio no máximo 72 horas da data do atestado. Atestados superiores a 5 dias deverão ser entregues na secretaria.

Art 3º - No caso de falta, não se esqueça de comunicar seu Supervisor de Estágios e ao Enfermeiro do Campo.

Art 4º - O estudante deverá cumprir, integralmente, a carga horária do estágio, não havendo abono de faltas. Os atestados deverão ser compensados ao final do estágio.

Art 5º - A participação em Eventos Científicos (Congressos, Seminários, Simpósios, etc) não é computada dentro da carga horária de estágios, uma vez que constituem Atividades Complementares que fazem parte da formação do enfermeiro.

Art 6º - Encontros realizados para elaboração dos planos de trabalho do estágio são computados como carga horária de estágio.

Art 7º - Cada campo de estágio tem sua ficha própria de registro de carga horária. É necessário respeitá-la. Atrasos dão ao supervisor de estágios o direito de não assinar o formulário.

CAPÍTULO IV - AVALIAÇÕES

Art 1º - DIAGRAMA DE AVALIAÇÃO

1º NOTA	2º NOTA	3º NOTA
Estudo de Caso – 10 PONTOS	Atividade de Intervenção – 15 PONTOS	Relatório Final – 15 PONTOS
Avaliação Individual – 20 PONTOS	Avaliação Individual – 20 PONTOS	Avaliação Individual – 20 PONTOS
Total – 30 PONTOS	Total – 35 PONTOS	Total – 35 PONTOS
TOTAL – 100 PONTOS		

Art 2º - OPERACIONALIZAÇÃO DA AVALIAÇÃO

- I. O estagiário é avaliado pelo Professor Supervisor.
- II. O Professor Supervisor quando necessário emite relatórios periódicos ao Coordenador de Estágio sobre o desenvolvimento técnico-administrativo do estagiário em campo.

Art 3º - Encerramento de Atividades

Os documentos (envelope) deverão ser entregues no Núcleo de Estágio no final de cada ciclo conforme a data prevista, serão conferidos através de check-list pelo supervisor.

CAPÍTULO V - NORMAS PARA ELABORAÇÃO DA ATIVIDADE DE INTERVENÇÃO

Art 1º - **Elementos Pré textuais:** capa, folha de rosto, sumário.

Art 2º - **Texto** – é a parte no qual o assunto é apresentado e desenvolvido. Conforme a finalidade a que se destina. É estruturado de maneira distinta, mas o texto da maioria contém as seguintes seções fundamentais:

I. Introdução – a finalidade da introdução é apresentar com clareza e simplicidade o tema que será abordado. É o enunciado da ideia geral que será apresentada ou defendida segundo a natureza do trabalho.

Na introdução devem ser consideradas sucintamente as seguintes informações:

- **Delimitação do assunto:** (o que você irá abordar)
- **Justificativa:** (porque é importante discutir o assunto) - **Objetivos:** (o que você pretende alcançar)

EX: *relatar as experiências observadas em campo.*

Relatar situações problemas no setor em que se deu o estágio...

Apontar os indicativos de solução para a questão....

- **Suporte Teórico:** (mencionar os autores de sua busca em pesquisas bibliográficas) EX: *Para alcançar os objetivos arrolados, primeiramente, foi necessário um estudo mais apurado de obras que descrevem a atuação do enfermeiro...*
- **Plano de trabalho:** (anuncia-se as discussões do desenvolvimento)

EX: *Além dessa breve introdução, seguem as observações realizadas em...*

II. Desenvolvimento – é o corpo da obra, o trabalho propriamente dito. Deve ter ordem lógica de modo a auxiliar o raciocínio do leitor e levá-lo à leitura sem tropeços, nem embaraços.

Cada parte significativa do assunto deve ser tratada em fases sucessivas, de tal modo que se possa ser percebida sua sequência lógica.

EX: *dos dias 01 a 20 de fevereiro, foram realizadas visitas a, sendo eles x, s e c, perfazendo um total de nas horas de observação. Nessas visitas, o foco de atividade observada foi o trabalho de.*

Na X, o trabalho acontece...

Descrever no desenvolvimento:

- a) Diagnóstico técnico-administrativo da unidade de estágio
- b) Sua análise e impressão sobre a relação entre os objetivos/metast daquele serviço de saúde e o que realmente é oferecido aos usuários
- c) Fatores que determinam os **êxitos** que você observou
- d) Fatores que determinam os **problemas** que você observou
- e) Intercorrências
- f) Intervenção na unidade de saúde (se possível implementação)
 - o Procure diagnosticar as causas da deficiência/problema encontrado;
 - o A intervenção proposta deverá estar ao alcance da ação da enfermagem do setor.

III. Conclusão - apresenta uma síntese definitiva das conclusões ou resultados da pesquisa.

EX: *pelo estudo e relato apresentado, pode-se perceber que ...*

IV. Elementos pós-textuais: referências bibliográficas, anexos

CAPÍTULO VI - CALENDÁRIO DE ESTÁGIO

Art 1º - O calendário de estágios será programado de forma a atender a demanda de 435 horas por Estágio Supervisionado.

Art 2º - No decorrer do período letivo, poderão ocorrer intercorrências, que podem atrasar ou adiantar o calendário. Nestas situações a Coordenação do Curso e de Estágio entrarão em contato com os supervisores para que o calendário seja reprogramado junto com o aluno e com o serviço de saúde.

Art 3º - Para o aluno iniciar seu estágio as orientações serão repassadas no primeiro dia letivo do semestre pelo seu Coordenador de Estágio, na sala de aula as 08 horas.

CAPÍTULO VII - DOS ANEXOS DO ESTÁGIO

I. CHECK LIST PARA ENTREGA DO ENVELOPE

() **Registro de Comparecimento no Campo de Estágio**, devidamente assinado pelo Professor Supervisor (hospital) ou Enfermeiro do Serviço (Saúde Pública).

() **Folha de Avaliação feita pelo estagiário**, respondida e assinada por você.

() **Avaliação do Estagiário**, respondida, assinada e carimbada pelo Professor Supervisor (hospital) ou Enfermeiro do Serviço (Saúde Pública).

() **Estudo de Caso** no 1º envelope.

() **Atividade de Intervenção** no 2º envelope.

() **Relatório Final** no 3º envelope.

() **Acompanhamento técnico**

II. REGISTRO de carga horária - HOSPITAL

Nome (COMPLETO) do Estagiário: _____

Campo de Estágio: _____

Professor Supervisor de Estágio: _____

Professor Orientador de Estágio: _____

Enfermeiro do Campo de Estágio: _____

PERÍODO DE ESTÁGIO:

Data	Assinatura do aluno	Horário da ENTRADA	Horário da SAÍDA	Horas cumpridas no dia	PROFESSOR Supervisor
TOTAL DE HORAS CUMPRIDAS (SOMAR NO FINAL)					
Registrar faltas, licenças médicas e participação em eventos:					

III. REGISTRO DE carga horária – SAÚDE PÚBLICA

Nome (COMPLETO) do Estagiário: _____

Campo de Estágio: _____

Professor Supervisor de Estágio: _____

Campo de Estágio: _____ DATA: ___/___/___ CICLO: _____

1- Como você avalia o acolhimento que recebeu do **Enfermeiro do Serviço?** (nome: _____)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
FRACO				RAZOÁVEL		BOM	MUITO BOM		ÓTIMO

2- Como você avalia o acolhimento que recebeu da **maioria dos membros da equipe?**

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
FRACO				RAZOÁVEL		BOM	MUITO BOM		ÓTIMO

3- Como você avalia a atuação do **Professor Supervisor de Estágio?** (nome do supervisor: _____)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
FRACO				RAZOÁVEL		BOM	MUITO BOM		ÓTIMO

4- Como você avalia a atuação do **Professor Orientador de Estágios?** (nome do prof.: _____)

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
FRACO				RAZOÁVEL		BOM	MUITO BOM		ÓTIMO

5- Como você avalia a atuação do **Coordenador de Estágios?**

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
FRACO				RAZOÁVEL		BOM	MUITO BOM		ÓTIMO

AUTOAVALIAÇÃO

5- Você acha que o período que você estagiou neste Campo de Estágio:

Não lhe acrescentou muito

Foi razoavelmente proveitoso para seu crescimento profissional e pessoal

() **Foi bom** para seu crescimento profissional e pessoal

() **Foi ótimo** para seu crescimento profissional e pessoal

Comentários, esclarecimentos, sugestões e críticas:

.....

.....

.....

.....

.....

_____ Assinatura do Estagiário

V. AVALIAÇÃO DO ESTAGIÁRIO (A)

Nome do aluno: _____

Campo de Estágio: _____ DATA: __/__/

CICLO: _____

Item avaliado									
1 – Apresentação pessoal: Maneira adequada de trajar e tratar sua aparência. Assiduidade e pontualidade: Cumpre o horário de serviço planejado.									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
FRACO		RAZOÁVEL		BOM		MUITO BOM		ÓTIMO	
2 – Capacidade técnica: desenvolve com desenvoltura os procedimentos de enfermagem.									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
FRACO		RAZOÁVEL		BOM		MUITO BOM		ÓTIMO	
3 – Interesse e iniciativa: possui interesse nas atividades propostas e investe em seu desenvolvimento técnico-científico. Aproveita as oportunidades proporcionadas no campo de estágio e tenta resolver os problemas apresentados.									
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
FRACO		RAZOÁVEL		BOM		MUITO BOM		ÓTIMO	
4 – Organização do Processo de Trabalho (Planejamento, Priorização e Avaliação): planeja as ações assistenciais e gerenciais de acordo com as necessidades identificadas na área/unidade de									

atuação.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
FRACO		RAZOÁVEL		BOM		MUITO BOM		ÓTIMO	

5 – Relacionamento interpessoal: Tem bom relacionamento com profissionais de saúde, usuários do serviço e famílias. Consegue identificar situações de conflito e propor estratégias de negociação. Colabora no desenvolvimento do trabalho em equipe

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
FRACO		RAZOÁVEL		BOM		MUITO BOM		ÓTIMO	

6 – Gerenciamento dos recursos físicos e materiais: consegue analisar as atividades de previsão, aquisição, provisão, controle e avaliação do fluxo gerencial de recursos físicos e materiais na área/unidade. Utiliza recursos físicos com cuidado e mantém o espaço físico utilizado limpo e organizado.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
FRACO		RAZOÁVEL		BOM		MUITO BOM		ÓTIMO	

7 – Habilidade para tomada de decisões: identifica situações problemáticas no cotidiano da área/unidade, analisando as causas e consequências e propõe ações viáveis para a sua resolutividade.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
FRACO		RAZOÁVEL		BOM		MUITO BOM		ÓTIMO	

8 – Capacidade de liderança: analisa as potencialidades e limitações da equipe de enfermagem e busca estratégias educativas para orientação e promoção do desenvolvimento da equipe de enfermagem.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
FRACO		RAZOÁVEL		BOM		MUITO BOM		ÓTIMO	

9 – Uso e efetivo dos sistemas de informação: domínio dos instrumentos do fluxo das informações

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
FRACO		RAZOÁVEL		BOM		MUITO BOM		ÓTIMO	

10 – Registros de Enfermagem: registros realizados de forma precisa e ordenada, domínio da terminologia em saúde, observa as normas ortográficas e as etapas do Processo de Enfermagem.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
---	---	---	---	---	---	---	---	---	----

FRACO	RAZOÁVEL	BOM	MUITO BOM	ÓTIMO
Resultado divide por 10 e multiplicado por 2 - TOTAL (20 PONTOS) =				

A avaliação deve ser realizada pelo professor supervisor do estágio e enfermeiro do campo.

VI. ACOMPANHAMENTO TÉCNICO DO ESTAGIÁRIO

Nome do aluno: _____

Campo de estágio: _____

No quadro seguir, assinale com uma X a coluna correspondente:

- 1 -Não demonstra domínio teórico;
- 2 -Demonstra apenas domínio teórico;
- 3 -Executa com necessidade de acompanhamento; 4 -Executa com autonomia e segurança.

AÇÕES/ PROCEDIMENTOS TÉCNICOS	1	2	3	4	Não houve oportunidade
	Puericultura				
Aferição da pressão arterial					
Dados antropométricos					
Curativo em lesões agudas					
Curativo em lesões crônicas					
Elaboração da escala de pessoal					
Grupo operativo					
Á Consulta de enfermagem					
R Vacina					
E Execução de sondagem SV de alívio e demora					
A Atendimento de pré-consulta					
Inst. soro venoso (preparo frasco + punção)					
S Atendimento de pós-consulta					

A	Classificação de manchester					
Ú	Aferição de temperatura					
D	Sinais Vitais					
E	Manuseio de oxímetro de pulso					
	Medicação EV					
P	Medicação injetável SC, IM					
Ú	Teste de glicemia capilar					
B	Registro de fechamento de boletins estatísticos					
L	Retirada de pontos cirúrgicos					
I						

Assinatura do aluno: _____

Data do início do ciclo: ___/___/___ Data do término do ciclo: ___/___/___

Assinatura e carimbo do Professor Supervisor: _____

VII. ACOMPANHAMENTO TÉCNICO DO ESTAGIÁRIO

Nome do aluno: _____

Campo de estágio: _____

No quadro seguir, assinale com uma X a coluna correspondente:

- 1 -Não demonstra domínio teórico;
- 2 -Demonstra apenas domínio teórico;
- 3 -Executa com necessidade de acompanhamento; 4 -Executa com autonomia e segurança.

	1	2	3	4	Não houve oportunidade
AÇÕES/ PROCEDIMENTOS TÉCNICOS					
Admissão de paciente					
Aferição da pressão arterial					

Á R	Corrida de leito					
	Curativo em lesões agudas					
	Curativo em lesões crônicas					
	Elaboração da escala de pessoal					
	Execução de ECG					
	Execução de sondagem SNE					
E A H O S P I T A L A R	Execução de sondagem SV de alívio e demora					
	Higienização de paciente restrito ao leito					
	Inst. soro venoso (preparo frasco + punção)					
	Instalação de nebulização					
	Instalação de O2					
	Instalação de oxigenoterapia					
	Manuseio de bomba de infusão					
	Manuseio de oxímetro de pulso					
	Medicação EV					
	Medicação injetável SC, IM					
	Participação no atendimento PCR					
	Registro de fechamento de boletins estatísticos					
	Retirada de pontos cirúrgicos					
	SAE – Sistematização da Assistência em Enfermagem					
	Sinais Vitais					
	Teste de glicemia capilar					
	Teste rápido HIV					
	Tricotomia					

Assinatura do aluno:

Data do início do ciclo: ___/___/_____

Data do término do ciclo:

___/___/_____

Assinatura e carimbo do Professor Supervisor:

VIII. RELATÓRIO FINAL

Nome do aluno: _____

Campo de estágio: _____ Valor: 15

pontos

Nota: _____

1) Descrição da Unidade Básica de Saúde (Tipo de Unidade Básica, Localização, Área Adscrita e Microáreas se houver, População Atendida, Número de Atendimentos mensais, etc.) (1,5 PTO):

2) Área Física (1,5 PTO):

3) Recursos Humanos (1,5 PTO):

4) Atividades Desenvolvidas:

Relatório de Atividades de Estágio descritivo quanto ao passo a passo das atividades assistenciais, administrativas e educacionais realizadas pelo estudante e quanto a articulação desse procedimento com o arcabouço teórico que o estabelece.

a) Atividades Assistenciais (1,5 PTO):

b) Atividades Administrativas (1,5 PTO):

c) Atividades Educacionais (1,5 PTO):

5)

Aponte as principais Dificuldades e Facilidades para o Desenvolvimento do Estágio Supervisionado (1,5 PTO):

6) Autoavaliação: 1) Quais as habilidades teórico metodológicas e técnico operativas desenvolvidas a partir da minha inserção no campo de estágio? (1,5 PTO)

7) Qual o nível de articulação promovido na relação entre os conteúdos do Curso de Enfermagem e a experiência de estágio? (1,5 PTO)

8)

Identifique suas principais dificuldades e habilidades apresentadas nesse período de estágio (1,5 PTO).

9) Entre 1,0 a 10,0 pontos que nota você se daria? Por que?

_____ Assinatura do Estagiário

Referências

APÊNDICE 4

REGULAMENTO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Considerando que as atividades complementares são aquelas realizadas extraclasse e incentiva o aluno a participar de experiências diversificadas que contribuam para a sua formação humana e profissional, atendendo às diretrizes nacionais do ensino em Enfermagem.

CAPÍTULO I: DAS NORMAS PARA VALIDAÇÃO DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Art. 1º- As atividades complementares são desenvolvidas conforme normas estabelecidas que se seguem:

- I. Todas as atividades consideradas como complementares devem ser obrigatoriamente comprovadas.
- II. O aluno deve acumular no mínimo 105 (cento e cinco) horas, ao longo do curso, contabilizando 55 horas em pesquisa e 50 em ensino.
- III. O aluno deverá cumprir o mínimo de 10 horas complementares por semestre.
- IV. As atividades reconhecidas pelo Curso devem estar em consonância com o Projeto Pedagógico.
- V. As atividades complementares devem ser realizadas durante o período em que o aluno esteja regularmente matriculado no Curso de Graduação.
- VI. As atividades complementares do curso de Enfermagem buscam estabelecer um fórum de divulgação da produção científica do alunado do curso em suas diversas manifestações.
- VII. O aluno deverá preencher digitalmente (o preenchimento não deve ser feito manualmente), colocando o número de certificados e a quantidade total de horas referente a cada item (somente números). Ao fim de cada tabela, deverá somar a quantidade total de horas de cada modalidade. Recomenda-se que os alunos façam a entrega dessa documentação para conferência no sexto período e ao início do oitavo período do curso.
- VIII. As cópias dos certificados deverão acompanhar este documento, numeradas conforme os itens correspondentes e dispostas na mesma ordem das tabelas a seguir (por exemplo: as cópias dos certificados de estágio extracurricular deverão ter escrito à mão “Item 1.1”; após estes certificados deverão estar as cópias dos certificados de horas excedentes em estágio curricular, constando “Item 1.2” escrito à mão; e assim sucessivamente. Os itens para os quais não há certificado deverão ficar em branco). Os certificados devem conter data de realização da atividade, carga horária e número de registro.
- IX. Ao fim das três tabelas, o aluno deverá preencher o total de horas, incluir seu nome completo, número e matrícula, datar e assinar o documento.

Exemplo:

Nome completo do discente: _____ Matrícula:

- X. As atividades complementares deverão ser realizadas em áreas afins do curso e durante o período de integralização do curso e são divididas em dois grupos: atividades de ensino e atividades de pesquisa, sendo que os alunos devem distribuir a carga horária nos dois grupos.

CAPÍTULO II: DOS REGISTROS DAS ATIVIDADES COMPLEMENTARES

Art. 2º- As atividades complementares serão registradas e validadas pela Coordenação do curso de Enfermagem conforme a tabela de registro e assinada a seguir:

1. ENSINO					
Pontuação Mínima Necessária: 50 pontos					
Item	Tipo de atividade	Descrição	Pontuação Máxima permitida em horas	Quantidade de certificados	Total de horas do item
1.1	Participação, como membro efetivo, caráter ouvinte, em eventos científicos: semana acadêmica (ou equivalente), seminário, jornada, fórum, congresso.	Será computado o número de horas estabelecido no certificado do evento, sendo validadas no máximo 30 horas para cada evento	30 horas		
1.2	Participação, como membro efetivo, em eventos estudantis: semana acadêmica (ou equivalente), seminário, jornada, fórum.	Será computado o número de horas estabelecido no certificado do evento, sendo validadas no	10 horas		
		máximo 10 horas para cada evento.			
1.3	Participação em apresentação e/ou defesa pública de trabalho de conclusão de curso, monografia/artigo, dissertação e tese promovidos por instituições de ensino superior.	Serão computadas 5 horas para cada participação	35 horas		

1.4	Cursos dirigidos especificamente a acadêmicos e profissionais de nível superior da área de saúde, promovidos por instituições reconhecidas pelo Colegiado de Graduação do Curso. (Seja presencial ou EAD)	Cada uma hora realizada equivale a uma hora de atividade complementar.	40 horas		
1.5	Atuação como monitor em disciplinas do Curso (mínimo de um semestre completo).	Será computado, no máximo de 40 (quarenta) horas para cada monitoria/semestre.	80 horas		
1.6	Estágio não obrigatório, remunerado ou não.	Será computado, no máximo, 40 (quarenta) horas para cada semestre.	40 horas		
1.7	Participação em atividade de ação comunitária, reconhecida pela Unidade Acadêmica	Cada uma hora realizada equivale à uma hora em atividade complementar	40 horas		
1.8	Participação em comissões (organização de eventos), colegiado, Órgãos de Representação Estudantil, reconhecidos pela Unidade Acadêmica.	Serão computados 5 (cinco) horas por mês de atuação.	40 horas		
Total de horas de certificados de ensino					
2. PESQUISA					
Pontuação Mínima Necessária: 5 5 pontos					
Item	Tipo de atividade	Descrição	Pontuação Máxima (em horas)	Quantidade de certificados	Total de horas do item

3.1.	Apresentação de trabalho (tema livre) em congresso, seminário, simpósio, salão de iniciação científica e similar, local, regional, nacional e internacional.	Cada publicação equivale a 15 (quinze) horas e 20 (vinte) para eventos internacionais. Caso o trabalho seja premiado, acrescenta-se mais 5 (cinco) horas.	40 horas		
3.2	Publicações de artigo científico completo (artigo efetivamente publicado ou com aceite final de publicação) em periódico indexado, especializado, com comissão editorial, sem a necessidade de ser o primeiro autor.	Cada publicação equivale a 15 horas	40 horas		
3.3	Participação em pesquisa, com ou sem bolsa de iniciação científica, com pesquisador ou grupo de pesquisa / instituição reconhecida pela Unidade Acadêmica.	Serão computadas as horas constantes no certificado.	40 horas		
Total de horas de certificados de pesquisa					

*Indexados em uma das seguintes bases: MEDLINE, SCOPUS, JCR, LILACS ou SCIELO e que não integre o QUALIS Capes.

TOTAL GERAL DE HORAS

Venho por meio deste documento solicitar a conferência de minhas horas complementares conforme listado nas tabelas precedentes e confirmadas mediante cópias dos certificados em anexo, as quais declaro como verdadeiras.

(Digite aqui o nome completo do aluno)

(Digite aqui o número de matrícula do aluno)

Divinópolis, ____ de _____ de _____.